



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Karla Azeredo Ribeiro Marinho

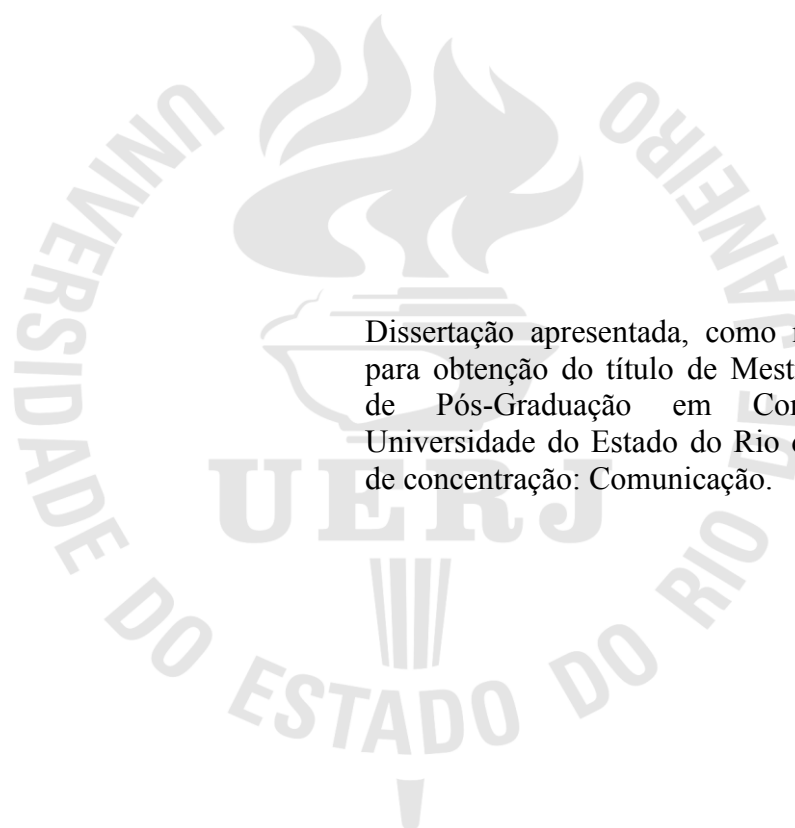
**Entre duas rodas e uma tela:
a sociabilidade na rede social Tornadeiros**

Rio de Janeiro

2011

Karla Azeredo Ribeiro Marinho

**Entre duas rodas e uma tela:
a sociabilidade na rede social Tornadoiros**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

M338

Marinho, Karla Azeredo Ribeiro.

Entre duas rodas e uma tela : a sociabilidade na rede social
Tornadeiros / Karla Azeredo Ribeiro Marinho. – 2011.
100 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Faculdade de Comunicação Social.

1. Redes sociais on-line – Teses. 2. Redes de relações sociais
– Teses. 3. Capital social (Sociologia) - Teses. 4. Sociabilidade –
Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

dc

CDU 659.3:004.738

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.

Assinatura

Data

Karla Azeredo Ribeiro Marinho

**Entre duas rodas e uma tela:
a sociabilidade na rede social Tornadeiros**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em 12 de abril de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Prof. Dr. Ronaldo George Helal
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Prof. Dr. Guilherme Nery Atem
Faculdade de Comunicação Social da UFF

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

À rede de interações mais afetiva que construí ao longo da minha vida: minha família.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse realizado e é praticamente impossível citar todas elas. Primeiramente gostaria de agradecer ao meu esposo, Wemerson, pela amizade, companheirismo e paciência, além do constante otimismo oferecido, do início ao fim do mestrado, através de sugestões e discussões acaloradas contribuiu a enriquecer esta dissertação. Sem o seu amor, nada em minha vida seria possível.

Agradeço ao professor Márcio Souza Gonçalves, cujo auxílio e grande competência na orientação do trabalho foram muito importantes para o avanço desta pesquisa. Agradeço ainda aos professores Ronaldo Helal e Fátima Regis, pelas palavras de encorajamento e reconhecimento proferidas durante a qualificação que estimularam a conclusão deste trabalho diante das dificuldades e incertezas reservadas à vida de um pesquisador.

Muitas pessoas me auxiliaram não em termos acadêmicos, mas nos afazeres e convivências do dia-a-dia. Agradeço com um carinho especial aos meus pais Jandira e Esmeraldino, e a minha irmã Ana Paula, por oferecerem muita compreensão em tantos momentos de ausência, além de otimismo e esperança inacabáveis.

Agradeço aos *Tornadeiros*, cujo grupo, inicialmente objeto de pesquisa desta dissertação, me acolheu, motivou e estimulou a fazer parte de inúmeras trocas provenientes de todas as formas de interação com eles experimentadas, tornando possível um mergulho pleno no trabalho etnográfico realizado.

Finalmente, agradeço ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo apoio ao longo destes dois anos de convivência, que foi essencial para o desenvolvimento de toda a pesquisa realizada durante a conclusão do mestrado.

As histórias certamente se repetiram. Todo mundo entrou no site pra procurar alguma coisa que se referisse à moto, mas no final das contas acabou esbarrado com o espírito Tornadeiro. Você deve ter escutado muito sobre este ‘espírito’ ao longo das entrevistas que fez. (*risada*). É algo muito difundido entre nós. Este espírito Tornadeiro nada mais é que o encontro de pessoas especiais que independe de ter moto, da moto que se tem, seja Ninja, Tornado, Fazer. Não é a Tornado que nos une efetivamente, seja com ou sem moto, você se sente muito à vontade. Até quem não tem moto, mas vem a reboque nas experiências dos outros, se sente parte deste grupo. É interessante observar que não é pra todos este espírito. Houve aqueles que passaram pelo grupo, seja através somente da internet ou pelos encontros e não se encaixaram. Não ficaram. Meio que eles mesmos se excluíram. Na verdade, este companheirismo que encanta a maioria só toca os querem ser tocados, seja pela partilha de experiências, troca de informações, encontros, risadas ou não. Vai ser muito fácil pra você observar isso agora dentro do grupo, se você se despir do seu papel de investigadora só um momento, será tão ou mais contagiada do que já foi e poderá escrever sobre si mesma, sobre as afetações que este grupo te causou, porque não só pra mim, como pra muitos que estão aqui e outros que não puderam vir essas afetações acontecem o tempo inteiro, do momento que se posta uma dúvida, que se divide uma experiência ao momento que tem esta experiência ou dúvida imediatamente atendida por outro membro do grupo. A verdade é que o companheirismo é o norteador do espírito Tornadeiro que conta, sobretudo, com a cooperação uns dos outros escrevendo cada página daquele site e também reescrevendo a vida de todos nós afetados direta ou indiretamente por ele.

Depoimento dado pelo membro Fox da rede social Tornadeiros, em 13 de fevereiro de 2010.

RESUMO

MARINHO, Karla Azeredo Ribeiro. *Entre duas rodas e uma tela: a sociabilidade na rede social Tornadeiros*. 2011. 98f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A partir do entendimento das novas possibilidades sociais permitidas pela Internet, este trabalho tem por objetivo investigar a sociabilidade em redes sociais virtuais a partir do desenvolvimento do capital social entre os membros integrantes destas redes. Buscamos compreender as motivações que possibilitam que as relações sociais sejam construídas e mantidas no e a partir do espaço virtual determinando os fatores que tornam tais relações materializadas no espaço offline. Para tal, realizamos um estudo de caso de uma rede social constituída por motociclistas, o site *Tornadeiros*. Logramos apreender, o contexto de interação entre os membros desta rede e de que modo o fortalecimento do capital social é propulsor do deslocamento das relações no ambiente virtual para o espaço urbano, determinando a sedimentação de vínculos afetivos entre os indivíduos, inicialmente previstos como banais e efêmeros, dado a lacuna espaço-temporal existente entre estes atores. Para explorar estas dimensões iniciamos o trabalho etnográfico no ciberespaço e posteriormente no espaço urbano. A etnografia no ciberespaço consistiu na aplicação de um questionário online para determinar o perfil dos membros da rede social e na compilação de todo conteúdo de postagens disponível na memória coletiva do site. Os dados compilados foram tratados posteriormente para determinar a topologia da rede de interações entre os membros. Deste material, selecionamos 17 discursos para estudo, articulando a análise dos discursos com as observações produzidas pelo grafo da rede de interações do site. Finalmente, no segundo momento etnográfico, nós confrontamos os resultados com as entrevistas presenciais, tornando possível perceber o estabelecimento e manutenção das relações sociais a partir do capital social desenvolvido nesta rede.

Palavras-chave: Redes sociais. Afeto. Capital social. Sociabilidade.

ABSTRACT

From the understanding of new social possibilities enabled by the Internet, this study aims to investigate the sociability in social networks through the development of social capital in these networks. We sought to understand the motivations that lead social relations be constructed and maintained in the virtual space and determine the factors that make such relations materialize in the offline space. To this end, we conducted a case study of a social network of motorcyclists, the site *Tornadeiros*. We manage to grasp the context of interaction between members of this network and how the strengthening of social capital becomes a driver of relations displacement from the virtual environment to the urban space, determining the sedimentation of emotional bonds between individuals, initially thought as banal and ephemeral, given the space-time gap between these actors. To explore these dimensions, we conducted an ethnographic analysis on the cyberspace and then on urban space, seeking to illuminate the qualitative analysis of social relations. Cyberspace ethnography consisted of an online survey to determine the profile of the social network members and the compilation of all posts available in the collective memory of the site, that were further processed to determine the topology of the network of interactions among members. From this material, we selected 17 speeches, articulating discourse analysis with the conclusions obtained from the graph produced by the network interaction of the site. Finally, on a second moment of ethnographic work, we compared our results with the face to face interviews, realizing the establishment and maintenance of social relations from the social capital developed in the network.

Keywords: Social networks. Affection. Social capital. Sociability.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 | METODOLOGIA DE PESQUISA | 12 |
| 1.1 | Etnografia no ciberespaço | 12 |
| 1.2 | Etnografia Offline | 17 |
| 2 | REDES SOCIAIS NA INTERNET | 19 |
| 2.1 | Da gênese da palavra ao conceito de rede social | 19 |
| 2.2 | Perspectiva sociológica da rede | 24 |
| 2.3 | Perspectiva comunicacional da rede | 27 |
| 3 | CAPITAL SOCIAL E SOCIABILIDADE EM REDE | 33 |
| 3.1 | Definindo o conceito de capital social | 33 |
| 3.2 | Variáveis determinantes do capital social | 38 |
| 3.3 | Capital social como vetor das relações sociais no espaço virtual | 42 |
| 4 | ESTUDO DE CASO DA REDE SOCIAL <i>TORNADEIROS</i> | 45 |
| 4.1 | Entre duas rodas e uma tela: a gênese do site <i>Tornadeiros</i> | 46 |
| 4.1.1 | <u>O perfil do site</u> | 47 |
| 4.1.2 | <u>A estrutura organizacional do site</u> | 50 |
| 4.2 | A dinâmica comunicativa da rede social <i>Tornadeiros</i> | 51 |
| 5 | CONCLUSÕES | 81 |
| | REFERÊNCIAS | 85 |
| | APÊNDICE A - Questionário Perfil do Site Tornadeiros | 89 |
| | APÊNDICE B - Dinâmica discursiva no Fórum Oficina | 92 |

INTRODUÇÃO

As últimas décadas foram intensamente marcadas, entre outros fenômenos, por profundas transformações em todos os aspectos da vida humana. Assim como em outros momentos de mudanças sociais, o desenvolvimento tecnológico, principalmente no que se refere à comunicação, impulsionou este processo.

O processo de consolidação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) foi responsável para o estabelecimento de um novo modelo informacional, caracterizado pelo dinamismo das atividades sociais e por ampliar a capacidade de circular e difundir informações instantaneamente (CASTELLS, 1999).

Este novo modelo informacional constituiu uma revolução sociotécnica¹, tendo na Internet sua maior expoente, haja vista ser esta ferramenta responsável pela abertura de novos caminhos para criação de um novo espaço capaz de esfumegar os limites territoriais e geográficos existentes como entraves nas relações sociais.

Diante deste cenário, novas modalidades de interação entre os indivíduos foram inauguradas, estando estes mergulhados nas variadas possibilidades de se comunicar em função das inovações tecnológicas por eles experimentadas.

Considerando essas novas formas de interação viabilizadas pela internet e suas conseqüências, começamos a definir o tema desta dissertação. Investigamos, com efeito, as relações sociais construídas e mantidas no e a partir do ambiente virtual, de modo a perceber através do capital social produzido nestas interações se é possível criar vinculação social efetiva no espaço offline a partir de uma experiência virtual.

Para tal, realizaremos um estudo de caso de uma rede social constituída por motociclistas, o site *Tornadeiros.com*. O site referido nos fornece um laboratório para observação desta experiência, por se tratar de uma rede virtual, inicialmente caracterizada como uma tribo de motociclistas que opera em âmbito nacional. Ao longo dos seus cinco anos de existência foram agrupados mais de sete mil membros reunidos em torno do afeto² partilhado por motos.

¹A revolução sociotécnica é compreendida por Castells como todas as transformações na esfera social possibilitadas pela incorporação e uso das TIC's, em especial a internet, que segundo o autor é uma poderosa ferramenta de organização e mobilização social para as pessoas e sociedades que a ela tem acesso (Castells 1999, p. 288).

²O afeto pode ser conceituado como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se a vivência dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (BERCHET, 2001). Já Piaget reconhece que o afeto é o agente motivador da cognição humana, onde afetividade e razão constituiriam termos complementares. A afetividade seria a energia movendo a ação e a razão conduzindo aos sujeitos identificarem seus desejos, sentimentos e obter êxito na ação (LA TAILLE, 1992).

Maffesoli (2000) entende por tribos ou neotribos, as associações com bases afetivas emergentes na pós-modernidade. Essa estrutura social estaria ancorada no que ele chamou de “comunidades emocionais”, cujo caráter comunitário é designado pelo conjunto de expressões que remete a uma subjetividade em comum, a uma paixão partilhada. (MAFFESOLI, 2000).

Compreendendo esta forma de agrupamento no site *Tornadeiros*, partimos da perspectiva de Maffesoli para observar as dinâmicas comunicativas deste espaço, como os atores sociais se conhecem, interagem, trocam informações, constroem amizade, confiança e, posteriormente, extrapolam a virtualidade em encontros presenciais, sedimentando no espaço urbano os vínculos sociais inicialmente criados no ambiente virtual.

Uma vez delimitado o objeto de estudo, partimos da hipótese de que as relações de confiança e reciprocidade estabelecidas entre os membros de uma rede social online são fatores determinantes para impulsionar o contato face a face, promovendo a construção de vínculos sociais efetivos fora do ambiente virtual.

Deste modo, logramos apreender, sobre o prisma da sociabilidade, o contexto de interação entre os membros da rede *Tornadeiros* para problematizar a seguinte questão: quais são os fatores preponderantes para que redes sociais virtuais materializem suas dinâmicas interativas no espaço offline construindo vínculos sociais efetivos e duradouros? É, pois, esta temática que desenvolveremos nesta investigação.

Pretendemos dividir a dissertação em cinco capítulos:

No capítulo 1 – Metodologia de pesquisa – apresentaremos detalhadamente a metodologia utilizada, descrevendo todos os métodos e técnicas utilizados na investigação.

O capítulo 2 – Redes Sociais na Internet - será dedicado a revisão bibliográfica do principal conceito que constitui o substrato teórico da dissertação: o conceito de rede, trabalhando questões como sua perspectiva sociológica e comunicacional.

No capítulo 3 – Capital social e sociabilidade em Rede, após a apresentação do conceito de capital social, à luz de autores como Baker (1990), Portes (1998), Putnam (1995), Coleman (1990) e Bourdieu (1980) buscaremos no trabalho de Claridge (2004) as variáveis determinantes do capital social. Depois, voltaremos nossa particular atenção ao estabelecimento da relação do capital social com o processo de sociabilidade em rede.

Após o enquadramento teórico, pretendemos avançar para a análise de redes no capítulo 4 – Estudo de caso da Rede Social *Tornadeiros*. Utilizaremos o objeto de estudo para caracterizar uma rede social com base na partilha de indivíduos por um mesmo afeto, tomando emprestado de Maffesoli (2000) o conceito de Neotribalismo para determinar o surgimento desta rede, objeto empírico deste trabalho, buscando identificar quais são os

fatores preponderantes para que essa rede social extrapole a virtualidade constituindo vínculos sociais efetivos e duradouros.

Para tal, observaremos as variáveis determinantes do capital social (elencadas no capítulo 3) na Rede *Tornadeiros* e a partir destes elementos faremos a análise do discurso presente nos Fóruns *Oficina* e *Encontros Agendados*. Esta análise junto ao tratamento de dados estatísticos levantados ao longo da primeira fase etnográfica nos permitirá determinar os nodos existentes nesta rede, identificando os nodos fracos e fortes (fiduciários³), demonstrando os níveis de capital social na teia de interações entre os membros integrantes da rede social.

Estes dados serão cruzados com as entrevistas presenciais realizadas na segunda fase etnográfica deste estudo de modo a sustentar a hipótese inicial desta investigação, segundo a qual as relações de confiança e reciprocidade estabelecidas entre os membros de uma rede social online são fatores determinantes para impulsionar o contato face a face, promovendo a construção de vínculos sociais efetivos inicialmente imaginados como efêmeros⁴, dado a lacuna espaço-temporal existente entre estes atores.

Por fim, apresentaremos as conclusões deste estudo pretendendo contribuir para a compreensão do estudo do capital social em redes sociais na internet.

³Maingueneau (2005) entende como fiduciários os atores que são vistos como referência por seus pares. Os fiduciários se impõem por meio de sua prática discursiva, despertando o respeito, admiração e confiança do grupo.

⁴Maffesoli (2000) entende que as relações sociais contemporâneas estão previstas sob um novo paradigma que o autor chama de neotribalismo. Neste paradigma os atores se aproximam com base no mesmo afeto, pela ordem do banal. Entendendo que os interesses dos indivíduos não são duradouros, o autor assevera que estas relações sociais podem ser efêmeras por se manifestarem por meio do que ele chama de “condensações instantâneas” (MAFFESOLI, 2000, p. 107).

1 METODOLOGIA DE PESQUISA

A estratégia de pesquisa escolhida para esta investigação foi o estudo de caso. Dois momentos distintos marcaram os caminhos escolhidos para este estudo.

O primeiro refere-se a um trabalho etnográfico realizado na dimensão do ciberespaço. Esta etapa compreendeu a utilização dos seguintes métodos qualitativos: técnica de observação participante, aplicação de questionário e realização de uma entrevista focalizada com o administrador do site. Simultaneamente, trabalhamos com métodos quantitativos, selecionando e compilando 818 megabytes de texto disponível na memória coletiva do site, que foram tratados posteriormente para determinar a topologia da rede de interações do site *Tornadeiros*. Deste material, foram selecionados 17 discursos para realizar posteriormente a análise dos discursos, complementando os resultados da análise da topologia da rede.

O segundo momento foi marcado por uma etnografia no espaço offline, após a verificação do deslocamento das relações sociais iniciadas na internet para fora dela. Esta etapa manteve a técnica de observação participante acompanhando o grupo e suas dinâmicas no Encontro Nacional de *Tornadeiros*, um evento planejado no ambiente virtual, onde diversos membros de todo o país se deslocam em suas motocicletas para uma cidade escolhida para um encontro presencial, se acumulando em comboios ao longo da viagem. A ocasião permitiu a realização de 20 entrevistas focalizadas.

1.1. Etnografia no Ciberespaço

Este primeiro momento da pesquisa consistiu em realizar um trabalho etnográfico no campo da comunicação digital. De acordo com Amaral *et al* (2008) o termo que melhor define uma etnografia no ciberespaço é netnografia que foi cunhado originalmente por um grupo de pesquisadores norte-americanos, com o objetivo de realizar um trabalho de investigação utilizando o meio eletrônico preservando os detalhes da observação de campo (Braga, 2007, p. 5).

Para tal, inicialmente, a pesquisadora cadastrou-se no site *Tornadeiros* em 17 de fevereiro de 2009 não somente para participar de todas as interações previstas neste espaço através da técnica de observação participante bem como ter acesso a todo o universo da rede de interações, tendo em vista que alguns espaços, tal como os destinados a mensagens

particulares (MPs) são exclusivamente acessados por membros cadastrados.

Com acesso ao site, foi compilado com a ajuda de um programa de computador todo o conteúdo das páginas disponíveis, desde sua fundação, 09 de agosto de 2005 até o marco final desta etapa da investigação, 11 de março de 2010.

A netnografia, assim, contemplou a análise de dados quantitativos para se obter posteriormente dados qualitativos que pudessem promover a interpretação das relações sociais circunscritas no objeto de estudo.

Basicamente, essa etnografia perpassou pela aplicação de um questionário (a) e pela criação da matriz de interações (b) do portal *Tornadeiros* e (c) realização de uma entrevista focalizada com o administrador e um dos moderadores do site. Esse procedimento levantou dados quantitativos e qualitativos que foram analisados sob a luz dos teóricos Bourdieu (1980), Matos (2009), Simmel (2006), Maffesoli (2000), Castells (1999), Rheingold (1996), Maingueneau (2005), na tentativa de responder o problema que motiva esta investigação.

a) Questionário

Com o objetivo de traçar o perfil do usuário e de suas motivações de acesso foram elaboradas 13 questões em formato múltipla escolha. Algumas permitiam respostas outras além daquelas inicialmente disponíveis nas alternativas. O questionário foi dividido em três partes.

A primeira parte buscava identificar os membros filiados, versando sobre características tais como, sexo, idade, localização, se motociclista ou não e como conheceu o site.

A segunda parte tinha o intuito de identificar o perfil do consumo do site. Foram abordadas questões sobre a frequência de acesso ao site, principal motivo de acesso, grau de facilidade de navegação e assuntos de maior interesse por parte dos membros.

A terceira e última parte do questionário tinha como objetivo observar o nível de sociabilidade que o site promovia entre seus membros. Foram realizadas perguntas sobre os vínculos sociais criados através do site, o compartilhamento de informações provenientes do mesmo com outras pessoas não membros da comunidade virtual e a intenção ou participação em eventos presenciais negociados e promovidos através do site.

A identificação de cada membro respondente era facultativa e somente seria utilizada para os fins deste trabalho, na forma consolidada aos demais resultados. O questionário completo está disponível no Apêndice A (p. 92-94). O questionário foi testado com doze

voluntários para verificar a sua eficácia.

Uma vez definidas as questões, utilizou-se da ferramenta *Google Docs.*, de modo a disponibilizar o questionário em um endereço eletrônico, para contornar o obstáculo da dispersão geográfica dos membros do portal e por ser o uso da internet uma realidade no universo destes usuários, haja vista estarem conectados por meio do espaço virtual. A utilização desta ferramenta potencializava também a análise dos resultados, uma vez que os dados obtidos por meio do questionário eram armazenados em uma planilha eletrônica.

No período compreendido entre 02 de fevereiro e 11 de abril de 2010, por meio de vigílias de 5 horas, em períodos distintos do dia, foram abordados cerca de 700 membros que se encontravam online, com uma média de dez abordagens ao dia, utilizando o recurso de mensagens particulares (MPs) disponível no site. A mensagem enviada a cada membro continha uma breve apresentação da pesquisa, disponibilizava o endereço eletrônico para sua aplicação e convidava a participação do mesmo.

Cento e oitenta e sete membros responderam ao questionário, representando 2,5% dos 7.225 de usuários cadastrados até o fim do período citado o que corresponde a uma taxa de participação de 26.7% entre os 700 convites enviados.

O tratamento destas informações foi realizado posteriormente no Microsoft Excel para gerar gráficos que permitissem visualizar os resultados obtidos nesta fase da pesquisa.

b) Matriz de relacionamentos

Com o objetivo de evidenciar o relacionamento entre membros e obter informações disponíveis de forma online no portal, utilizou-se de rotinas em *Visual Basic Application (VBA)*, para compilar todo o conteúdo em formato HTML do site *Tornadeiros*, desde sua criação (09 de agosto de 2005) até a data que representa o marco de encerramento da primeira etapa do trabalho etnográfico (11 de março de 2010).

No âmbito da investigação proposta neste trabalho, foram excluídas postagens no fórum de *Compras e Vendas*, uma espécie de classificados de produtos relacionados ao motociclismo, pelo motivo deste conter um número de interações suficientes apenas para a venda de determinado produto ou mesmo nenhuma interação, no caso de não interesse por parte dos membros. O fórum *Anúncios da Administração* também foi excluído da amostragem por se tratar este de um espaço para informações sobre o funcionamento do portal, não estando disponível para interação.

O resultado dessa compilação gerou 818 Megabytes de informação de texto,

compreendidos em 5.695 tópicos, totalizando 114.992 postagens.

Após a armazenagem dos arquivos em HTML, estudamos a lógica empregada pela linguagem Php, com o auxílio de um programador, de modo a localizar no Script PHP referente a cada tópico, o código de início de cada postagem. A partir daí gerou-se rotinas em VBA para extrair de cada tópico o nome do usuário e a data de postagem, armazenando-os de forma seqüencial em arquivo de texto separado por vírgulas (Comma Separated Value - CSV), tópico a tópico.

Uma vez que cada postagem é seqüencial, a relação de interação é unidirecional. Aquele que posta, interage apenas com os membros que postaram anteriormente.

Pela estrutura do portal, é possível que um membro venha a visualizar uma nova postagem por outro membro, entretanto, esta interação só pode ser evidenciada na medida em que este se manifeste por meio de uma nova mensagem. Nesta simplificação, obtendo a seqüência das postagens, é possível inferir com quem um membro que está postando agora está interagindo.

No âmbito desta investigação, assumiu-se que o último membro a postar interage com os 05 (cinco) últimos membros que postaram anteriormente ou com os membros que postaram após sua última mensagem, se esta estiver entre as 5 últimas.

Com o auxílio de outra rotina em VBA, consolidou em uma matriz CSV as interações, onde para cada mensagem, armazenou-se na linha referente ao emissor um acréscimo de 1 para cada uma das colunas referentes aos 5 últimos membros anteriores a postagem referida, ou até que a fosse atingida a última postagem do usuário. No caso de haver duas ou mais postagens por outro membro entre as cinco últimas, a interação seria computada apenas 1 vez. Para obter o número de interações de cada usuário, somou-se o conteúdo de cada linha. Repetiu-se o procedimento para os 5.695 tópicos de forma cumulativa.

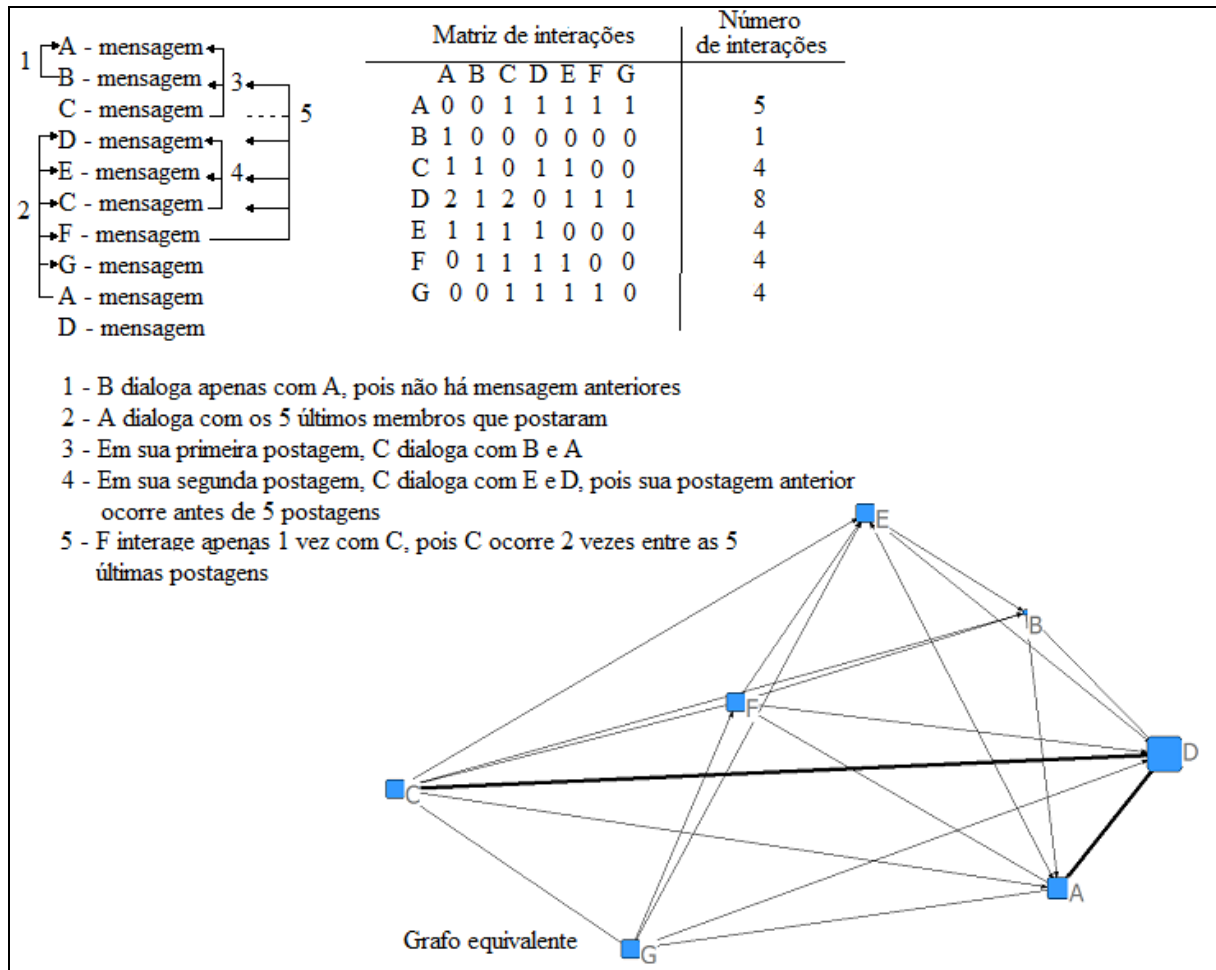


Figura 1 Exemplo de postagens seqüenciais, matriz de interações e grafo equivalente.

Em virtude da enorme quantidade de informação disponível sobre as interações e do grande número de membros, a ilustração da rede completa é computacionalmente intensiva (não podendo ser expressa em sua totalidade em função da quantidade de cálculos ser muito grande o que demandaria recurso computacional dispendioso). Gerou-se, então, o somatório de interações de cada usuário que realizou postagens e ordenou-se uma lista decrescente do número de interações, partindo dos membros que apresentam maior número para os que apresentam menor número.

Percebeu-se que 69% das interações presentes nos dados compilados estavam concentradas em 75 usuários, o que corresponde a 3,4% do total de usuários (2.189) em interação na amostragem referida do site. Desta forma, a problemática da intensidade computacional pôde ser simplificada.

De posse destas informações, gerou-se uma matriz reduzida representando as interações dos membros. Os indivíduos que não figuram entre os 75 mais interagentes foram

agrupados como “Outros Membros” redefinindo a matriz de interação e tornando o trabalho tratável computacionalmente.

Com a nova matriz, para efeito de visualização dos nodos, utilizou-se do software *Ucinet 6*, para construir grafos da rede *Tornadeiros* de modo a evidenciar apenas os principais fiduciários⁵ da rede que representam os laços fortes das interações, enquanto os membros alocados na categoria ‘Outros membros’ representam os laços fracos.

Esta fase, apesar de definida quantitativamente pelo tratamento estatístico, denota aspectos qualitativos dos nodos da rede, demonstrando os nodos fracos e fortes presentes na teia de relacionamentos do site *Tornadeiros*, permitindo assim identificar as conexões que representam maior concentração de capital social na rede.

Embora a pesquisa trabalhe com a hipótese de produção do capital social compreendido positivamente, levou-se em consideração a possibilidade de produção de um capital social negativo, tal como a presença de indivíduos construindo uma espécie de má reputação no ambiente virtual. Entretanto, verificamos ao longo da primeira etapa da observação participante que tais casos são raros e isolados e não suscitaram muitas replicas, logo, apresentaram pouca ou nenhuma interação de tal modo que nossa metodologia de mensuração de interação pode ser considerada como auferindo o capital social positivo.

1.2 Etnografia offline

O segundo momento que marcou esta pesquisa foi a realização da etnografia no espaço offline.

Em julho de 2009, durante a primeira fase da etnografia (na dimensão do ciberespaço), a autora entrou em contato com o administrador do site através do recurso MP (mensagem particular) solicitando uma entrevista para conhecer a história de formação do site. A entrevista foi realizada com o fundador e um dos principais moderadores do site.

Para mergulhar no objeto de pesquisa nesta etapa, ainda na primeira fase etnográfica, houve uma preparação da autora, matriculando-se numa auto-escola com o objetivo de acompanhar efetivamente o grupo na condição de motociclista. Os meses de outubro e novembro de 2009 foram destinados a obter a Carteira Nacional de Habilitação na categoria A (categoria de motocicleta).

⁵ Fiduciários como nodos fortes da rede.

Foi escolhido como marco desta etapa da investigação o 6º *Encontro Nacional de Tornadoiros* (6ºENT), encontro anualmente negociado e promovido pelos membros do site, que “objetiva materializar os vínculos de amizade criados ao longo do ano”, de acordo com o administrador do portal em entrevista realizada no dia 29 de julho de 2009.

O 6º ENT realizou-se no período do carnaval de 2010, precisamente entre os dias 13 e 17 de fevereiro. Teve como destino a cidade de Caldas Novas, no Estado de Goiás. Foram percorridos pela pesquisadora 1.278 quilômetros, acompanhando inicialmente a motocaravana do Rio de Janeiro.

Foram percorridos no primeiro dia 828 quilômetros até a cidade de Ribeirão Preto, ponto de encontro das motocaravanas dispersas por diferentes Estados do país. Foram realizadas sete entrevistas com membros de alguns Estados do país neste momento da viagem. No segundo dia, foram percorridos mais 450 quilômetros até o destino final do grupo, Caldas Novas, no Estado de Goiás. Durante as paradas, em meio aos deslocamentos para o local de descanso, a autora pôde constatar que muitos dos participantes apenas se conheciam no ambiente virtual. Eles se apresentavam entre si pelo apelido adotado no site e, posteriormente, revelavam seus nomes verdadeiros e davam prosseguimento a conversa retomando assuntos tratados no ciberespaço (lugar em que já se conheciam).

Ao chegar ao destino do encontro (Caldas Novas/GO) foram realizadas entrevistas abertas presenciais com 20 membros do grupo utilizando um gravador, buscando entender como é possível extrapolar a virtualidade das relações sociais iniciadas no site e criar vínculos efetivos.

O objetivo desta investigação, perpassando por todas as fases descritas na metodologia, é identificar as motivações para a participação e a manutenção de relações sociais no espaço virtual bem como determinar quais são os fatores preponderantes para que estas relações se materializem no ambiente offline.

2 REDES SOCIAIS NA INTERNET

O estudo de redes vem ganhando enorme destaque em diversas áreas do conhecimento. São algumas as aplicações do conceito de rede com enfoque diferenciado que encontramos em literatura diversa sobre o assunto: redes de computadores, redes de organização, redes interpessoais. Entretanto, apesar de aplicações distintas, todas estas modalidades de rede trazem semelhanças entre si, fundadas em bases de trocas como poderemos perceber adiante.

Deste modo, iniciamos este trabalho resgatando um pouco da história da origem das redes para chegar ao objeto de estudo que aqui nos interessa: redes sociais na internet.

2.1 – Da gênese da palavra ao conceito de rede social

Em sua etimologia a palavra rede surge no século XII do latim *retiolus*, diminutivo de *retis* que, de acordo com Musso (2004), referia-se a redes de caça ou pesca, além de malhas ou ainda fios entrelaçados formando tecidos. Nota-se que, essa noção de rede é externa ao corpo, configurando a relação de tessitura de uma rede por um trabalhador, concebendo-a como objeto de seu ofício. Essa noção foi utilizada por séculos qualificando rede como uma trama de fibras têxteis.

A partir do século XVII a idéia de rede é ressignificada pela ciência que se apropria do termo para dar conta de observar o corpo humano. Foi na medicina, através do médico italiano Marcelo Malpighi, que em 1628 os primeiros registros científicos apontam o uso da palavra rede para um estudo sobre o corpo reticular da pele (MUSSO, 2004).

Na matemática, por sua vez, Leonard Euler iniciou um trabalho no século XVIII utilizando uma teoria de redes que ele primeiro chamou de teoria dos grafos para resolver o conhecido problema das Sete Pontes de *Konigsberg*, diante de duas ilhas que juntas formavam um complexo contendo sete pontes.

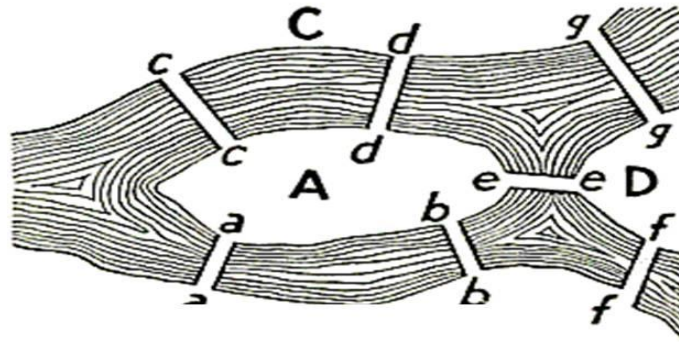


Figura 2 As Sete Pontes de Königsberg. Fonte: Instituto de Física da UFSC.

O problema era como atravessar todas as pontes sem repetir nenhuma delas. Euler, então, em 1736, modelou o problema das sete pontes em um grafo, transformando os caminhos em arestas e suas interseções em vértices, demonstrando pelo fluxo em rede a impossibilidade de atravessar todas as pontes sem repetir nenhuma delas.

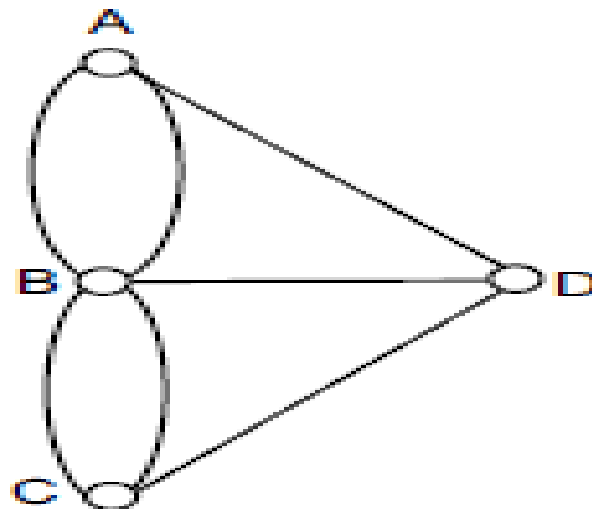


Figura 3 Grafo do problema das Sete Pontes de Königsberg. Fonte: Instituto de Física da UFSC.

Essa percepção do matemático deu suporte para outras experiências em rede, tal como a realizada pelo sociólogo de Harvard Stanley Milgram, que, interessado pela estrutura da sociedade americana, buscou experimentos que o levassem a concluir a distância média entre

duas pessoas quaisquer nos Estados Unidos.

O experimento foi realizado através da criação de uma rede entre pessoas residentes no Kansas e Nebraska que enviavam centenas de cartas com base nas orientações fornecidas pelo pesquisador. As pessoas eram escolhidas de forma aleatória e na carta eram perguntadas se conheciam a esposa de algum aluno de graduação que residia em Massachusetts ou se conheciam algum corretor de fundos em Boston. Caso a resposta fosse afirmativa, as pessoas deveriam enviar as cartas a estes destinatários, do contrário, deveriam enviar cartas a outras pessoas que conheciam supostamente pessoas com as características exigidas pelo pesquisador. Deste modo, Milgram conseguiria seguir a rota das cartas. Foram 160 cartas enviadas, dentre as quais 42 chegaram ao seu destino permitindo ao sociólogo determinar um caminho médio que separava duas pessoas quaisquer nos Estados Unidos que de acordo com seu experimento era de seis graus.

O resultado deste experimento ficou conhecido como o efeito *small world* (mundo pequeno) que determinava que a distância de separação entre as pessoas cresce mais lentamente do que a rede que se forma em torno destas ligações.

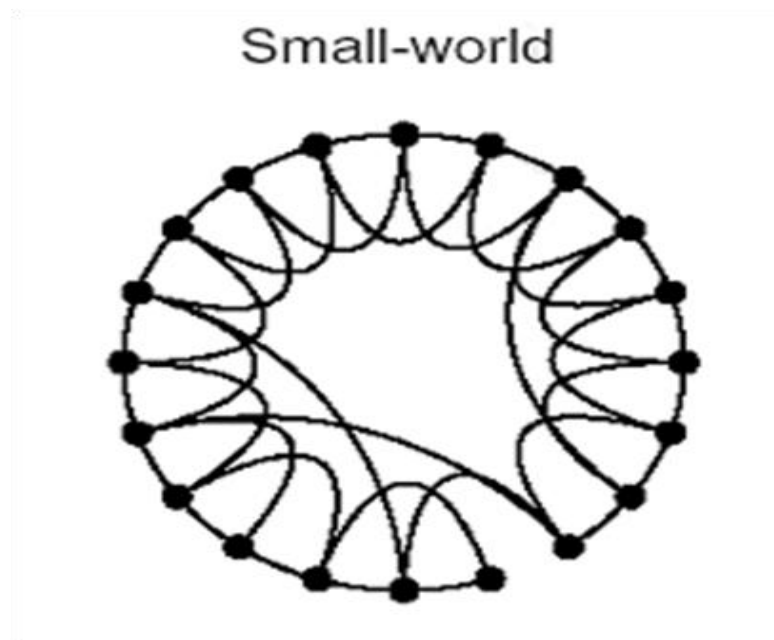


Figura 4 Redes aleatórias onde os nodos são arbitrariamente conectados a outros localizados a qualquer distância- Representação do efeito small word. Fonte: Instituto de Física da UFSC.

Figura 5

Figura 6

Isto demonstra mais uma das diversas percepções do termo rede bem como sua apreensão pela ciência para estudar sua estrutura e efeitos na vida humana.

Seja na matemática, na sociologia, na biologia ou mesmo na comunicação, o uso da noção de rede remonta de certo modo a sua etimologia, do latim *retiolus*, formando um entrelaçamento de fios, uma espécie de tecido, uma junção de nodos ou vértices, como diria Euler, que é o que vai determinar a forma, estrutura e densidade da rede que se pretende investigar.

Capra (2001) assevera que a organização da vida se dá através de redes, toda a comunidade de organismos arranja-se de tal maneira. Para ele “o padrão da vida, poderíamos dizer é um padrão de rede capaz de auto-organização” (2001, p. 78).

Logo, poderíamos afirmar que a idéia de rede não é localizada ou pontual. Embora cada área do conhecimento tenha no conceito de rede sua própria perspectiva o que é factível conceber é que a raiz de todas as teorias e pesquisas tem na rede, enquanto idéia a origem de sua produção. Dizemos isso por entender a rede não como um conceito objetivo, mas como uma forma geral de organização coletiva dos seres e das coisas por meio da interconexão entre os elementos sejam de qualquer natureza. O que caracteriza uma rede são exatamente os elementos que a formam e não a existência destes isoladamente.

Os próprios indivíduos estão inseridos numa sociedade em rede desde sua concepção. Primeiro por meio das relações familiares, depois em sua inserção na comunidade escolar, na universidade, no mercado de trabalho, enfim, em todas as relações de interesse que desenvolvem ao longo de sua trajetória de vida.

Mas é o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) que corrobora para a constituição de um novo modelo de rede, o que Castells (1999) define como sendo um “novo paradigma da tecnologia da informação que fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social” (p. 565), embora admita que a organização da sociedade sempre tenha existido em redes. De acordo com o pesquisador a idéia de rede como “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da rede” (p. 499), requer o compartilhamento dos mesmos códigos de comunicação expressos por interesses e objetivos comuns.

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, de um modo particular a Internet, as relações sociais, cuja existência depende do compartilhamento de que trata Castells, passaram a prescindir do espaço geográfico e físico. Novas formas de interação, intercâmbio e relação foram experimentadas por todas as esferas da sociedade, inaugurando o que aqui resolvemos chamar de um novo desenho social: uma sociedade integrada em rede, por meio de computadores.

Wellman (2002) assegura que as representações das relações sociais estão fortemente ligadas ao contexto da própria rede que a influencia e é influenciada por ela a partir dos intercâmbios que nesta ocorrem.

Newman e Park (2003) realizaram estudos acerca das diferenças entre redes sociais e outros tipos de redes. Analisaram as ligações de diversos tipos de redes sociais e redes não sociais. Entre as redes não sociais foram contempladas as redes neurais, cadeias alimentares e redes de computadores interligados pela *World Wide Web*. Como representantes das redes sociais analisaram redes de colaboração de atores em filmes, redes de pesquisadores em artigos de Matemática, redes de relacionamento entre diretores de companhias e redes de e-mails. Seus resultados apontam que redes sociais possuem agrupamentos não triviais, ou seja, possuem um número de links entre os agentes em número muito superior ao que seria esperado se os links ocorressem de forma aleatória. Já em relação às redes não sociais, o número de links apresentado ocorre em número bem similar ao que seria esperado se as conexões fossem aleatórias.

A hipótese primária de Newman e Park é que o diferencial ocorre devido as redes sociais serem organizadas em comunidades. O fortalecimento dessas microcomunidades em diversas escalas é o que favorece um maior inter-relacionamento dentre os vértices dessas redes.

Nas ciências sociais aplicadas, o uso da noção de rede está ainda em expansão, mas o que é consenso na literatura que trata desta temática é a compreensão de que “as redes são entendidas como sistemas compostos de nós e conexões, os quais, os nós são representados pelos indivíduos, grupos sociais e ou organizações em inter-relação contínua e dinâmica” (MARTELETO & SILVA, 2004) ou ainda:

[...] formas de interação social, intercâmbio dinâmico entre pessoas, grupos, e instituições em contextos de complexidade. Um sistema aberto em construção permanente que envolve conjuntos que se identificam com as mesmas necessidades e problemáticas e que se organizam para potencializar seus recursos”. (tradução da autora da proposta da Jornada sobre Gestión em organizaciones Del Tercer Setor em la Universidad Di Tella de Buenos Aires, Argentina, em novembro de 2001)

Ora, todo este intercâmbio possibilitado pelas redes sociais, expressa “o mundo em movimento” (MARTELETO & TOMAÉL, 2006, p. 75) onde as pessoas, independente de seus interesses, se conectam por relacionamentos sociais, sejam motivados por afetividade, por negócios ou tão somente compartilhamento de informações.

2.2 Perspectiva sociológica da rede

Buscando compreender a complexidade da vida social, as ciências sociais dialogam com outras ciências no debate em torno do conceito de rede, transitando pelos estudos de física, matemática, biologia, economia, comunicação entre outros, na tentativa de construir progressivamente um pensamento prático que dê conta de investigar a realidade social, tal como descreve Scherer-Warren (1999):

Randolph (1994) propõe uma abordagem que articule perspectivas sociológica, geográfica e histórica da realidade; Villasante (1989) valeu-se de contribuições da Economia, da política e da Antropologia para propor uma metodologia da análise de redes; Fischer (1993) e Moura (1994) integram contribuições sociológicas e antropológicas no estudo das redes (p. 22).

Nessa perspectiva, Martins (2004) acredita que os esforços em torno do diálogo interdisciplinar para compreensão da organização social contribuíram para a construção do pensamento sociológico a partir do final do século XIX. A força associativa entre os indivíduos através da organização destes em rede favoreceu a construção de movimentos coletivos e espontâneos, objetivando a promoção da cidadania.

A sociologia moderna, com Émile Durkheim e seus sucessores Marcel Mauss e Norbert Elias, preconizou o debate sobre as relações sociais em rede ao conduzirem seus trabalhos em torno da preocupação com a complexidade do pensamento social. Entretanto, somente Elias utilizou o termo rede para definir as relações sociais que se estabeleciam no processo de constituição de uma sociedade.

Vale ressaltar que nosso objetivo não é provocar uma imersão profunda nas raízes sociológicas do estudo de redes, mas apenas demonstrar que a discussão sobre o tema não nasce arbitrariamente, mas sim de uma busca progressiva pela compreensão da realidade social.

Martins (2004), ao desenvolver suas reflexões sobre a sociologia durkheimiana, busca pensar os esforços de superação da dualidade entre indivíduo e sociedade presentes nos estudos clássicos, visando a incorporação à sociologia de um pensamento mais complexo, considerando a idéia da totalidade central na constituição da sociedade.

De acordo com Martins (2004), um dos grandes méritos de Durkheim foi o de dissociar a sociologia da psicologia, permitindo ao indivíduo ser visto como estrutura moral e social.

Nas condições da época, de perspectivas sombrias de a sociologia ser absorvida pelo pensamento utilitarista e economicista, seu talento está em perceber uma classe de fenômenos

chamados sociais, que possuem natureza distinta daqueles psicológicos (MARTINS, 2004, p. 32).

O utilitarismo, de acordo com Caillé (2002, p. 39) é uma doutrina normativa que procurou estabelecer um papel central para o homem e suas satisfações. Estas satisfações seriam resultado da ação de todos os indivíduos na sociedade que, de modo egoísta, buscariam sempre realizar ações em seu próprio benefício. Para o autor o utilitarismo pode se apresentar como justo e virtuoso, contribuindo para a maximização da felicidade geral; como teórico, quando afirma que os indivíduos agem em função de seu egoísmo, ou então como altruísta, com desejo de reconhecimento pessoal. Em suma, pode-se definir o utilitarismo como o conjunto de visões instrumentais do mundo e dos sujeitos, onde estes são meio para realizar os fins.

Deste modo, ao perceber o indivíduo como estrutura moral, Durkheim buscava demonstrar que a noção de indivíduo está correlacionada à compreensão holística do fenômeno social, onde o individualismo dá lugar ao que ele chama de individualismo moral que sugere a existência de uma obrigação social coletiva que sucumbe as diferenças individuais para promover a reprodução social.

A percepção desta dinâmica social parece-nos fundamental para uma compreensão complexa das redes sociais por integrar a totalidade das relações entre os indivíduos, inaugurando uma perspectiva antiutilitarista, sem legitimar a escolha racional e individual como único valor para formação de uma sociedade.

Marcel Mauss aprofundou as idéias de Durkheim quando publicou a obra *O Ensaio sobre a dádiva*, em 1924. No ensaio o sociólogo cria a teoria das reciprocidades não simétricas, comumente conhecida como teoria da dádiva. Mauss vai além de Durkheim ao postular que além do fato de uma obrigação social coletiva se impor sobre as diferenças individuais de cada sujeito, a reprodução social só se dá efetivamente com a percepção de que através das diferenças individuais se constitui a totalidade.

Ou seja, a dádiva, ou obrigação social que se impõe nas interações entre os indivíduos é o que determina a composição da sociedade que, de acordo com o curso das trocas e intercâmbio entre os indivíduos, flexibiliza as relações sociais tornando-as mutáveis, o que caracteriza, inclusive, a dinâmica da vida em sociedade em constante transformação.

O grande salto de Mauss foi reconhecer que a presença do sistema de dádivas entre as trocas sociais se apresenta não somente em trocas de base econômica ou material, mas, sobretudo simbólicas, levando à maioria das contribuições despontadas em Durkheim sobre a relação entre o indivíduo e sociedade, constituindo o que ele chamou de *fato social total*.

Por assim dizer, ainda que estes teóricos não utilizassem em suas pesquisas a terminologia rede para dar conta dos seus objetos de estudos, sendo as redes sociais “intercâmbio dinâmico entre pessoas, grupos, e instituições em contextos de complexidade. Um sistema aberto em construção permanente”, (MARTELETO & SILVA, 2004), estavam Durkheim e Mauss debruçados sobre o fenômeno das redes sociais.

Mas foi Norbert Elias o primeiro desta geração de sociólogos a utilizar o conceito de rede efetivamente, conseguindo mais claramente propor conceitos que iluminassem a velha dicotomia presente no utilitarismo clássico entre indivíduo e sociedade. Elias trabalha com os conceitos como dependência, interdependência, redes de funções, contexto social, estrutura e propósito para indicar que sociedade e indivíduo são idéias diretamente articuladas.

O sociólogo alemão tenta compreender como se dá a relação entre as partes com o todo, como elementos constitutivos de uma rede social.

O que nos falta [...] são os modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si o elo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma sociedade e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas (ELIAS, 1994, p. 16).

Ao considerar a sociedade numa totalidade Elias (1994, p. 20) entende a dinâmica societária como “fluxo contínuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas” chamando a atenção para a fluidez com que os fenômenos sociais operam exatamente pela tessitura contínua e mutável da vida humana, da relação dos indivíduos uns com os outros e com o ambiente que o cerca, num movimento livre e criativo como uma rede em constante movimento.

Assim, Elias usa adequadamente o conceito de rede para tentar explicar as relações humanas que não se restringem à liberdade individual, nem somente ao comportamento imposto coletivamente já que a rede é um tecer e destecer ininterrupto das ligações (MARTINS, 2004, p. 41). De acordo com Elias “cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existe antes dele para uma rede que ele ajuda formar” (1994, p. 34).

Isso revela a importância do estudo de redes para a ciência social na tentativa de melhor compreender o funcionamento de sociedades complexas, tendo em vista que a busca atual de mobilização e de movimentos em torno da cidadania ultrapassam as possibilidades jamais vistas em outros momentos da história considerando, com efeito, o poder das redes sociais para potencializar a integração e organização de indivíduos com interesses e objetivos comuns.

Martins (2004), a partir das teorias formuladas por Durkheim, Mauss e Elias, define

o fenômeno da rede social como uma nova forma de pensar a complexidade da nova ordem social. Para o pesquisador, a sociedade não pode ser apreendida como uma soma de indivíduos isolados nem como uma totalidade funcional, mas sim como um fenômeno aberto, fluído, “caracterizado por intensidades e descontinuidades entre ação voluntária e a ação política (MARTINS, 2004, p. 41).

Sendo assim, numa perspectiva sociológica, as redes sociais emergem como um novo estatuto social, afastando a visão utilitarista e instrumental que acreditava na ação social estática, separando o indivíduo da sociedade. O novo estatuto social entende a ação social em movimentos dinâmicos, acompanhada da circulação de bens materiais e simbólicos e, por conseguinte, criando uma nova linguagem social, permanentemente em construção como consequência de uma rede infinita de interações sociais e de um novo movimento na comunicação entre os indivíduos em sociedade.

2.3 Perspectiva comunicacional da rede

Na tentativa de aprofundar nossa discussão sobre redes sociais, tentamos estabelecer um diálogo possível com a Sociologia para demonstrar que a idéia de rede nasce nas nossas primeiras relações sociais, sejam elas movidas por obrigações, pela dádiva, ou simplesmente pelo resultado de nossas interações com nossos semelhantes.

Como “expressão do mundo em movimento”, como destacam Martelelo & Tomaél (2006, p. 75), as redes sociais provocaram um forte impacto na sociedade contemporânea, principalmente com o surgimento das Tecnologias da Informação que, como dito no início desta dissertação, foi responsável pelo estabelecimento de um novo modelo informacional, caracterizado pelo dinamismo das atividades sociais e por ampliar a capacidade de circular e difundir informação (CASTELLS, 1999).

A assertiva de Castells não representa hoje nenhuma novidade para nós, visto que inúmeros trabalhos acadêmicos (CASTELLS, 1999; WELLMAN, 2002; PRIMO, 2004; MORAES, 2003; NORIS, 2001; outros) buscam dar conta de produzir estudos que apontem o impacto deste modelo informacional, representado pela Internet, sobre as relações sociais contemporâneas, tal como Recuero em sua obra *Redes Sociais na Internet*.

Nesta perspectiva, ao pensar as redes sociais, a pesquisadora reconhece-as como agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação (RECUERO, 2004).

Sendo a rede composta por atores e suas conexões, e estas conexões o que determina o nível de intensidade da rede, de acordo com Recuero, na rede encontramos ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais da nova economia da informação, da internet, como a criação de estruturas sociais, suas dinâmicas, suas funções e o impacto sobre os indivíduos que fazem parte dela.

Na comunicação mediada pelo computador, os atores sociais têm a percepção do outro através daquilo que se revela no ato de interação e a criação de laços sociais e posteriormente o fortalecimento destes está diretamente relacionado ao nível de confiança construído ao longo do processo de trocas e interações, o capital social, assunto que discutiremos no próximo capítulo desta dissertação.

Este processo talvez seja a garantia da dádiva que emerge da troca entre os atores sociais na ação comunicativa, cuja interação ocorre simbolicamente mediada pelo computador, que capacita, de acordo com Habermas (1989, p. 57) a partir da convivência dos atores sociais a comunicação e a ação coordenada uns com os outros, segundo normas de vigência que definem a expectativa recíproca dos agentes envolvidos na interação social.

Esta troca é extensiva a todos os setores da sociedade, seja na política, na economia ou na cultura. E como aporte para a interação, a comunicação tem na Internet espaço favorável para a formação de novos territórios de interdiscursividade, extrapolando as temporalidades e territorialidades fixadas na noção de tempo e espaço.

A mudança de sentido de lugar não é inaugurada com a Internet, mas amplificada por esta, tornando possível a formação de redes sociais que se articulam de acordo com interesses comuns partilhados entre os atores envolvidos nelas.

Ora, a rede, por assim dizer, possibilita a criação de espaços de produção de sentido, uma vez que a sua tessitura, se dá pelas negociações, diálogos, interações, e todas as formas possíveis de comunicação que ocorrem em sua formação com a associação dos atores participantes desta.

A produção de sentido a partir do processo comunicacional implica ações pragmáticas que traduzem vínculos afetivos, sensoriais e lingüísticos entre homens, grupos e máquinas (PAIVA, 2007) que geram, reforçam ou mesmo transformam a cultura na rede.

Ao investigar os impactos das tecnologias da comunicação e informação na sociedade contemporânea, Castells (1999) verificou os efeitos do avanço tecnológico na forma como nos comunicamos, nos relacionamos e nos apoiamos uns nos outros. O autor chega a tais conclusões ao observar a sociedade contemporânea pela óptica da sociologia da Internet, a partir das contribuições de Wellman (1997) sobre a formação de comunidades

virtuais. De acordo com Castells, os estudos de Wellman apontam as peculiaridades de redes virtuais em detrimento das redes físicas, mas não necessariamente as opõem.

Assim como nas redes físicas pessoais, os vínculos sociais em redes virtuais são diversificados e especializados de acordo com as preferências pessoais de cada indivíduo que se insere nestas redes. O autor ainda adverte que muitas destas redes que inicialmente são instrumentais, com o passar do tempo, passam a oferecer apoio pessoal, tornando a comunicação especializada, mas também ampla e solidária conforme a intensidade das interações no decorrer do tempo.

No que se refere a sociabilidade, Wellman argumenta sobre os temores de empobrecimento da vida social, afirmando que, de acordo com estudos realizados em redes como SeniorNet, para idosos, estes temores não tem fundamento válido, tendo em vista que o uso intenso da redes virtuais ampliou os agrupamentos sociais, inclusive os físicos (MARTINS, 2004).

Watts e Strogatz (1998) têm apontado que a maioria das redes sociais parece ter transitividade alta, também chamada de *clustering* ou agrupamentos. Ou seja, a presença de uma ligação entre o indivíduo A, que representa um vértice desta rede, e o indivíduo B, e uma ligação do indivíduo B e C, torna provável também uma ligação entre os indivíduos A e C. Em outras palavras, se B tem dois vizinhos de rede (A e C), estes são suscetíveis de ser ligado um ao outro, dado a ligação em comum com B.

O trabalho de Watts e Strogatz formalizou um problema da sociologia proposto por Granovetter em 1973 que estudou a relação entre as pessoas na sociedade e mostrou que as ligações mais fracas de amizade são extremamente importantes. Ele demonstrou que os laços afetivos entre familiares e amigos íntimos não oferecem uma diversidade de conhecimento e trocas tão grandes como a relação entre pessoas conhecidas e amigos distantes. Tais conclusões foram obtidas quando Granovetter entrevistou dezenas de trabalhadores e os inquiriu sobre as pessoas que tinham os ajudado a encontrar um emprego. Na maioria dos casos (27,8 %), a informação sobre tal emprego vinha de conhecidos, enquanto que dos amigos íntimos apenas 16,7 % dos casos. Isto ocorre porque os amigos íntimos tendem a compartilhar as mesmas informações (GRANOVETTER, 1973). As implicações da descoberta de Granovetter vão desde a sociologia até a economia, *marketing* e política. No modelo de Watts e Strogatz, as ligações mais fracas sugeridas por Granovetter são aquelas estabelecidas pela reconexão de arestas ou nós de ligação.

Estas ligações têm um papel fundamental na conexão entre os membros de grupos fechados (formado por familiares e amigos íntimos) e o mundo externo. É através delas que as

redes sociais se tornam *small world*. O trabalho de Watts e Strogatz trouxe o fenômeno *small world* da sociologia para as comunidades formadas por outras áreas do conhecimento como a física e matemática que se debruçaram sobre o estudo de redes complexas.

Newman e Park (2003, *apud* RECUERO, 2004) apontam a estrutura da rede como produtora da clusterização, da agregação mais intensa dos nós da rede uns com os outros, tornando a comunicação entre eles mais densa. Isto permitiria, inclusive, que os nós, ou vizinhos próximos dos que mantêm interação direta, tal como apontado por Watts e Strogatz, sejam afetados por tal interação, aumentando suas chances de fazer parte desta relação social.

Burt (1992) estuda tais relações a partir do que ele nomeou como Teoria dos Buracos Estruturais. Nesta teoria ele acredita estar um ator social numa posição vantajosa, desempenhando um papel focal quanto estabelece contatos que não têm nenhuma conexão direta entre si. Os buracos estruturais estariam presentes entre os grupos onde predominam laços fracos, já que nestes se verifica a ausência de conexões diretas. Os buracos estruturais representariam o único elo entre estes atores não conectados.

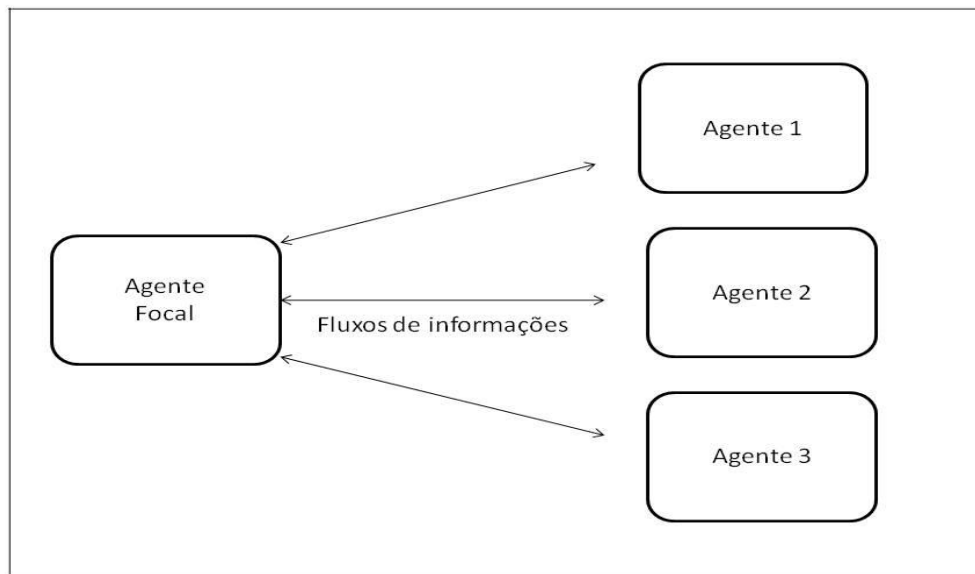
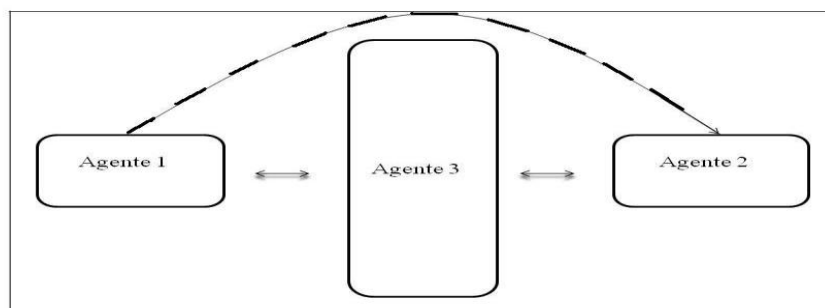


Figura 7 Rede aberta com buracos estruturais. Adaptado de Calia et e al (2006).

Figura 8

Figura 9 Relacionamento indireto nos buracos estruturais. Fonte: Calia *et al* (2006).

Tomando este modelo de relação, Kostakos & O’Neil (2008) mapearam a comunicação entre 2.062 usuários de tecnologias digitais, realizando um estudo comparativo sobre dois segmentos distintos de redes sociais: um mediado pela co-presença física, através da captação de dados via Bluetooth, que ele chamou de rede espacial e o outro mediado pela ferramenta online Facebook, chamando-o de rede transpacial.

Com o auxílio de modelos matemáticos os resultados de tal pesquisa sugeriram que as redes apresentavam características semelhantes. Especificamente, as redes foram bem esparsas, com diâmetro aproximado e, ambas tiveram média e coeficiente de agrupamento aproximados. Kostakos percebeu em sua pesquisa que embora as redes transpaciais e espaciais exibam características estruturais semelhantes, no uso da rede transpacial (o Facebook) os usuários puderam aumentar a conectividade local de sua rede, logo, apresentando maior número e nível de agrupamentos, enquanto na rede espacial (o Bluetooth) constituiu menor número de agrupamentos, conduzindo o pesquisador a concluir que no domínio da tecnologia transpacial (Internet), o usuário tem mais oportunidade de fazer parte de um conjunto maior de redes sociais.

Essas conclusões reforçam o entendimento de Castells (1999) sobre o papel da internet na estruturação das relações sociais, onde o autor destaca que sua maior contribuição é operar como ferramenta que determina um novo padrão de sociabilidade. O sociólogo afirma que por causa da flexibilidade e do poder de penetração da internet, a interação social online torna-se cada vez mais comum, e ao estabilizar suas práticas, fornece a possibilidade de formar verdadeiros agrupamentos sociais, em torno de comunidades eficazes na criação de laços e na mobilização dos indivíduos integrantes desta rede (CASTELLS, 1999, p. 109).

No próximo capítulo trataremos da produção do capital social numa abordagem de

redes sociais a partir das reflexões aqui produzidas sobre os agrupamentos sociais. A partir daí, buscaremos compreender a formação e constituição dos laços sociais afetivos nas redes sociais virtuais e posteriormente, a criação de vinculação social fora do ambiente virtual.

3 CAPITAL SOCIAL E SOCIABILIDADE EM REDE

A perspectiva relacional da rede, com base nas interações mediadas pelo computador, ganha centralidade na discussão sobre as relações sociais contemporâneas. O impacto desta modalidade de interação se estendeu a toda a instância da vida humana, seja na economia, na cultura, na política ou no lazer.

Este cenário apresentou conseqüências profundas na forma dos indivíduos se relacionarem promovendo rearranjos nos agrupamentos sociais como a formação de redes sociais virtuais e, por conseguinte no modo como estes indivíduos são afetados por estas novas formas de interação.

Neste capítulo discutiremos as conseqüências da utilização do espaço virtual nas relações sociais tendo como conceito-guia o capital social construído pelos indivíduos integrantes das interações mediadas pelo computador. Entretanto, para iniciar esta discussão, trataremos o conceito de capital social e posteriormente apontaremos sua relação com a sociabilidade em rede.

3.1 Definindo o conceito de capital social

A definição de capital social está intimamente ligada ao conceito de rede discutido no capítulo anterior. Em geral, refere-se à rede no qual o indivíduo está inserido de modo a alcançar um objetivo.

Diversos autores apontam as origens do conceito, enraizadas nos séculos XVII e XIX, como herança dos estudos de sociologia e economia. Autores como Portes e Landolf (1993), Putnam (1995), Brewer (2003) acreditam que a idéia de capital social tem estreita relação com os estudos propostos por Durkheim, Weber, Locke e Simmel. Portes e Landolf, por exemplo, apontaram a percepção de Durkheim “na vida em grupo como um antídoto a anomia e autodestruição” (1996) como sendo as raízes do capital social. Entretanto, muitos estudos contemporâneos se apropriam do capital social para perceber as afetações das relações sociais em diversas áreas do conhecimento.

Baker (1990), por exemplo, em seu estudo sobre comportamento corporativo, admitiu ser o capital social um recurso que os atores obtém de estruturas sociais específicas, disponibilizando-os para alcançar seus interesses. Ainda segundo Baker, o capital social surge da troca estabelecida pela relação entre os indivíduos.

Em Portes (1998) o capital social é entendido como uma habilidade dos atores sociais assegurarem benefícios por meio da participação em redes sociais ou outras estruturas sociais. Tal como Baker, suas principais contribuições para a construção do conceito referem-se à análise do capital social com enfoque empresarial.

Putnam (1995, p. 67) também definiu o capital social como sendo um bem “que diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. Para o cientista social, embora a confiança não defina o capital social ela representa uma consequência deste, tendo em vista que nela se assenta a base para a construção de cooperação entre os indivíduos, apresentando assim um menor grau de incerteza em relação às atitudes e comportamento do outro.

Por outro lado, Coleman (1990), caracterizou o capital social por se constituir a partir da interdependência entre os atores sociais, de modo que estes só consigam satisfazer alguns de seus interesses mediante a colaboração de outros atores sendo, para tal, preciso haver ações em conjunto. Logo, o capital social não estaria limitado a um indivíduo e sim na relação deste com outros.

Entretanto, em sua concepção de capital social, Coleman incorpora o princípio da ação racional ou intencional, conjugando-os para entender o comportamento dos atores sociais. O autor entende partindo do nível micro, que as ações praticadas por indivíduos, constituem os nexos causais que ligam os fenômenos do nível macro uns aos outros (AQUINO, 2000, p. 20).

Estas ações estariam centradas unicamente pela determinação de ordem racional de cada indivíduo que, faria suas escolhas com base num mínimo custo de investimento e máximo de benefício. Esta perspectiva constitui a base da Teoria do Ator Racional em que os sujeitos são sempre conscientes e agem de acordo com a razão⁶.

Mesmo estando preocupado em conhecer o comportamento social, Coleman considera necessário antes conhecer o comportamento do indivíduo, optando pelo individualismo metodológico para sua análise.

Portanto, partindo do pressuposto que os atores sociais agem racionalmente para atingir seus fins, Coleman compreendeu o conceito de capital social a partir da relação entre

⁶A teoria do ator racional muito se assemelha a Teoria dos Jogos originária dos estudos matemáticos desenvolvida por John Von Neuman. A Teoria dos Jogos tem a premissa de que os atores tomam decisões racionais. Neste caso, calculam os custos e os benefícios das ações, prevendo que cada indivíduo agirá com base nos cálculos dos efeitos das ações possíveis dos outros. Esta teoria objetiva trabalhar, por meio de conceitos, situações nas quais os indivíduos tomam decisões considerando as consequências das decisões tomadas por outros (ALMEIDA, 2006).

os indivíduos como recursos que “facilitam determinadas ações dos atores [...] no interior das estruturas” (1990, p. 302). Logo, a apreensão do capital social é determinada após a avaliação do indivíduo de suas ações serem bem sucedidas.

Coleman (1990) ainda categoriza alguns tipos de relação social geradoras de capital social. São elas: relações de expectativa e obrigação entre indivíduos que trocam favores; normas e sanções e prêmios aplicáveis aos indivíduos que recebem a aplicação das normas; relações de autoridade, onde um indivíduo concorda em aceitar e acatar a decisão de outro em troca de compensação (seja de ordem financeira ou em forma de honraria); relações que permitem um indivíduo receber informações por um baixo custo.

Em todas estas categorias, o que importa é o modo como se desenham as relações sociais, a partir da confiança mútua que se deve ter entre os atores envolvidos na relação. Ainda que se realize alguma ação com foco na reação do outro, mediante a ação praticada e no benefício concedido, o sociólogo salienta que a base para a fluidez desta dinâmica se dá pela confiança no reconhecimento por parte do outro.

Sendo assim, o capital social começa na confiança recíproca e se realiza, na perspectiva de Coleman, no reconhecimento da ação praticada. O capital social em si é visto como objeto do ganho obtido nesta relação, cuja relação é em sua origem constituída com a finalidade de obtenção de benefícios.

Quando o capital social é gerado na relação entre os indivíduos ele pode ser utilizado pelos indivíduos para além desta relação, pois como destaca Coleman (1990), tão mais duradouras são as relações que constituem o capital social quando são continuamente ativadas, ou seja, quando este capital social está em constante uso.

O capital social, portanto, permitiria o aparecimento e manutenção de redes sociais, possibilitando o fortalecimento de manifestações coletivas, vinculados a esta espécie de contrato estabelecido nas relações. Deste modo pode-se afirmar, a partir da compreensão do capital social em Coleman, que o indivíduo abre mão de sua individualidade para se submeter às normas do grupo e usufruir dos benefícios que este condicionamento lhe dará de retorno na forma de capital social.

Outra perspectiva freqüentemente utilizada para a compreensão do capital social é a do sociólogo Bourdieu (1980). Ele entende que o capital social é possuído pelo indivíduo, mas que o volume deste capital social depende da extensão da rede de relações em que este indivíduo está inserido.

reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação à um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 1980, p. 67).

Se em Bourdieu o capital social, embora já possuído pelo indivíduo, torna-se maior de acordo com a extensão de sua rede, podemos então deduzir que quanto maior o número de interações que o indivíduo estabelece com outros, mais densa é sua rede de relações. Sendo assim, maior será a possibilidade de potencializar os ganhos e a trocas provenientes destas interações, o que representa maior acúmulo de capital social para o grupo, logo, para os indivíduos inseridos nesta rede.

Entretanto, como destaca Bourdieu (1980, p. 66), a existência da rede de relações não é algo espontâneo ou naturalmente desenvolvido, mas sim um conjunto de estratégias de investimento desenvolvidas pelo indivíduo, num esforço contínuo de sociabilidade com os membros da rede no qual está inserido.

Ademais, segundo o autor, é necessário que haja investimento de tempo e trabalho para que a rede de relações seja mantida, e retroalimentada constantemente por meio de reconhecimento, amizade e respeito.

[...] a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconsciente orientadas para a instituição ou a prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e letivas que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). E isso graças à alquimia da troca (de palavras, de presentes, de mulheres, etc.) como comunicação que supõe e produz o conhecimento e o reconhecimento mútuos (BOURDIEU, 1980, p. 68).

Deste modo, a produção do capital social “é tributária do trabalho de sociabilidade, série contínua de trocas onde se afirma e se reafirma incessantemente o reconhecimento” (BOURDIEU, 1980, p. 66).

Ao contrário de Coleman (1990), Bourdieu (1980) acredita que estas séries contínuas de trocas sociais determinantes da produção de capital social não são realizadas com a intenção racional de obter benefícios “com base em experiências controladas e a partir de dados estabelecidos segundo regras precisas” (p. 156), tendo em vista que para ele os atores sociais:

[...] não são sujeitos conscientes e conhecedores, obedecendo a razões e agindo com pleno conhecimento de causa, conforme acreditam os defensores da Rational Action Theory. [...] Os ‘sujeitos’ são de fato agentes que atuam e sabem, dotados de um senso prático [...], de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da

incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada.

Deste modo, os atores sociais não agem simplesmente de acordo com estruturas objetivas, mas de acordo com o que ele chama de *habitus* que em parte são assimilados das estruturas sociais e também como respostas dos próprios sujeitos elaboradas frente a situações que ocorrem ao longo de sua vida que podem ser produzidas inconscientemente ou intuitivamente. Este *habitus* seria então o “princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras objetivamente adaptadas a seu fim [...]” (BOURDIEU, 1980, p. 61).

Sendo assim, na medida em que os indivíduos pertencem a um mesmo grupo ou a uma mesma classe, eles apresentam maior probabilidade de vivenciar as mesmas experiências, o que nos permite encontrar regularidade em seus comportamentos, pois seus esquemas de percepção e de ação emergem da coletividade em que eles vivem.

Nesta perspectiva, a compreensão do capital social em Bourdieu se dá por meio das trocas que se estabelecem com base no *habitus* de cada indivíduo onde, suas atitudes, concepções e disposições pessoais são compartilhadas por membros de uma mesma classe ou grupo de interesses, o que configura uma rede social de relacionamentos. Tão logo o indivíduo se insira numa rede, o volume do seu capital social será determinado pela extensão da rede de relações que ele pode mobilizar.

Ora, percebemos até aqui que, mesmo com perspectivas diferentes, estes autores apresentam convergências em algumas questões que tangem o conceito de capital social. A primeira questão, óbvia, seria o fato de que o capital social só é atingido se o indivíduo estiver inserido numa rede de relações.

A segunda questão que encontramos presente na literatura citada seria a comunhão dos autores na ideia de que a manutenção do capital social depende da dinâmica de relações sociais que o determina. Pode-se afirmar, assim, que o capital social sucumbe se este não for utilizado.

Não menos importante do que as outras questões é o fato de que para a apreensão do capital social é fundamental que se desenvolva a confiança mútua entre os indivíduos (BOURDIEU, 1980, PUTNAM, 1995, BAKER, 1990). Deste modo, a associação entre eles será efetiva, sugerindo maior êxito no alcance dos objetivos propostos pelo grupo ou mesmo pelo indivíduo na ação coletiva.

Com base em todas as concepções apresentadas sobre o capital social, pode-se compreendê-lo como um bem coletivo, constituído por meio de relações de confiança,

cooperação e coordenação em um meio social no qual os indivíduos ou o grupo obtêm acesso a vantagens e recursos que favoreça o alcance de objetivos comuns. Sendo assim, a exigência para a construção e circulação deste capital é que o tipo de relação seja, com efeito, de mão dupla, de modo que haja benefício para ambas as partes envolvidas na troca mútua.

3.2 Variáveis determinantes do capital social

Uma vez elucidado o conceito de capital social, observamos a partir da contribuição dos autores que a produção deste capital se dá a partir da relação entre os fatores determinantes para sua concepção, bem como as conseqüências e resultados de sua incorporação no grupo.

Claridge (2004) nos fornece um instrumental para entender estes fatores, mesmo acreditando que eles podem ser determinados por uma diversidade de dimensões, de acordo com a área de conhecimento a que se remeta o capital social em questão.

O autor argumenta que cada interação entre os indivíduos tem grande alcance, podendo, dessa forma, apresentar resultados imprevisíveis para a estrutura no qual estes indivíduos estão inseridos e conseqüências do capital social em vários níveis.

Estes níveis podem ser determinados de acordo com a relação entre as variáveis que compõem a estrutura do capital social. São elas: laços sociais, hierarquia, fatores temporais, condições de acessibilidade dos membros, tipo, estrutura da rede, fatores espaciais e alinhamentos (CLARIDGE, 2004).

Estas variáveis serão os elementos de análise da rede que propomos desenvolver no próximo capítulo. Convém, assim, elencar tais variáveis para posteriormente, articularmos cada uma delas na análise do objeto de estudo.

A primeira variável são os laços sociais. Os laços sociais vão descrever a natureza das relações sociais, podendo ser fortes ou fracos (GRANOVETTER, 1973). Eles são determinados pelo grau de intensidade em que os atores sociais participam das interações na rede ao qual estão inseridos. A intensidade pode ser mensurada pelo nível de comprometimento que os atores sociais têm com o grupo.

Como segunda variável Claridge (2004, p. 89) destaca a hierarquia. Esta variável determinará a direção destas relações, sendo elas verticais ou horizontais. As relações verticais são entendidas como aquelas que ocorrem entre pessoas com diferentes níveis de poder decisório dentro do grupo enquanto as relações horizontais dizem respeito àquelas

firmadas entre indivíduos que possuem o mesmo poder de decisão.

Os fatores temporais determinarão o impacto do tempo sobre as relações sociais vivenciadas pelos atores, levando-se em consideração o que ressalta Bourdieu (1980) quanto a necessidade de investir tempo para manutenção das relações sociais, tendo em vista que o processo de interação entre os atores é intensificado de acordo com o envolvimento entre estes, que não se dá instantaneamente no início da ação comunicativa.

As condições de acessibilidade dos membros também são uma importante variável que compõe a estrutura do capital social, pois dizem respeito à inclusão ou não dos atores sociais no grupo pelo processo de comunicação que se estabelece entre estes, determinando a natureza das externalidades destes atores no ato de interação. Por externalidade entende-se a contribuição, manifestação e participação individual de cada ator social no contexto da interação.

O tipo refere-se a distinções feitas entre diversos autores sobre a dimensão do capital social. Nahapiet & Ghoshal (*apud* GOBB & FERRAZ, 2010, p. 5) apontam três distinções analíticas do capital social. São elas: (I) Dimensão cognitiva; (II) Dimensão relacional; (III) Dimensão estrutural.

(I) Dimensão Cognitiva – representa “os recursos estabelecidos pelo compartilhamento de significados entre sujeitos e membros de redes de interesses e objetivos” segundo Gobb & Ferraz (2010, p. 5). De acordo com as autoras, a dimensão cognitiva pode ainda ser desdobrada em três elementos para facilitar o entendimento da mesma. São eles: valores, atitudes e identidade.

(II) Dimensão relacional – refere-se aos laços sociais entre os membros de uma rede e os conteúdos que circulam nas interações entre estes indivíduos. Por conteúdo entendemos a base em que se ancoram estas relações: amizade, respeito, troca de informações ou tão somente identificação.

(III) Dimensão Estrutural – diz respeito as relações por onde as informações são propagadas facilitando a ação empreendida coletivamente pelos atores sociais. Sendo assim, nesta dimensão o que é determinado são os padrões das conexões dos atores na rede, ou seja, o grau de conectividade entre estes.

A variável indicativa da estrutura da rede é importante para a estrutura do capital social, pois ela determinará o tipo de capital social que será apreendido nesta rede. Há alguns

aspectos na estrutura das redes, como o conceito de encerramento de redes (objetivando restringir os recursos disponíveis ao grupo participante da rede), por exemplo, que são relevantes para determinar o nível das interações possíveis entre os membros integrantes de uma rede.

Em Granovetter (1973) o encerramento de redes é nomeado “Tríade proibida”. O autor argumenta que se o indivíduo C estiver ligado a A e o indivíduo A ligado a B, os indivíduos B e C não estão necessariamente ligados, e sim podem estar conectados indiretamente (por meio de laços fracos) tendo A como elo entre os dois (B e C).

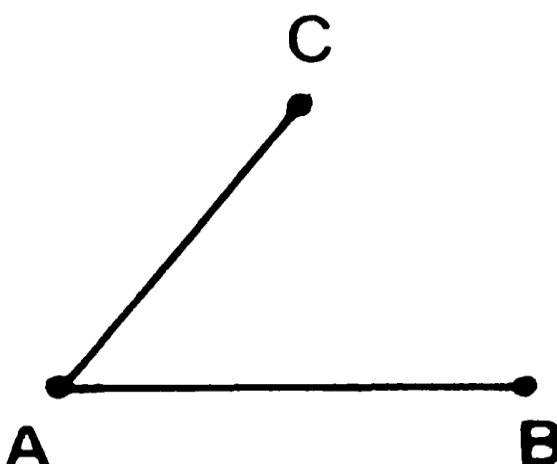


Figura 10 *Tríade Proibida de Granovetter*. Fonte: American Journal of Sociology

Figura 11

Figura 12

Figura 13

Segundo Granovetter isso ocorre pela escassez de recursos disponíveis para manter os relacionamentos. Se, por exemplo, C investir todo o seu tempo para interagir com A, logo, haverá muito pouco tempo para investir em B, determinando assim que, enquanto sua relação com A constitui laços fortes, os laços fracos são representados por B.

Isso demonstra o quanto os elementos determinantes do capital social encontram-se articulados a todo o instante.

No que se refere aos fatores espaciais Claridge (2004) acredita que estes corroboram na determinação dos impactos de estruturas do capital social, chegando a afirmar que a proximidade tem um papel fundamental na formação de normas de reciprocidade e na coesão dos laços sociais.

Vale relativizar esta última contribuição do autor para a compreensão da estrutura do capital social, visto que, os trabalhos do autor se debruçam sobre as relações face a face, como sendo a base material para a criação do sentimento de pertença e de filiação ao grupo. Esta

questão será particularmente discutida nas articulações que produziremos a seguir, especialmente no próximo capítulo, estando esta investigação orientada a observar como a construção e sedimentação dos laços sociais no ciberespaço pode impulsionar a materialização de relações efetivas e duradouras face a face.

Como último elemento que compõe a estrutura do capital social o autor destaca os alinhamentos. Estes são considerados como crenças e opiniões individuais ou do grupo. As pessoas se agrupam por diversas razões que convergem à manifestação do capital social. Se os indivíduos não partilham a mesma opinião ao ingressar num fórum, por exemplo, ao menos desejam de algum modo partilhar a sua com o outro, mesmo que seja para discordar do semelhante. Este elemento é o que caracteriza as negociações e ou disputas estabelecidas numa prática discursiva entre os atores sociais. Retomaremos este elemento e daremos particular atenção a ele quando iniciarmos o estudo de caso que contempla o capítulo seguinte.

Após a exposição de cada variável deve-se compreender que elas não determinam isoladamente o capital social. Deste modo, assim como as condições de acessibilidade determinam o modo como os atores se expõem (externalizam) no ato de interação; ou como a estrutura da rede torna-se relevante pra mensurar o nível de relações sociais que ocorrem nesta rede; também o contexto específico do grupo é responsável pela determinação da circunstância de produção do capital social. Se, de acordo com o contexto de cada grupo o capital social é produzido, logo, é o contexto específico do grupo o elo de todos os elementos presentes no diagrama de relações criado por Claridge.

Vale ressaltar que somente através da relação dinâmica entre estes elementos será determinada a estrutura do capital do social e o resultado produzido por esta relação indicará as conseqüências do capital social para os indivíduos integrantes da rede social a que estes recursos se referem.

Uma vez identificados os elementos que formam a estrutura do capital social, importaremos estes elementos para refletir sobre os rearranjos contemporâneos das relações sociais no subitem que se segue.

3.3 Capital social como vetor das relações sociais no espaço virtual

Entendendo que a construção do capital social entre os indivíduos se dá por um processo comunicativo de intercompreensão entre eles e identificando na comunicação a base para a formação deste capital, refletiremos sobre as práticas comunicativas contemporâneas buscando compreender o rearranjo das relações sociais no momento atual caracterizadas pela crescente utilização da comunicação mediada pelo computador.

Sendo o capital social o conjunto de recursos que estão ligados a uma rede durável de relações de interconhecimento e interreconhecimento que permitem a cooperação entre os atores sociais, seria a internet um ambiente favorável para a construção do capital social? Ou seria a construção do capital social um vetor de transformação nas relações virtuais?

Como vimos na base teórica para a compreensão do conceito de capital social a construção de redes sociais e a conseqüente formação do capital nestas redes estão condicionadas a um conjunto de fatores sociais e culturais circunscritos nas experiências individuais ou coletivas do indivíduo.

Estas experiências, quando compartilhadas entre os indivíduos, promovem uma ampliação da rede, servindo de base para a constituição de laços sociais, que funcionarão como conectores da rede social.

Desse modo, o capital social também se refere aos laços sociais, tendo em vista que, na variedade de definições e aplicações de seu conceito, uma das convergências identificada por diversos expoentes é que o capital social pressupõe a existência de laços entre os indivíduos, sejam fortes ou fracos, o que seria uma premissa básica para o estabelecimento de qualquer relação em rede.

Os laços fortes caracterizam-se pela proximidade, disposição e, sobretudo, a intenção de construir e manter vinculação social. Já os laços fracos são percebidos como ocasionais, não se baseiam em intimidade e não têm a preocupação de investir na construção de vínculos (GRANOVETTER, 1973).

Embora a densidade dos laços sociais seja assunto explorado e exemplificado ao longo do estudo de caso que realizaremos no próximo capítulo, cabe aqui identificar que quando o indivíduo é inserido numa rede social, sua experiência emocional se exprime pela confiança e por meio das trocas que ele realiza com seus pares, conseqüência da formação dos laços sociais entre eles.

Assim como em nossas relações cotidianas circunscritas na interação com nossos colegas de trabalho, familiares e amigos pessoais, nossas relações virtualizadas (mediadas

pelo computador) também são efetivadas por meio de uma dinâmica relacional onde, ao buscarmos ambientes online propícios a conversação, nos sujeitamos a produção e apreensão de capital social, de acordo com a densidade da rede ao qual estamos inseridos.

Hoje, qualquer pessoa com um computador e uma conexão à internet pode estabelecer contato com indivíduos de outras localidades, por mais distantes que estejam permitindo que estes indivíduos ampliem seu raio de relações sociais e com isso compartilhem grupos de interesses desvinculados de um local específico ou mesmo limitados a um determinado tempo preciso para a interação.

Em se tratando das comunidades virtuais - tidas como uma espécie de agregado social que emerge da rede mundial de computadores (Internet) – elas permitem que pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns formem uma rede de relações virtuais. Nessas redes, assim como nas relações face a face, a produção de capital social depende do nível de comprometimento dos membros para com a própria rede.

Embora as comunidades virtuais se apresentem ancoradas em diversas estruturas sejam elas econômicas culturais ou sociais, nosso enfoque aqui incide sobre as estruturas comunitárias cuja plataforma esteja alicerçada sobre a partilha do mesmo interesse desvinculado de qualquer ordem institucionalizada.

Por esta razão vamos direcionar a reflexão para comunidades com características mais afetivas, tomando emprestado de Maffesoli (2000) o conceito de comunidades emocionais, que se opõe ao modelo de organização racional característico da sociedade moderna, constituindo o que ele chama de Neotribalismo, cuja comunidade expressa uma subjetividade em comum, uma paixão partilhada entre os indivíduos.

A emoção é caracterizada por Rezende e Coelho (2010, p. 30-31) “como a dimensão mais verdadeira da subjetividade individual”, embora seja possível reconhecer a variedade cultural de formas de expressar emoções, “o sentimento em si seria da ordem de uma essência humana”, logo, a lembrança das reações emotivas, de acordo com as sociólogas, está sempre associada ao contexto de interação que as produziu. Desta maneira, vale refletir sobre a existência de comunidades emocionais, tendo em vista que, se estas são constituídas por seres humanos que são movidos por emoções, não cabendo pensar a coexistência humana em comunidades não emocionais.

Nessa perspectiva, as pessoas estão se reagrupando e buscando formas de solidariedade por meio da emoção partilhada, tal como a comunidade virtual *Tornadeiros*, cuja base de associação está no interesse por motos que se situa na ordem da emoção e não em alguma forma de interesse racionalmente determinado.

Sendo as comunidades virtuais aqui definidas como uma rede de relações ancoradas na solidariedade e cooperação entre os indivíduos, adquiridas por meio de trocas e interações, podemos inferir que estas comunidades constituem ambientes propícios para a produção e apreensão de capital social. E é no volume de capital social circulante nesta rede de relações que será determinada a densidade das relações virtuais nestas comunidades, constituindo os laços sociais, sejam eles fracos ou fortes.

4 ESTUDO DE CASO DA REDE SOCIAL *TORNADEIROS*

Neste capítulo, partiremos de uma comunidade virtual, *Tornadeiros.com*, para caracterizar uma rede social com base na partilha de indivíduos pelo mesmo afeto, cuja conexão se estabelece inicialmente no ambiente virtual e posteriormente no espaço urbano.

A partir daí, tentaremos desvelar os fatores preponderantes para que redes sociais virtuais materializem suas dinâmicas interativas no espaço offline construindo vínculos sociais efetivos. Utilizaremos o capital social produzido entre os membros desta comunidade como ferramenta analítica das conclusões que pretendemos chegar. Para dar prosseguimento a esta etapa, iniciaremos este capítulo com a descrição do *corpus* empírico para melhor situarmos a análise pretendida.

4.1 Entre duas rodas e uma tela: a gênese do site *Tornadeiros*

Como vimos na esteira do capítulo anterior, as inovações tecnológicas experimentadas na pós-modernidade provocaram mudanças no imaginário dos atores sociais, em sua forma de se relacionar tanto entre si quanto com a própria tecnologia.

Embora as relações sociais tenham se transformado com a invenção do telégrafo, da prensa, do telefone, foi no advento das novas tecnologias da comunicação e informação, em particular a Internet, que se ampliou a noção de lugar nas interações entre os indivíduos, antes limitado a tempo e espaço específicos. As novas possibilidades de nos comunicarmos propiciadas pela Internet mudaram materialmente a forma de nos relacionarmos *com* e *no* mundo que nos cerca (MATOS, 2009; WELLMAN, 2002).

O surgimento deste novo estatuto social cristalizou novas formas de experimentação do sentimento de afeição, de partilha de saberes, de interação e de sociabilidade, reunindo as pessoas em torno de uma comunidade virtual.

Estas comunidades se instauram por meio de um pertencimento a distância, modulando novos laços sociais através de uma simbólica e imaginária territorialidade, já que os membros destas comunidades são separados pela distância física e geográfica (RHEINGOLD, 1996).

Numa experiência desta natureza foi iniciado o processo de construção da comunidade de Motociclistas *Tornadeiros*. A comunidade em questão é uma organização constituída por motociclistas de todo o Brasil, e encontra-se disponível na internet sob a

forma de um portal ancorado em plataforma PHP - linguagem de programação livre - muito utilizada para gerar conteúdo dinâmico na rede.

A comunidade virtual surgiu a partir da percepção de dois participantes de uma outra rede social, o Orkut, que não se conheciam presencialmente, mas partilhavam suas experiências sobre motos através de uma comunidade intitulada XR-250. Esta comunidade era destinada a usuários que se interessavam pela moto Honda XR 250 Tornado, a qual faz alusão o perfil da comunidade.

Na tentativa de buscar trocas mais efetivas e maior dinamismo no processo de comunicação sobre assuntos referentes a motos, os jovens idealizaram uma nova rede social. Unindo seus conhecimentos sobre a temática circunscrita em torno de motos e técnicos (conhecimentos de informática), deram início a construção do portal *Tornadeiros.com* que ao longo de cinco anos se transformaria numa referência para motociclistas⁷ on/off road e ou simplesmente simpatizantes de motocicletas.



Figura 14 Nota sobre o site *Tornadeiros.com*. Fonte: Jornal O Globo, 06 de março de 2006.

⁷ Constantemente outros sites de motociclistas, de viagens e aventura recorrem ao site *Tornadeiros* em busca de dicas desde a manutenção de suas motos como roteiros de viagem e informações diversas. Tais como: <http://www.xtzlander.com.br/forum/viewtopic.php?f=16&t=3090&view=next>; <http://www.hph.com.br/falcon/06-02-09-1233921315-trilhaamorretesmenor.jpg>; <http://www.xreonline.com.br/viewtopic.php?f=10&t=74&start=20>.

Entrevistamos Alexandre Ferreira, um dos idealizadores e atual administrador do portal em 29 de julho de 2009. O mesmo afirmou que o surgimento do site deve-se à percepção de que “os amantes de motociclismo careciam de um ambiente mais dinâmico onde fosse capaz de se comunicar, trocar idéias, promover eventos de forma mais direcionada e organizada”.

Inicialmente com apenas dois membros, por meio de divulgação pelo Orkut e entre amigos, logo o site foi se expandindo pelas malhas da rede chegando em 11 de março do ano de 2010, marco final da primeira etapa do trabalho etnográfico, a acolher 7.225 usuários.

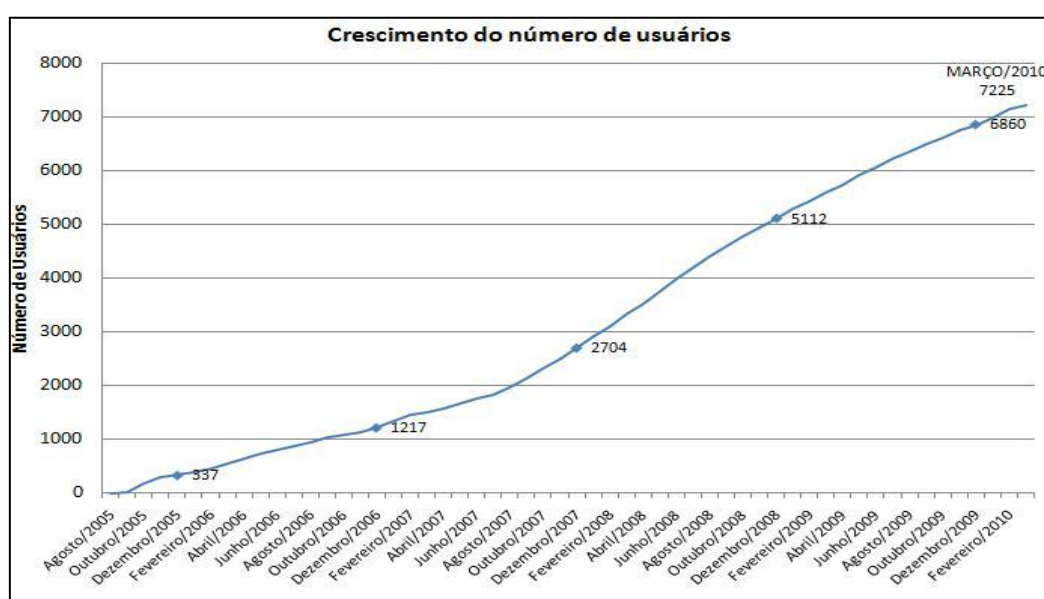


Figura 15 Crescimento do número de usuários
Figura 16

4.1.1 O perfil do site

Após diagnóstico realizado na primeira fase metodológica desta investigação foi possível determinar que num universo de 5.902 membros (81,6% do total de membros cadastrados), o site reúne majoritariamente integrantes do sexo masculino e, em sua maioria, alocados nas Regiões Sudeste e Sul.

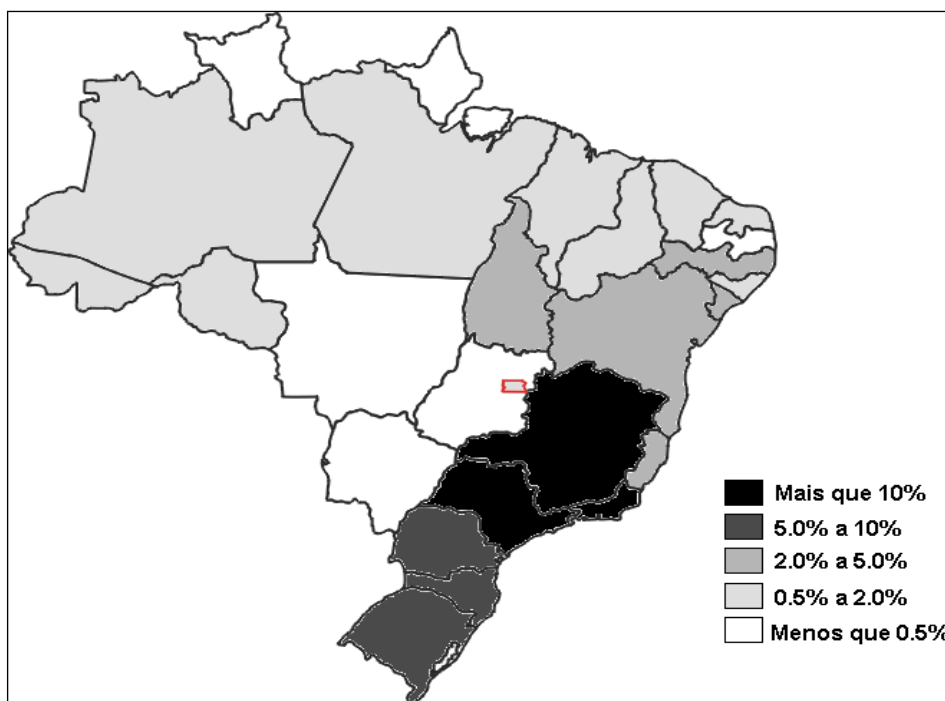


Figura 17 Distribuição Geográfica dos membros respondentes

No que se refere a distribuição de membros de acordo com as regiões do Brasil, era previsível que os dados acima apontassem maior concentração nas Regiões Sudeste e Sul, por se tratarem estas as regiões mais populosas do território nacional.

Embora o gráfico acima indique apenas a distribuição dos membros por território nacional, verificou-se a presença de 1,85% de cadastros distribuídos entre os países da América do Sul, com maioria residente na Argentina. Os 11,04% de membros restantes não declararam sua origem no perfil pessoal disponível no site.

De posse destas informações foi realizado um inquérito online sendo este distribuído a 700 membros cadastrados, convidando-os a participar da pesquisa. Deste total foram validados 187 questionários (2,5% do total de membros cadastrados). Os resultados apontaram que 41,08% dos respondentes tinham entre 25 e 35 anos, onde, 93,5% do sexo masculino e, em sua maioria, alocados nas Regiões Sudeste e Sul, o que confirma os dados coletados no domínio do site.

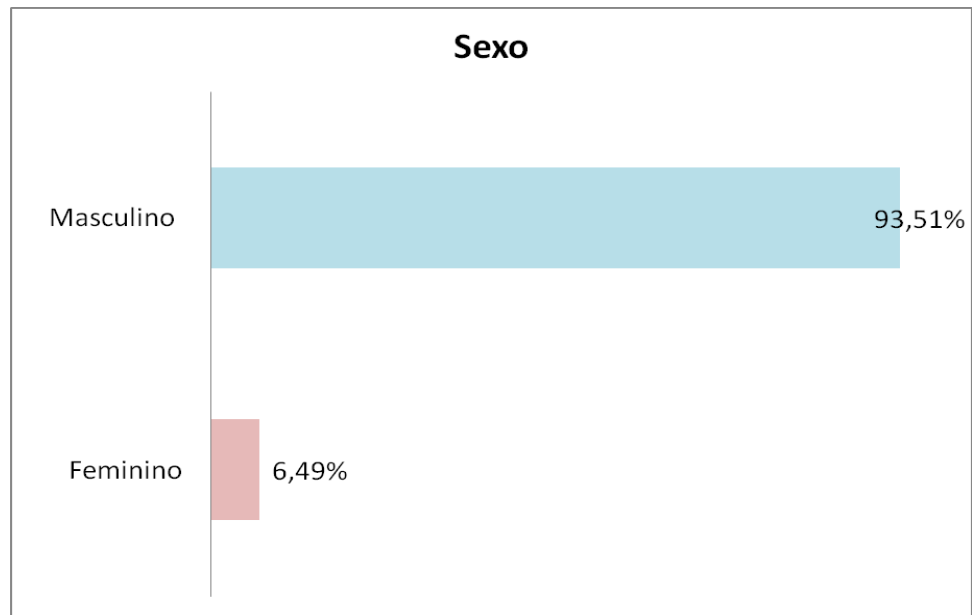


Figura 18 Distribuição dos membros pelo sexo

Figura 19

Figura 20

Figura 21

O inquérito também nos revelou que o perfil dos usuários não é somente definido por motociclistas, uma vez que 4% dos inquiridos declararam não possuir nenhuma motocicleta.

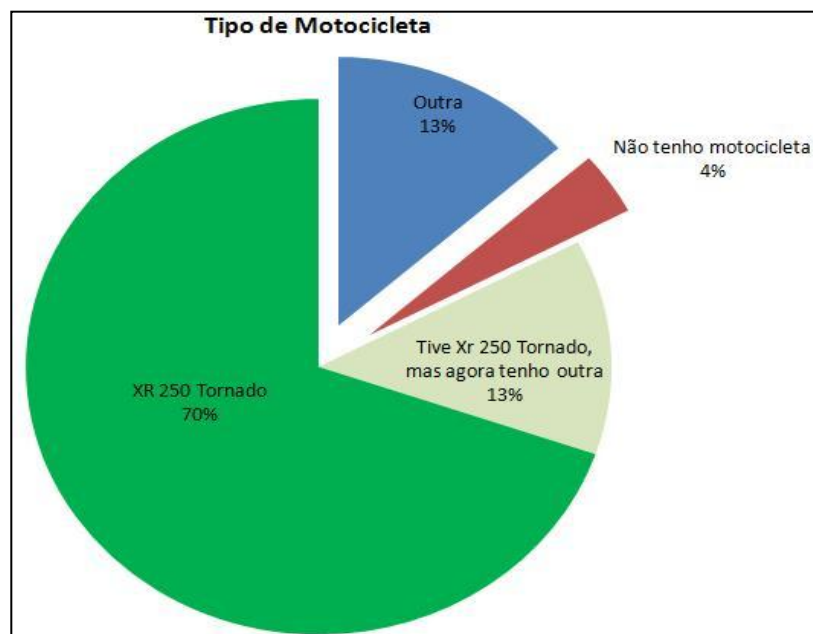


Figura 22 Usuários por tipo de motocicleta

4.1.2 A estrutura organizacional do site

A interface do site é muito simples, primando por recursos de fácil navegação. Em sua página inicial, o site se apresenta por meio de uma mensagem de boas vindas seguida de links diversos que dão acesso a fóruns, perfil dos membros, pesquisa de informação, álbuns de fotografias, tutorial, e assuntos diversos tratados ao longo do processo de comunicação entre os membros inscritos.

Todo o material produzido no portal é disponibilizado para a visualização mesmo daqueles que não estão cadastrados como membros gerando uma memória coletiva, que se refere a uma identidade coletiva que explica as experiências vividas por participantes do mesmo grupo.

Entretanto, para participar diretamente das discussões e trocas diretas realizadas nos fóruns bem como ter acesso direto a outros membros por meio de MPs (mensagens particulares para um destinatário específico) é necessário um cadastro prévio.

O link *Fórum*, por exemplo, capilariza-se em vários outros links organizados em categorias, tais como: geral, eventos & encontros, outras motos, tutoriais, classificados, notícias, download e uma categoria específica sobre o site para tirar dúvidas sobre seu funcionamento, dar sugestões e fazer críticas.

Todos estes links sugerem a participação dos atores sociais que passam a circular neste espaço e imprimir suas opiniões sobre determinado assunto ou buscando informações.

O layout do portal ainda conta com algumas ferramentas capazes de facilitar a navegação do usuário, tal como o link presente na página inicial onde, cada vez que o membro cadastrado acessa o portal, o mesmo pode imediatamente visualizar as mensagens não lidas desde sua última visita, permitindo o direcionamento imediato do usuário aos assuntos tratados no período em que esteve ausente.

The image shows the homepage of the Tornadeiros website. At the top, there is a red header with the Honda logo on the left and right, and the Tornadeiros logo in the center. Below the header, there are navigation links: Registrar, Principal, Forum, Downloads, Membros, Pesquisar, and Entrar. The main content area is divided into several sections:

- Painel de navegação:** A sidebar on the left with links to Principal, Fórum, Galeria de Fotos (NOVO), Downloads, Oficina, Dicas, Classificados, Album, Membros, FAQ, and Pesquisar.
- www.tornadeiros.com.br:** A central banner with the text "Dedetizadora - 3753-6363" and "Os Melhores Dedetizações RJ. Entre No Site e Veja Nossos Serviços!".
- Bem-vindo:** A section with a welcome message and a definition of a tornado: "Tornado é um vento com vontade própria, força respeitável que traça seus próprios caminhos. Muitas vezes, indo de encontro ao que a natureza criou." It also includes a definition of being a Tornadeiro: "Ser TORNADEIRO é tomar as rédeas do vento, seja em estradas, trilhas, vales ou praias. Ser TORNADEIRO é sentir o vento no rosto independente da direção ou velocidade, preservando sempre a natureza." and a note that the site is for owners, mechanics, manufacturers, pilots, and fans of XR250 and similar machines.
- Galeria dos Encontros Nacional de Tornadeiros:** A section with a grid of event photos, including "O DEJARO DO BARRO" and "O DEJARO DO BARRO".
- Calendário de Eventos:** A section at the bottom left with a calendar icon.
- ENTORN ENCONTRO DE TORNADEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE:** An advertisement on the right side for a motorcycle event from September 4 to 7.
- Enquete:** A poll section on the right asking "De que você sente mais falta na página inicial?" with options like "Galeria de Fotos [52]", "Novidades sobre motos [159]", and "Os melhores topics [48]".

Figura 23 – Página inicial do portal *Tornadeiros*, disponível em www.Tornadeiros.com.br.

4.2 A dinâmica comunicativa da rede social *Tornadeiros*

Por meio do conjunto de recursos disponíveis no portal que hospeda a comunidade virtual *Tornadeiros*, pode-se entendê-lo como uma rede social, uma vez que esta última é definida como “um conjunto de participantes autônomos, com idéias em conjunto e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72).

Estes participantes, tomados aqui como os atores sociais (indivíduos) envolvidos na rede são percebidos a partir de sua inserção na estrutura da rede por meio das conexões que estes estabelecem com seus pares.

Em se tratando desta rede social, estas conexões são estabelecidas a partir do

interesse comum que os membros apresentam por motos, o que reúne indivíduos de várias localidades para trocar experiências e informações que envolvam esta temática.

Ao partilhar assuntos que se referem a motos, desde a busca por sugestões sobre a manutenção da máquina, dicas de pilotagem ou mesmo compartilhando experiências pessoais, os membros ingressam nessa rede social, orientados pela paixão que nutrem pela máquina, visto que a própria escolha da motocicleta como veículo de transporte está intimamente associada ao desejo de liberdade, aventura e emoção.

Em sua pesquisa sobre a *Ansiedade Do Motociclista*, Mendes identificou que, “na maior parte das vezes, o motociclismo pode ser uma fonte de sentimentos eufóricos de prazer, de poder pessoal, e de velocidade provocando emoções e entusiasmo nos condutores” (MENDES, 2005, p. 46).

Reafirma a percepção do autor a declaração de um dos moderadores do site *Tornadeiros*, identificado como **O. Barbosa**⁸ em entrevista realizada no dia 29 de julho de 2009. **O. Barbosa** acredita que “mesmo o trinômio liberdade, aventura e velocidade sendo muito interessante para definir o imaginário do motociclista e que a velocidade sempre tenha fascinado o homem, a palavra-chave ligada ao motociclismo é sem dúvida liberdade-aventura”, estando estas palavras na ordem da emoção.

Deste modo é possível admitir que amantes de motociclismo que se reúnem numa rede social especificamente destinada a motociclistas ou simpatizantes (independente de seus objetivos particulares para o ingresso na rede) tem como premissa básica para a inserção neste espaço o interesse partilhado por motos, incluindo aí a emoção que esta provoca. Sendo assim, esta rede poderia ser compreendida como uma comunidade emocional, cuja fonte para a associação entre os indivíduos é a partilha de um mesmo afeto (MAFFESOLI, 2000, p. 101).

Como discutimos anteriormente, as comunidades emocionais caracterizam-se por estarem baseadas na necessidade de solidariedade e compartilhamento de emoções nos grupamentos sociais. Ao partilhar assuntos que se referem a motos, desde a busca por sugestões sobre a manutenção da máquina, dicas de pilotagem ou mesmo compartilhando experiências pessoais, por exemplo, os membros que integram esta rede social ingressam nestas interações

De acordo com Maffesoli vivemos no momento atual uma experiência em que as

⁸ Utilizamos os apelidos disponíveis no site para identificar os entrevistados e os membros cujos discursos serão expostos ao longo do trabalho. A referência a estes membros não fere ao anonimato dos mesmos por se tratarem os apelidos de domínio público no site. No que se refere às entrevistas realizadas, todos os membros autorizaram o uso de suas falas, bem como de suas identificações.

relações sociais não estão mais ancoradas no “social racionalizado” e sim numa “socialidade com dominante empática” (2000, p. 17).

O autor com isso quer dizer que a base das agregações sociais não está mais centrada nas relações concebidas racional e institucionalmente, tal como as relações de parentesco ou de trabalho, mas nas relações que se constroem através de identificação, de empatia pelas paixões, pela experiência vivida do outro, o que nos aproxima dos indivíduos com os quais nos assemelhamos.

Para Maffesoli, este novo cenário indica o fim de uma lógica individualista muito presente na modernidade que fechava o eu em si mesmo. Segundo ele, estaríamos caminhando em direção à multiplicidade de papéis possíveis de se desempenhar de acordo com o contexto social ao qual nos inserimos.

Diante deste quadro o sociólogo acredita existir hoje uma grande propensão a constituição do que ele chama de neotribalismo, que seria a formação de grupamentos cada vez mais específicos de acordo com os interesses dos indivíduos. Estes grupamentos surgiriam do acaso, tal como a infinidade de seitas religiosas, hedonistas, esportivas, juvenis entre outras que assistimos emergir na contemporaneidade. Cada uma representando o que ele chamaria de uma tribo específica.

A trajetória da comunidade virtual *Tornadeiros* muito se assemelha a esta experiência descrita pelo sociólogo, tendo em vista sua estrutura social estar alicerçada nesta “socialidade com dominante empática” a que se refere Maffesoli (2000, p. 17), cuja empatia se refere ao fato dos membros desta comunidade ingressam nesta rede pelo mesmo interesse específico por motos e a partir daí empreenderem dinâmicas interativas em torno deste interesse comum.

A jornada de associação ao grupo é iniciada ao acaso, quando o indivíduo se conecta e busca ambientes que atendam a sua expectativa por trocas específicas sobre os assuntos referentes a moto. Foi possível confirmar tal afirmativa com os resultados empíricos obtidos no questionário aplicado aos membros participantes quando indagados sobre como conheceram o site.

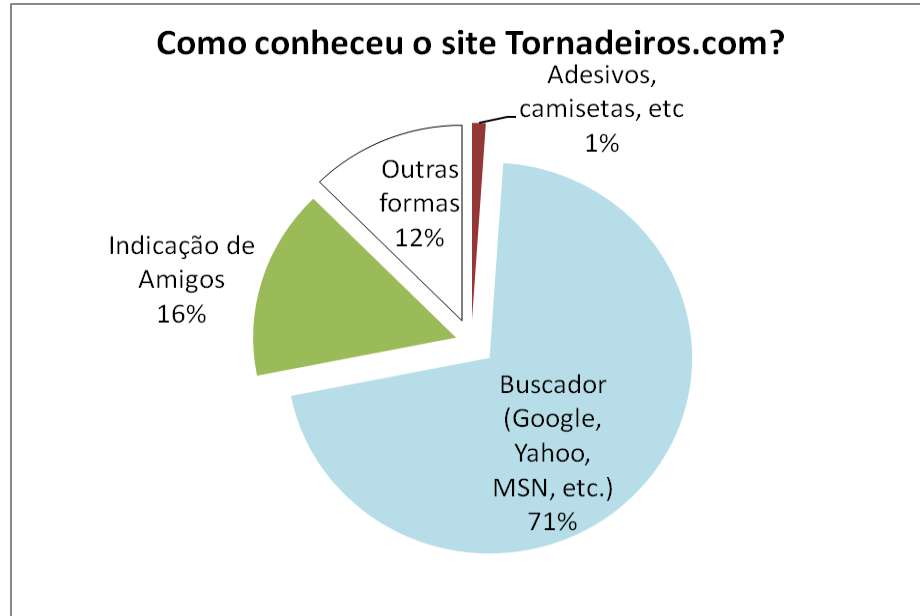


Figura 24 – Como conheceu o site

O fato de grande maioria ter chegado ao site através de um buscador ilustra que a imersão nesta rede social dá-se na procura por algo específico, uma procura por afinidade.

No nível do indivíduo representamos esta questão com a declaração dada pelo membro cadastrado *jpedro91*, em entrevista realizada em 16/02/2010.

[...] Moro em Ribeirão Preto e comprei minha primeira Tornado (*moto*) há dois meses atrás. Então resolvi entrar na internet pra procurar maiores informações sobre a moto e tal. Quando coloquei no buscador logo de imediato apareceu o site *Tornadeiros* e eu entrei e me cadastrei. Li várias coisas que me ajudaram a identificar problemas na minha moto, perceber as necessidades da minha moto e fiquei bem estimulado [...].

Este primeiro contato foi fundamental para determinar o padrão de relação que *jpedro91* estabeleceria com o grupo posteriormente, já que ao ingressar nesta rede ele teve suas expectativas atendidas ao alcançar as informações por meio da interação com o grupo. As figuras abaixo assinalam este processo.

ipedro91

Qua Nov 18, 2009 10:19 pm
Respostas: 10
Exibições: 453

Fórum: [Geral](#)
Assunto: [Com quantos Km/h corta giro?](#)

Ola galera sou novato aqui, e novato com a tornado também...

Gostaria de saber com quantos Km/h ela corta giro nas marchas, com o motor original claro

1=?
2=?
3=?
4=?
5=?
6=?

valeu galer ...

Figura 25 – Extraída do Fórum *Geral* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

Huss9111 Enviada: Qua Nov 18, 2009 10:59 pm

Rota

AVALIAÇÃO

| PROPULSOR | |
|---------------------|-----------|
| Velocidade máxima | muito bom |
| Aceleração | bom |
| Retomada | bom |
| Resp. ao acelerador | bom |
| Entrega de potência | bom |
| Nível de vibração | muito bom |
| Aspecto | muito bom |
| Precisão do câmbio | muito bom |
| Relação de marchas | muito bom |

| CHASSI | |
|-------------------------|-----------|
| Estabilidade em reta | muito bom |
| Estabilidade em curva | muito bom |
| Precisão da direção | muito bom |
| Agilidade | bom |
| Suspensão c/ piloto | muito bom |
| Suspensão c/ garupa | bom |
| Distância livre do solo | muito bom |
| Frenagem | muito bom |
| Potência dos freios | muito bom |
| Dosagem dos freios | muito bom |

| USUÁRIO | |
|----------------------|-----------|
| Facilid. p/ manobrar | muito bom |
| Conforto do piloto | bom |
| Conforto do garupa | regular |
| Proteção do vento | - |
| Potência dos faróis | regular |
| Autonomia | bom |

VELOCIDADE POR MARCHA (km/h)

Apesar de contar com 6 marchas, a relação de câmbio da moto é bem parecida com a da Lander, que só tem cinco. A 6ª é uma overdrive, já que em reta a velocidade máxima é igual nas duas últimas marchas

A Honda XR 250 Tornado, apesar da idade, continua dando muito trabalho às demais motos. Dona de um eficiente e suave motor de 249 cm³ com 4 válvulas, ela consegue um bom desempenho tanto na cidade quanto na estrada. Seu câmbio de 6 marchas, sendo a última marcha uma overdrive, ajuda a viajar a 120 km/h com baixo ruído e pouco consumo de combustível. Essa vantagem em relação à Lander é perdida na cidade quando o torque da Yamaha se mostra mais presente graças ao cabeçote simples e à injeção eletrônica. Entre todas as motos apresentadas aqui, é a que tem o melhor desempenho off-road, porém, isso a prejudica na questão conforto em trechos mais longos pelo formato do banco. As suspensões são rígidas, assim como o seu chassi, transmitindo ótima estabilidade, sem prejudicar a maciez na absorção de obstáculos. O freio dianteiro é muito eficiente e, apesar de não contar com

Figura 26 – Extraída do Fórum *Geral* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

wwsmendes Enviada: Sex Nov 20, 2009 5:21 pm

Bicicross

Só vale lembrar q não é recomendado acelerar até o limite do giro pois a vida útil do motor vai pro espaço, sem falar que o consumo de combustível será maior, pois o motor original sempre entrega sua potência máxima antes do limitador de giro entrar em ação embora o barulho e vibração do motor e da moto traga a impressão de estar rendendo mais.

O Esquema é vc acostumar com a moto e com o barulho do motor já que a tornado não tem conta-giros.

Vai de boa no começo e sem desespero que logo-logo vc pega as manhas da criança ai é só alegria..

O importante é agora, pois o amanhã pode não chegar.

PERFIL BUSCAR RP EMAIL

Figura 27 – Extraída do Fórum *Geral* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

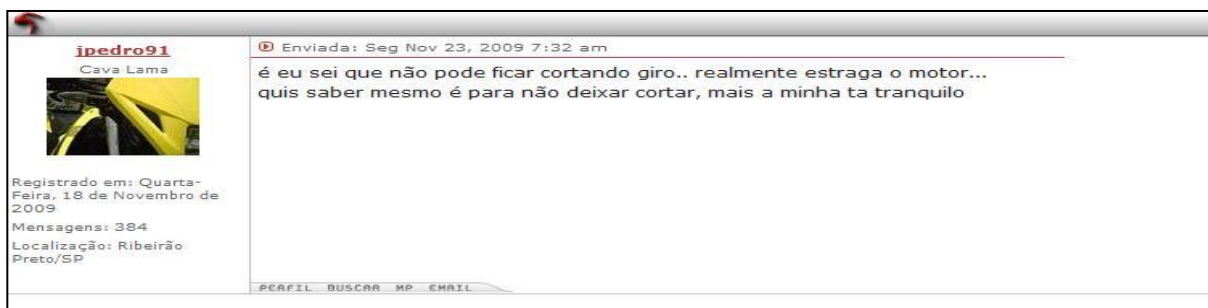


Figura 28 – Extraída do Fórum *Geral* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

A sociabilidade entre os membros desta comunidade virtual, como em qualquer outro grupamento com base em interesses mútuos, será determinada pelo padrão de relação entre os indivíduos pertencentes a esta rede. Este padrão é o que mapeia as preferências e características de cada indivíduo, convergindo ou divergindo com a de outros atores imersos no mesmo ambiente.

Uma vez eleitas as preferências do indivíduo (como feito por *jpedro91* ao ingressar numa rede de motociclistas) é por meio da dinâmica com outros atores que se desenha a relação social do grupo determinando o nível de sociabilidade entre os atores interagentes envolvidos na prática comunicativa, o que caracteriza as interações mútuas objeto de estudo de Primo (2007).

A rede social *Tornadeiros* tem em sua estrutura indícios que assinalam sua orientação para este tipo de dinâmica interativa, com base nas relações mútuas, cuja interação se estabelece por meio da conversação.

Os fóruns propiciam a conversação promovendo constante negociação entre os membros interagentes cadastrados na rede social.

A conversação é propensa a abrir caminhos para o entendimento entre os atores sociais capacitando os indivíduos participantes do processo dialógico, partir da superficialidade de determinados temas para o diálogo mais focado em assuntos de interesse coletivo (MATOS, (2009, p. 71).

As conversações afetivas em rede agem sobre os indivíduos envolvidos na dinâmica comunicativa virtual do mesmo modo como se manifestam as conversações de outra ordem como as discussões políticas ou religiosas, por exemplo. Elas se concretizam em espaços públicos formados de acordo com o contexto específico de cada grupo.

Matos (2009) questiona em sua recente obra dedicada aos estudos da relação entre

capital social e comunicação o motivo de serem as conversações tão significativas para a formação de espaços públicos sendo que, geralmente, estas conversações acabam se estabelecendo em locais fechados, privados.

O questionamento da pesquisadora, embora direcionado aos espaços públicos orientados à discussão política, serve de base para refletir sobre o tipo de associação que investigamos aqui, da ordem do afeto, de um interesse específico: motos e motociclismo.

Vejam, qualquer que seja o contexto da conversação é concebível pensar que quanto mais seguro se sente o indivíduo em relação ao ambiente em que está inserido, mais à vontade ele se sente para poder expor suas argumentações, se expressar, se mostrar.

Em se tratando do site, ao eleger o espaço por preferência o indivíduo se insere no espaço público virtual do site onde outros partilham o mesmo interesse que ele, o que de imediato já assegura certo conforto para externalizar suas opiniões entre aqueles que têm objetivos comuns. O ingresso no site pressupõe que o indivíduo tem relação com o universo motociclista, independente do modo como é dada esta relação, seja como motociclista ou simplesmente como amante da modalidade do esporte. Ver figura 12, p. 49.

Deste modo, a familiaridade surge neste momento, no reconhecimento do ambiente, que embora aberto a todos, pode ser compreendido na perspectiva de Matos (2009) como um espaço fechado, por ser ao mesmo tempo seletivo, pois é escolhido pela preferência dos próprios membros.

Diariamente em nossas relações sociais estamos envolvidos nas conversações em contextos específicos; seja na comunidade onde fixamos domicílio; em discussões políticas; discussões religiosas; ou ainda amorosas e afetivas. Quaisquer que sejam estas conversações o que é comum a elas é o fato de que todas dizem respeito a seus contextos específicos e são fontes de interação.

Uma vez identificado este contexto, os participantes da ação comunicativa vão ter a medida do quanto se expõem ou não ao longo da prática comunicativa com outros indivíduos de acordo com o ambiente em que este contexto se insere. A partir daí se definirá o tipo de rede que irá se formar de acordo com a percepção daquele contexto pelos indivíduos.

Observamos ainda por meio do questionário realizado como os membros do site *Tornadeiros* percebem o contexto específico do grupo ao acessarem o site.

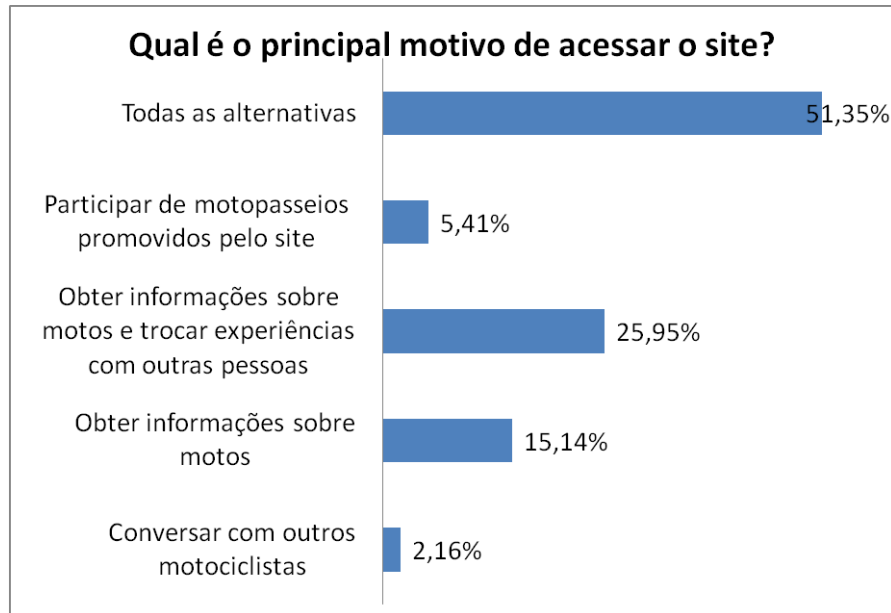


Figura 29 – Principal motivo de acesso

Questionados sobre as motivações de ingresso na rede social *Tornadeiros*, 51,35% dos membros respondentes indicaram que são motivados simultaneamente pela possibilidade de trocar informações sobre motos, experiências com outras pessoas, conversar com outros motociclistas e participar de eventos promovidos pelo site. Estes dados sinalizam que os membros identificam no site um contexto específico de dinamismo associativo de interação com outros por uma série de motivações.

Este dinamismo pressupõe que neste tipo de rede a formação do capital social se refere a dimensão relacional e cognitiva dos indivíduos (como vimos no capítulo anterior).

Na dimensão cognitiva da rede de interações do site *Tornadeiros* ao longo da conversação os atores mostram-se propensos ao compartilhamento de informações com base em suas experiências adquiridas ao longo de suas aventuras na cena cotidiana.

As habilidades individuais de cada motociclista são expostas abertamente aos demais membros do grupo não somente pela necessidade de se mostrar, ou mesmo ser narrador de suas próprias experiências vividas, como destaca Sibilía (*apud* Batista, 2010, p. 89) sobre a escrita do eu, mas também pelo fato de sua narrativa servir de referência para a produção de subjetividade de outros indivíduos presentes neste grupo.

A fala do membro Arthur denota a dimensão cognitiva da comunidade virtual *Tornadeiros* na medida em que neste espaço a formação do capital social se dá em meio as dinâmicas comunicativas onde estes atores partilham conhecimentos e experiências sobre o

afeto que os une: a paixão por motos.

Desde que entrei no site fui muito bem acolhido e se não tive todas, tive quase todas as minhas dúvidas tiradas sobre todos os problemas que tive com minha moto. Sou um cara muito metódico e ainda assim encontrei diversas pessoas atenciosas que me deram todo o suporte para a manutenção e cuidados com a moto, além das infinitas trocas de informação que me fizeram aumentar meu conhecimento sobre estrada, pilotagem, segurança [...] (Arthur Santos Baumgartner em entrevista realizada em 16/02/2010).

Pela fluidez como essas interações comunicativas ocorrem, a dimensão cognitiva na comunidade virtual *Tornadeiros* vai prescrever além de trocas de experiências e informações, a incorporação de valores embutidos em cada indivíduo que participa das interações na rede.

Estes valores estão enraizados no *habitus* que seria uma espécie de senso prático adquirido pelas vivências de cada indivíduo que é socialmente constituído no ambiente entre indivíduos e grupos, tornando-se determinante da conduta pessoal de cada indivíduo.

Ora, se pela interação com outros indivíduos formamos nosso *habitus*, somos capacitados a construir nossa própria percepção e julgamento sobre o mundo que nos cerca, conformando nosso modo de agir. Sendo assim, o *habitus* estará em constante reconstrução, uma vez que as interações ao qual estamos sujeitos no dia a dia podem produzir rearranjos em nossa forma de pensar, de perceber e de agir, tal como alguns membros do Fórum que ao longo da prática comunicativa buscam entendimento sobre determinada questão de interesse em comum, mudando de opinião ao longo do processo de interação.

Tomamos o exemplo das figuras que se seguem para visualizar esta questão, quando um motociclista assume sua percepção inicial sobre um problema em sua moto e compartilha com outros esta informação esperando que outros membros possam contribuir para elucidar a questão.

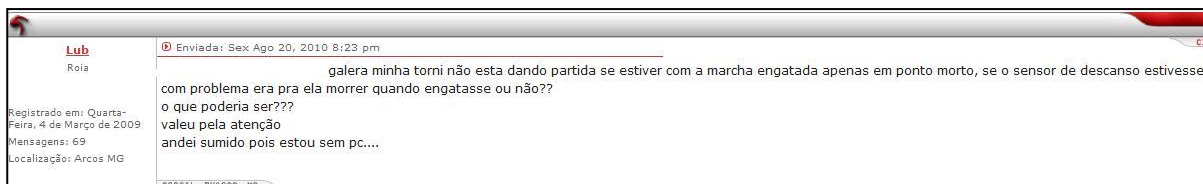


Figura 30 – Extraída do Fórum *Oficina* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

Figura 31

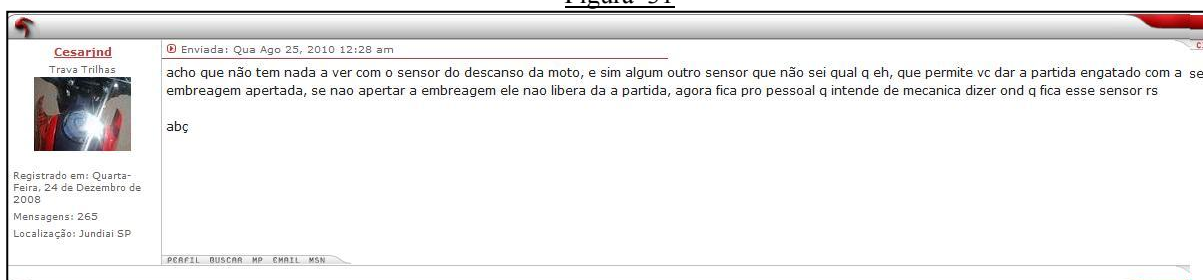
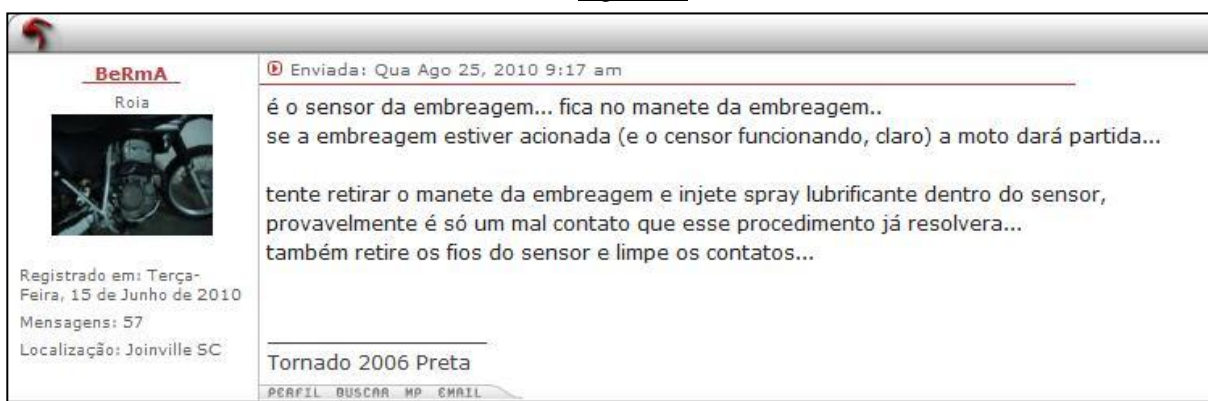
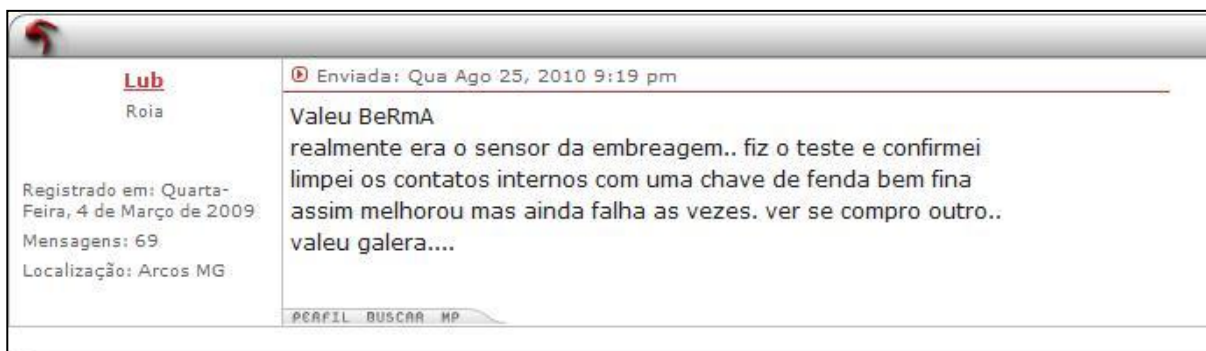
Figura 32 – Extraída do Fórum *Oficina* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

Figura 33

Figura 34

Figura 35 – Extraída do Fórum *Oficina* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.Figura 36 – Extraída do Fórum *Oficina* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

Após o contato com a opinião de outros indivíduos o membro **Lub** modificou o seu julgamento e ao se apropriar dos recursos disponíveis na interação para alcançar seu objetivo, não só modificou sua atitude ao inspecionar adequadamente a motocicleta como alcançou o seu objetivo tornado comum ao grupo, de solucionar o seu problema.

As informações obtidas em função do capital social produzido pela dinâmica interativa capacitaram o membro solicitante da informação resolver seu problema e legitimou a troca de experiências entre o grupo como algo positivo para o fortalecimento das relações de

confiança entre os membros integrantes da dinâmica comunicativa.

Esta dinâmica é determinada pela dimensão relacional do capital social construído entre os membros. Nesta perspectiva o conteúdo compartilhado que circula nas trocas sociais constitui o cimento para a formação de laços de confiança e respeito entre os membros da comunidade, determinando a base para o estabelecimento do grau de conectividade entre os nodos da rede social.

Por nodos entendemos os próprios atores sociais que são os conectores da rede *Tornadeiros*. Há conectores que aparecem em várias dinâmicas interativas da rede estando fortemente integrados aos demais membros, denotando o comprometimento que estes indivíduos assumem com a rede social.

Este comprometimento torna-se a base para a formação de laços sociais entre os membros interagentes, conferindo a estes atores com alto grau de comprometimento o papel de protagonistas na trama da rede social, retroalimentando as interações que ocorrem neste espaço.

Podemos observar na dinâmica comunicativa que segue esta questão ao analisarmos o conjunto de interdiscursos presente no Fórum Oficina do site *Tornadeiros*. Deste fórum alguns discursos constituintes do tópico “*Qual o melhor pneu?*” inaugurado pelo membro cadastrado com o apelido de *romenuamp*. Interdiscurso compreende o conjunto de formações discursivas que se delimitam reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja no confronto, aliança ou, em suma, no caráter dialógico e todo enunciado do discurso (MANGUENEAU, 2005).

Romenuamp abriu o tópico no dia 10 de março de 2006 com a seguinte indagação: “Estou na minha primeira troca de pneus e tenho dúvidas. Pensei em comprar o original (Metzeler) mas o preço é alto demais. Tem outras marcas mais baratas, mas será que elas são confiáveis???? Por favor, me ajudem a escolher!!!”.

Em sua mensagem inicial, observe que muito se revela sobre a identidade do membro *romenuamp*. Seu discurso carrega em si marcas da sua condição de motociclista, revelada em suas palavras como alguém inexperiente, implícito na declaração de ser esta sua primeira troca de pneus. Esta inexperiência busca no grupo a resolução do problema da dúvida que o toma na decisão sobre que marca este deve escolher levando em consideração o custo e benefício que elas apresentam. Ao pedir explicitamente ajuda na escolha pelo pneu adequado, o membro claramente transfere ao grupo a expectativa de ter seu problema resolvido, denotando a confiança que ele tem de que sua indagação seja respondida.

A interação é iniciada logo após a postagem de *romenuamp*, quando o membro

cadastrado pelo apelido de **Indomado** mostra-se solícito e tenta responder a questão levantada no discurso do outro.

Dependendo do uso que você faz da moto, pode ser que não valha a pena economizar o \$\$\$ e ficar com menos segurança... Para tirar o melhor proveito no asfalto, recomendo o Michelin Sirac. Outros vão recomendar o Mitas (muito bonito e durável)... para terra vou deixar os mais experientes falarem... Agora, os mais baratos, para quem não faz muita graça com a moto, são os Rinald. Outras considerações sobre o assunto podem ser vistas em pneus. Se quiser saber tudo sobre pneus recomendo uma olha aqui (*indicação de link-grifo do próprio autor*). Espero ter ajudado. (**Indomado**, 10/03/2006, disponível em <http://www.Tornadeiros.com.br/viewtopic.php?t=693>. Consultado em 12/03/2010).

A resposta de **Indomado** demonstra maior experiência no que se refere ao uso de pneus, e o detalhe de suas informações sugere que sua experiência maior trata-se de pneus orientados ao uso no asfalto o que lhe permite indagar ao membro solicitante das informações sobre o uso que este faz de sua moto, solicitando maior especificidade na questão levantada para melhor poder contribuir de modo a esclarecer sua dúvida. O comprometimento com o grupo se revela no discurso de **Indomado** quando este sugere que outros com experiências na terra possam auxiliar na resposta, caso o pneu se refira para este tipo de uso específico, deixando aí indícios de que sua bagagem é limitada para esclarecimentos que não sejam condizentes com sua experiência. Ele revela maior interesse em contribuir de algum modo quando disponibiliza links que possam oferecer informações completas sobre pneus e por fim manifesta explicitamente a intenção de seu discurso quando o finaliza dizendo que espera ter ajudado o outro.

O tempo investido por **Indomado** na tentativa de esclarecer a dúvida do outro indica a disposição deste membro em contribuir para a produção de capital social nesta relação na tentativa de produzir efeitos sobre a dimensão cognitiva deste capital social, por meio da exposição de sua experiência que traduz o seu ethos particular, sua atitude, seu *habitus*.

Na dinâmica relacional com **romenuamp** ou com outros membros, **Indomado** contribui para a reconstrução de seu próprio *habitus* tanto quanto dos outros membros, uma vez que é na dinâmica comunicativa que incorporamos pela vivência do outro, ainda que esta vivência seja marcada pela inexperiência, novas formas de perceber o mundo que nos cerca. Quando **Indomado** sugere que outros esclareçam sobre o pneu mais apropriado para o uso na terra, essa informação ampliará sua percepção acerca do uso de pneus, tendo em vista conforme declarado por ele mesmo em seu discurso, não dispor de tais informações por restringir o seu uso da motocicleta no asfalto.

Retomando a análise dos interdiscursos que se seguem ao discurso inaugural deste tópico, cujo primeiro sujeito enunciador foi **romenuamp**, observamos na seqüência da dinâmica discursiva (Apêndice B-I p. 92-94) discurso de outro membro cadastrado pelo

apelido *Fox*, que na tentativa de contribuir para esclarecer a dúvida de *romenuamp* compartilha sua experiência de troca de pneu, especificando a quilometragem em que foi realizada tal troca cuja marca se enquadra numa das marcas citadas por *Indomado*, a marca Mitas. Seu discurso demonstra identificação com o *habitus* de *Indomado* e ainda sugere de forma particular a partilha da informação e ilustração da mesma, prometendo a postagem de fotos da moto após a troca de pneus.

O sentimento partilhado por *Fox* e *Indomado* de contribuir por meio da sua experiência com o membro solicitante de informação revela traços característicos de uma comunidade, em que, na perspectiva de Maffesoli (2000, p. 19) a difusão e elaboração de opiniões em um grupo estão intimamente ligadas ao contágio do sentimento. Este contágio estimula ações racionais, que são expressas nas trocas informacionais entre os membros da rede, garantindo benefícios para os integrantes da dinâmica interativa.

Deste modo, ao investir tempo, capital humano e cultural (buscando no arcabouço de experiências vividas) estes indivíduos contribuem para o aumento do capital social do grupo. Embora movidos pela ordem do sentimento, da partilha do afeto por motos, capaz de motivá-los a produzir recursos que promovam o benefício de todos os membros integrantes da rede (BOURDIEU, 1980).

Vale ressaltar que esta motivação em colaborar para as trocas de informações também está na ordem objetiva e racional de promover o favorecimento material da rede. Ao sugerir um pneu mais acessível à compra com boas características de consumo existe a tentativa de prover benefícios financeiros aos membros da rede tanto quanto reafirmar suas convicções sobre custo-benefício do produto.

Numa abordagem comunitária o capital social que emerge destas trocas entre os membros dispostos numa rede de relações parte do pressuposto de que “as comunidades são entidades homogêneas que tendem a incluir e a beneficiar todos os membros” (MATOS, 2009, p. 38), estando, deste modo, a rede social *Tornadeiros* enquadrada nesta perspectiva por meio de sua dinâmica relacional que objetiva estender o benefício proveniente das interações a todos os integrantes da rede.

Ao partilhar informações com um dado membro, como foi o caso de *Indomado* e *Fox* ao se referirem em seus discursos ao membro *romenuamp*, a formação de uma rede sustentada pela colaboração entre estes membros torna-se constituinte de uma memória cultural coletiva da rede, disponível para outros membros que posteriormente apresentem a mesma dúvida e tenham como buscar no repositório de memória da rede tais informações.

Corroborando este questão, encontramos em Matos (2009, p. 38) a crença de que a

memória cultural produzida por redes sustentadas pela colaboração mútua se torna fonte de orientação para ações futuras.

É o que identificamos no transcorrer dos interdiscursos analisados no tópico “*Qual é o melhor pneu?*”, inaugurado em 10 de março de 2006 pelo membro *romenuamp*. Sua dúvida expressa em sua enunciação alavancou uma dinâmica interativa entre vários membros, tornando-se construto da memória coletiva daquele tópico que posteriormente foi resgatado por outros membros que se fizeram valer das informações disponíveis naquele ambiente para resolver suas próprias questões e ou elaborar suas dúvidas com base na primeira enunciação geradora das interações subseqüentes.

Observe no discurso do membro *Leo*, datado de 15 de julho de 2008 (Apêndice B – III, p. 98). Em sua postagem, *Leo* retoma o tópico “*Qual é o melhor pneu?*”, inaugurado no ano de 2006 e busca por meio dele, esclarecimentos sobre outra especificidade de pneu orientada a prática de motociclismo na areia. Com base nas primeiras interações que orientavam o uso do pneu Mitas, presente nos discursos que iniciaram as interações deste tópico, *Leo* afirma que ao consultar o site da Mitas, encontrou pneus para cross e enduro e que gostaria de saber qual deles é mais orientado para o uso em areia tal como terreno indicado numa foto que ele posta logo abaixo da pergunta, indicando pra que tipo de terreno arenoso ele pretende utilizar o pneu.

De imediato, identificamos no discurso de *Leo*, a inexperiência em conduzir motocicleta em terrenos arenosos, por não saber distinguir o tipo de areia onde se realizam esportes como cross ou enduro, tão pouco entender a distinção das duas modalidades. O que se sabe é que *Leo* tem interesse em andar por estradas de terra, cuja foto é o indício do objetivo que ele pretende quando adquirir os novos pneus. O resgate do tópico, bem como a utilização da memória coletiva do tópico em questão, imediatamente forneceu as informações preliminares para a escolha de *Leo*, cuja referência ao pneu Mitas claramente foi construída a partir da observação da prática discursiva presente na memória do site que orientava o uso dos pneus Mitas.

De posse do capital social do site disponível na memória daquele tópico, *Leo* pôde reutilizar tal capital e colocá-lo novamente em reconstrução, de modo a agregar novas contribuições que de maneira mais específica atendessem a sua expectativa em busca de informações.

Cabe ressaltar que a memória coletiva produzida pela rede social está disponível para aqueles que também não são membros da comunidade e ou, mesmo como membros, fazem a opção de não participar da dinâmica comunicativa. Ao entrar no site como membro ou não,

pode-se visualizar as interações na memória produzida coletivamente e disponibilizada na estrutura da rede, de modo a adquirir benefícios pessoais, mesmo não participando diretamente das interações.

É o caso dos *lukers*, aqueles que são dados a apenas observar não participando das interações diretamente. De acordo com os dados disponíveis na plataforma da rede, podemos identificá-los como maioria neste tópico, corroborando a idéia de Matos (2009) de que a memória coletiva constituída pelo capital social produzido nesta rede social servirá de fonte de orientação para ações futuras, de outros atores que não aqueles presentes no instante preciso da interação.



Figura 37 – Extraída do Fórum *Oficina* do site *Tornadeiros*. Disponível em www.Tornadeiros.com.br.

Tendo como referência as trocas anteriores presentes no tópico em questão, outros indivíduos visualizam ou postam novas mensagens, desconsiderando a disposição temporal a que se referem as interações, com a crença de que outros membros poderão externalizar suas opiniões e por meio de seus *habitus* contribuir para produzir o conhecimento necessário a obtenção de seus próprios benefícios.

O cenário descrito anteriormente que coloca o membro **Leo** como centro na ativação direta da memória do site, por exemplo, remonta o cenário anterior, em que um membro menos experiente (**romenuamp**) em determinado assunto, vê a possibilidade de ampliar seus conhecimentos, depositando no outro, na solidariedade e sentimento de afeto partilhado pelo outro as respostas necessárias à resolução do seu problema.

Do mesmo modo que **romenuamp**, **Leo** esperou e confiou no comprometimento de outros membros para com a rede e recebeu o retorno ao ser respondido com orientações sobre os pneus apropriados para aquele tipo de terreno arenoso, seguido, inclusive, de relatos de experiências de terceiros.

O primeiro discurso que sucede a enunciação de **Leo** indica na fala do membro cadastrado **alanmay** a externalização da experiência de outro membro que não ele no que se refere aos pneus questionados. Em postagem subsequente a de **Leo**, **Allanmay** declara que “segundo o Bernardo, o melhor para a areia é o Pirelli Laguna Cross”. Embora **Allanmay** não conheça exatamente o pneu em questão, ele se faz valer da experiência do outro, o membro

Bernardo, para indicar o pneu utilizado para a prática de motociclismo na areia, o que demonstra que, ainda que sua experiência vivida não condiga com a prática da modalidade em que **Leo** busca orientação, o capital social adquirido por **Allanmay** ao longo das interações no site por meio da partilha de experiências com outros, tornou-o capacitado a falar com aquele que demonstra ter menos experiência que ele. Isso o torna referência para **Leo** que, numa mensagem seguinte solicita a **Allanmay** uma dica de onde encontrar o pneu Laguna.

Allanmay, mesmo demonstrando em seu discurso não ser sua especialidade, não fazer parte de sua própria experiência o uso do pneu, investe tempo para retroalimentar a interação e disponibiliza alguns links para tentar ajudar ao membro solicitante adquirir as informações que deseja.

Esta dedicação de **Allanmay** na tentativa de contribuir na construção de conhecimento do outro, este investimento de tempo destinado a manutenção da rede, demonstra o comprometimento de **Allanmay** com o grupo. A importância que ele confere às trocas realizadas neste espaço, tendo em vista sua preocupação em buscar satisfazer a expectativa de outro, que assim como ele nutre o mesmo interesse por motos, sinaliza a importância de **Allanmay** na rede *Tornadeiros*.

O fato de que mesmo sabendo que a especialidade de **Allanmay** não se refere aos pneus cujas informações foram solicitadas e ainda assim **Leo** conferir a este membro o papel de referência para indicar o local onde este pode encontrar o pneu, denota a confiança construída entre os membros, ou melhor, a confiança depositada por **Leo** em **Allanmay** tendo em vista suas atitudes ao longo da prática comunicativa. A firmeza, postura e disposição de **Allanmay** a ajudar, tornaram-no referência para **Leo**, firmando entre eles um contrato de fidedignidade construído na dinâmica interativa.

De acordo com Maingueneau (2005) o contrato de fidedignidade é determinado pelo grau de confiança que é estabelecido entre os integrantes de uma prática discursiva. Um ou mais indivíduos são eleitos pelo grupo como fiadores nas interações, dado ao caráter referencial que eles assumem frente ao grupo como enunciadores de confiança.

A figura deste fiador se estabelece através de sua postura, seu agir, sua fala, certa identidade que deve estar em concordância com a cena de enunciação (o universo do site) que ele faz emergir em seu discurso e que, por conseguinte, necessita validá-la ao mesmo tempo em que a constrói.

São estes sujeitos sociais, os fiadores, em se tratando do site *Tornadeiros* os laços fortes da rede, aqueles que acabam produzindo um papel estratégico de retroalimentar o site com suas postagens, informações, fotos, vídeos, comentários; afetando assim, a gênese dos

demais, que iniciam ou se encontram em expansão cognitiva mediante as interações.

As marcas lingüísticas são muito presentes na identificação deste contrato de fideducía quando observamos o fiador em uma ação discursiva e quando este é interpelado por outro membro do grupo.

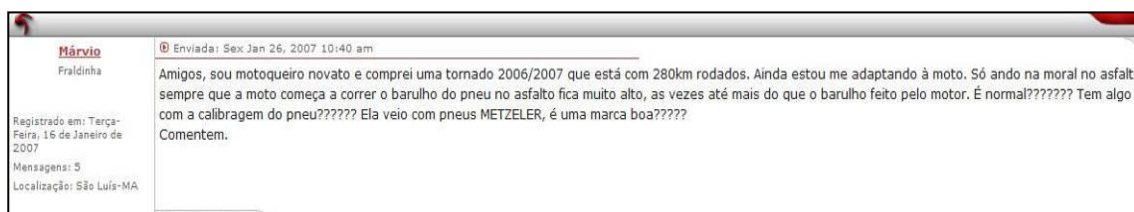


Figura 38 -Trecho extraído do Fórum Oficina do site *Tornadeiros*.

Figura 39

Figura 40

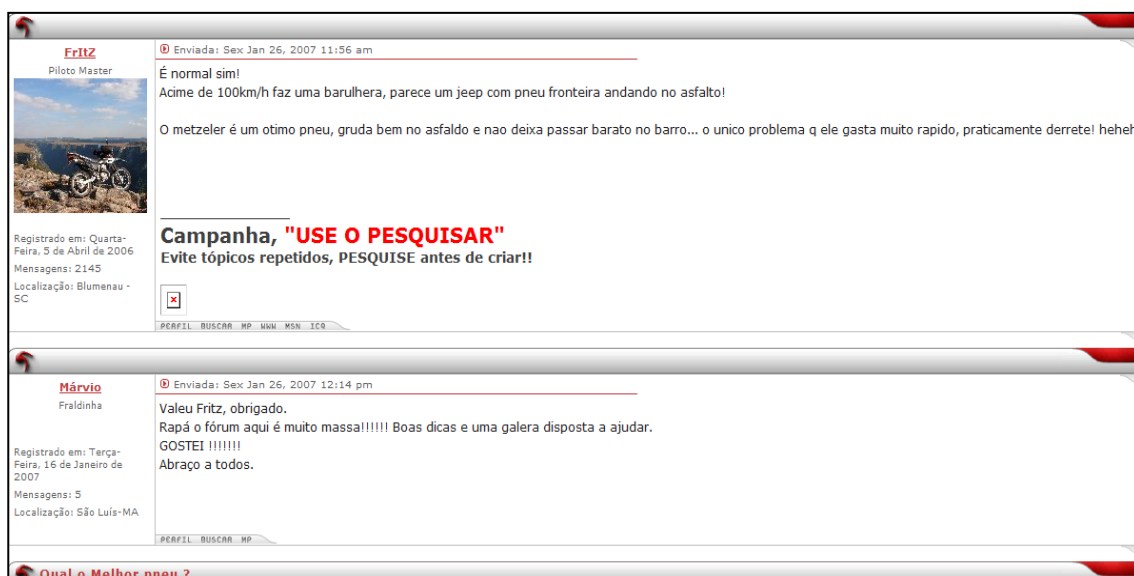


Figura 41

Figura 42 -Trecho extraído do Fórum Oficina do site *Tornadeiros*.

Observe que na prática discursiva acima podemos notar a relação de fideducía construída entre os membros do grupo *Mávrio* e *Fritz*. Enquanto o primeiro apresenta suas dúvidas dando início à interação, o segundo em sua enunciação (discurso) impõe segurança fornecendo uma resposta satisfatória que atenda a necessidade daquele que o interpelou. Com firmeza, *Fritz* responde afirmativamente a *Mávrio*, demonstrando em seu discurso a segurança em sua resposta, desde a confirmação assertiva e enfática com o uso da exclamação quanto com as informações precisas que legitimam detalhadamente o porquê da convicção na normalidade do barulho apresentado na moto de *Mávrio*. A postura assumida por *Fritz* torna-o

fiador desta prática discursiva, uma vez que sua enunciação transmitiu confiança e segurança ao outro participante da dinâmica interativa, como destaca *Márvio* no discurso seguinte ao de *Fritz*, agradecendo-o pela contribuição.

Esta análise está ancorada na obra de Maingueneau (2005) quando este estabelece na inter-relação entre os conceitos de *ethos*, *logos* e *pathos*, a base para compreender a posição que os atores sociais ocupam na prática discursiva, logo, na dinâmica comunicativa. O sociólogo toma o *ethos* do fiador, como a imagem que ele cria de si, por meio de sua experiência, torna-o referência para que este desperte nos ouvintes o *pathos*, a paixão, o entendimento, a admiração e legitimação do que foi falado. O *pathos*, assim, seria o modo pelo qual é recebido o discurso (*logos*) do enunciador, dado a capacidade deste de convencer seu público, como diria Maingueneau (2005), seu auditório. Desta maneira, o discurso é proferido de tal forma que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Maingueneau parte do princípio que não exista um *ethos* preestabelecido e sim construído na atividade discursiva. Para o autor, isso ocorre no momento em que um enunciador toma a palavra e por meio do seu discurso se expõe ao seu auditório.

Voltando nosso olhar para o tópico em análise “*Qual é o melhor pneu?*”, podemos observar o *ethos* dos fiadores sendo construído ao longo das interações neste ambiente, o que procuramos representar pela rede de fiduciários gerada a partir da computação de dados estatísticos indicativos das interações realizadas neste ambiente.

A figura assinala o nível de comprometimento e engajamento de cada membro integrante da dinâmica comunicativa, identificando os nodos mais fortes desta rede, de acordo com a teoria de Granovetter (1973), indicando os fiadores, que na perspectiva de Burt (1992) funcionariam como os buracos estruturais, sendo o elo entre outros atores que não estão conectados diretamente. Ao indicar *Allanmay*, por exemplo, como um dos membros com maior número de interações nesta rede, os dados computacionalmente expressos nesta figura corroboram com a análise do discurso que revela, através das escolhas lingüísticas de *Allanmay* (no que se refere ao sentido das frases e das palavras que a integram bem como o modo como se expressa, conforme discurso presente nas páginas 65 e 66), pistas de sua importância no processo de comunicação estabelecido no site quando suas respostas traduzem o seu comprometimento com as trocas de informação. Além disso, essa postura assumida pelo membro continuamente reforça sua imagem de fiador já que se mantém como um dos laços fortes desta rede de interações.

Sendo assim, a estrutura do capital social desta rede está intimamente ligada aos fatores temporais descritos no capítulo 3 (p. 39) que sugere que a necessidade de investir tempo para a manutenção das relações sociais é o papel desempenhado, sobretudo, pelos conectores da rede, aqui entendidos como os fiadores.

Embora no tipo de rede como os *Tornadeiros.com* a idéia seja o estabelecimento de relações horizontais, garantindo a todos os membros o mesmo poder decisório dentro do grupo, os fiadores acabam desempenhando um papel primordial na manutenção destas relações, pois como mediadores da relação entre os demais atores e pelo papel de confiança que desempenham frente ao grupo, acabam construindo um *ethos* de liderança no decorrer da prática comunicativa, mas sem verticalizar as relações sociais previstas ao longo das interações, já que ao grupo cabe o poder e dinamismo nas decisões e negociações durante as conversações que ocorrem nesta rede de interações.

Ao observar a composição da rede *Tornadeiros* e observar a dinâmica presente nos fóruns de discussão, em especial em relação aos eventos programados, identificamos como grande fiador, *O. Barbosa*, um dos moderadores do site.

Sua liderança, alto grau de confiança conquistado ao longo das interações que ocorrem na rede, torna-o um grande fiduciário desta rede, capaz, inclusive de influenciar membros integrantes do site pertencentes a diversas regiões do país a reunirem-se presencialmente.

O segundo momento do trabalho etnográfico realizado ao longo desta pesquisa conduziu-nos a acompanhar um grupo de motociclista em um encontro presencial negociado e

organizado através do site, durante todo o ano de 2009 a se concretizar pelo período do carnaval de 2010, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, como já dissemos anteriormente.

Observe no grafo que representa o fórum destinado a organização do evento nacional, também conhecido como 6° ENT (6° Encontro Nacional de *Tornadeiros*), os nodos mais fortemente representados na rede, colocando em destaque o que, confirmadamente foi possível observar ao longo da viagem como parte integrante do grupo.

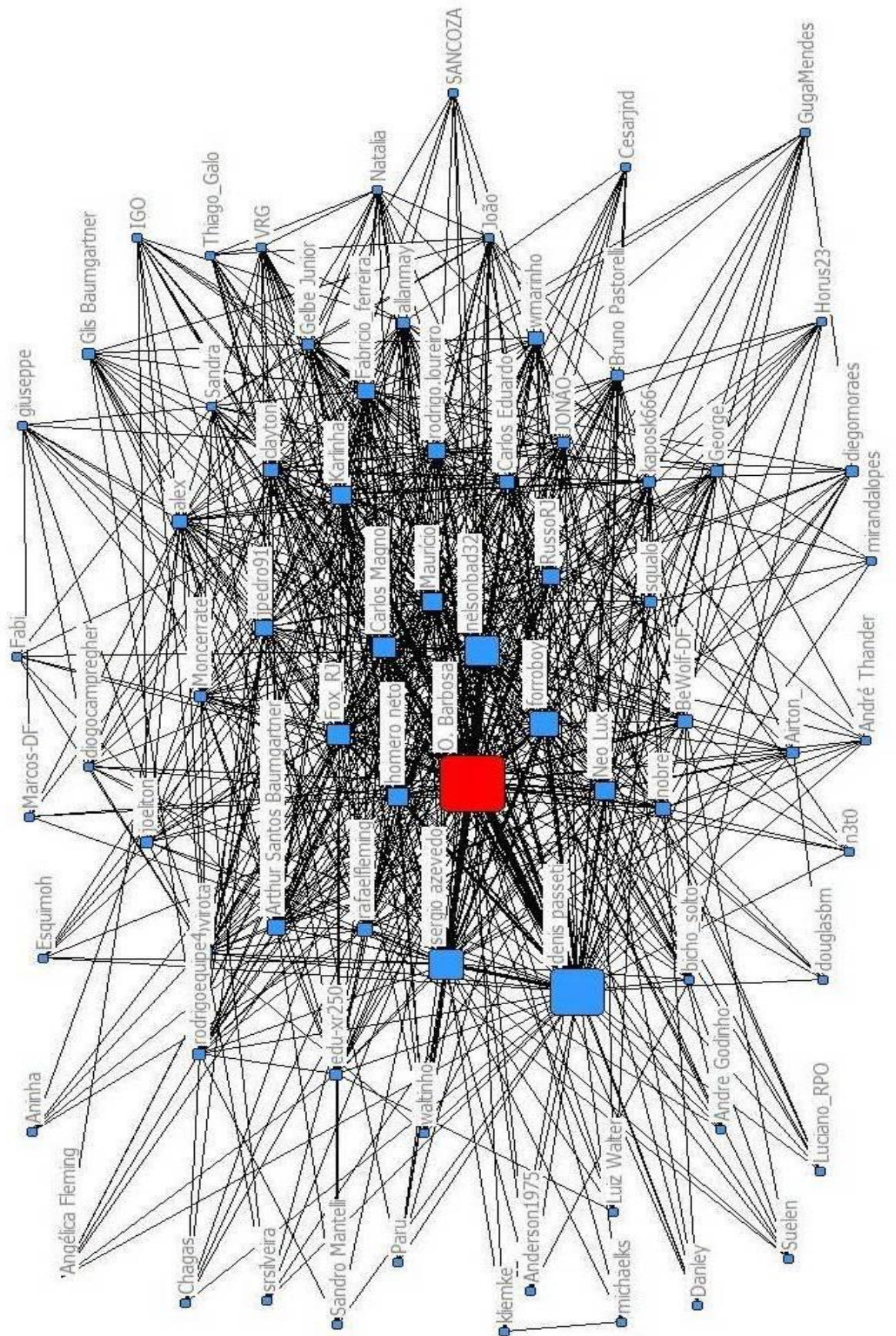


Figura 44 Grafo do Fórum Encontros Agendados da Rede *Tornadeiros*.

O grafo já dá indícios do papel desempenhado por atores como *O. Barbosa*, que apresenta alta densidade nas relações que por ele são atravessadas, demonstrando a confiança que os demais membros depositam em sua pessoa no que se refere ao ENT, tornando-o maior fiduciário deste fórum específico para a organização do evento.

Desde a negociação dos possíveis lugares a serem visitados, *O. Barbosa* era constantemente solicitado pelos demais membros da rede para esclarecer, coordenar ou mesmo sedimentar as idéias que surgiam ao longo das interações no que se refere ao 6º ENT.

Vale ressaltar que, por se tratar de um sexto encontro pressupõe-se que essa confiança foi construída ao longo dos anos com o comprometimento cada vez maior e mais evidente do fiduciário em questão.

Uma vez definido o lugar de realização do evento por todos os membros, coube a *O. Barbosa* operacionalizar a realização do encontro, viabilizando desde a estadia até a amarração do roteiro que se definiria ao longo das interações na rede.

Como membro integrante da rede, já cadastrada e realizando técnica de observação participativa neste momento etnográfico, pude testemunhar o nível de interações que ocorreram em torno deste encontro e verificar a presença constante deste fiduciário em particular, fomentando as interações naquele espaço, comprometido com a manutenção das relações sociais que ali se constituíam.

No dia 09 de fevereiro, após um ano de preparação e negociação entre o grupo, o 6º ENT se inicia com a saída dos primeiros participantes de Pernambuco que seguiram viagem ao encontro dos outros membros do site que vinham de Sergipe para seguidamente juntarem-se às demais motocaravanas.

Com um cronograma fechado, as motocaravanas se deslocavam buscando o ponto de encontro que seria na cidade de Ribeirão Preto no dia 12 de fevereiro de 2010.

| 6° ENT - RIO QUENTE / GOIÁS | | | | |
|--|---|---|--|---|
| PROGRAMAÇÃO 24h/dia - CARNAVAL 2010 | | | | |
| DATA | MADRUGADA 00~06h | MANHÃ 06~12h | TARDE 12~18h | NOITE 18~00h |
| 9/2 TERÇA | - | Partida PE | Viagens Interestaduais e Agrupamento PE/SE | |
| 10/2 QUARTA | Partida SE Viagens Interestaduais - Passagem pela Chapada Diamantina | | | |
| 12/02 SEXTA | Partida RJ Partida PR | Partida ES Partida MG | Partida SP | 20h - Pre-abertura 6° ENT Ribeirão Preto/SP. |
| 13/02 Sabado | Pernoite nas cidades em transito de cada Região. | 08 h - Partida de Rib. Preto Partida DF | 17h - Chegada no GDR | 19h - Abertura 6° ENT - Auditório. 21h - Jantar Abertura 6° ENT GDR 23 h - Palestra Ushuaia |
| 14/02 Domingo | 0h - Parque aquatico GDR. 0h - Noite Livre Badalação. 0h - Pernoite no GDR. | 7h - Café no GDR 8h - Hidro Recreativa 10h - III Rally Economia | 13h - Almoço no GDR. 14h - Tour Caldas Novas. Serra de Caldas / Pirapitinga. | 18h - Jardim Japones. 19h - Carnaval Caldas Novas. 21h - Feira Luar / Jantar na Cidade. |
| 15/02 Segunda | 0h - Parque aquatico GDR. 0h - Noite Livre Badalação. 0h - Pernoite no GDR. | 7h - Café no GDR 7:30h - Saida para Rio Quente 9h - Rio Quente Hot Park | Hot Park Praia do Cerrado Half Pipe | 18h - Retorno do Rio Quente. 20h - Premiação III Rally 21h - Jantar no GDR |
| 16/02 Terça | 0h - Parque aquatico GDR. 0h - Noite Livre Badalação. 0h - Pernoite no GDR. | 7h - Café no GDR 8h - Hidroaeróbica 10h - Trilha do Lago Corumbá | Opções alternativas à Trilha: Opção1 Acqua Park DiRoma Opção2 Lagoa Thermas Club | 20h - Jantar em grupo no GDR. 21h - Carnaval Caldas |
| 17/02 Quarta | 0h - Parque aquatico GDR. 0h - Noite Livre Badalação. 0h - Pernoite no GDR. | 7h - Café no GDR. 8h - Premissas do 7° ENT. 9h - Inicio retorno. | Viagens Interestaduais de volta às cidades de origem. | Viagens Interestaduais de volta às cidades de origem. |
| GDR = GOLDEN DOLPHIN RESORT CALDAS NOVAS / GOIÁS - COMPLEXO DE LAZER OFICIAL DO 6° ENCONTRO NACIONAL DE TORNADEIROS | | | | |

Figura 45 Cronograma do 6° ENT – Encontro Nacional de *Tornadeiros*.

A motocaravana no qual eu estava inserida saía do Rio de Janeiro na sexta-feira, dia 12 de fevereiro e já na concentração às 4h da manhã era evidente a ansiedade e o clima de amizade entre os membros cariocas que, muitas vezes nem se conheciam presencialmente, mas partilhavam o mesmo desejo de estar junto, de companheirismo e preocupação com os demais que, assim como eu, eram novatos na viagem.

Pude verificar desde o início o que inicialmente já havia observado nas interações no fórum *Encontros* no site, **O. Barbosa**, como principal fiduciário desta parte da rede, estimulava e organizava todos os detalhes da partida, estimulando aos demais materializarem as relações estabelecidas no espaço virtual fazendo as apresentações devidas entre os membros que não se conheciam pessoalmente e cuidando para que mesmo os que ele não conhecia se apresentassem e logo estivessem enturmados. De acordo com **O. Barbosa**, em entrevista realizada em 09 de julho de 2009, esta “prática é comum entre *Tornadeiros*, apresentarem-se uns aos outros e buscar fortalecer os laços entre os demais”.

Em 2007, quando conheci o site, acho que foi uma paixão incrível. O site *Tornadeiros* me chamou a atenção pelo grande envolvimento que as pessoas tinham, somente pelo contato na internet. Gente do Brasil inteiro, que não se conhece, na grande maioria das vezes, pessoalmente, mas desenvolve um afeto, troca informação, contribui pra melhoria das condições de pilotagem do outro, desenvolve um carinho, um vínculo, uma amizade que me fez querer vir de Aracajú pra conhecer estas pessoas, que já eram meus amigos. E eu ainda comentava com Joeliton (*Tornadeiro do Nordeste companheiro de viagem*) que é um prazer

enorme abraçar estas pessoas. Interessante, né? Comecei com uma brincadeira na internet, e logo, estava cercado de amigos, comprometido com um grupo que eu não conhecia, mas sentia como se conhecesse. Certa vez o Barbosa (um dos moderadores do site) entrou em contato comigo sem eu conhecê-lo pessoalmente e disse que iria a Aracaju e fui encontrá-lo pessoalmente. Quando ele veio, vi que tinha uma grande vontade verdadeira de reunir as pessoas. Daí, eu assumi a liderança do Nordeste e tirei o grupo da frente do computador e nos vimos, nos encontramos e eu descobri quem eram algumas daquelas pessoas que me davam dicas, por exemplo, sobre moto e terminamos num bar trocando as mesmas histórias que trocávamos na internet. (*S. Azevedo*, Tornadeiro de Sergipe, em entrevista realizada em Caldas Novas, Goiás, no 6º ENT, em 14 de fevereiro de 2010).

Este sentimento é partilhado por outros membros que acreditam que os vínculos sociais criados através do site são a grande força motivadora para buscar o encontro presencial.

Sabe o porquê se viaja tantos km junto? Ou separado pra estar junto? Simplesmente pela satisfação do encontro. Por saber que aquela galera com quem se conversou o ano inteiro vai estar contigo e te possibilitar muita alegria às vezes só num olhar ou num bate papo frenético sobre moto. Meu pai é Tornadeiro de carteirinha e eu, como bom filho... segui seus passos e aqui estou representando a nova geração da família Leite. (*H. Neto*, Tornadeiro de São Paulo, em entrevista realizada em Caldas Novas, Goiás, em 14 de fevereiro de 2010).

Mesmo cadastrado somente desde novembro, eu já viajava nas histórias do Serjão. Então resolvi sair da internet e experimentar esta aventura ao lado do grupo e percebi que a parceria, a amizade e a colaboração é igual ao que se partilha na internet, talvez até aumente em razão de nos conhecermos pessoalmente. Mesmo com a saudade da família é muito bom estar aqui. Falo com minha esposa e filho todos os dias e agradeço pela oportunidade que me deram de realizar este sonho de viajar com os amigos *Tornadeiros*. O ambiente familiar lembra muito mesmo o da minha casa, da minha família. É este o sentimento que tenho ao atravessar mais de 2.000 km para estar aqui, me reunir com parte distante da família. (*Joeliton*, Tornadeiro de Sergipe, em entrevista realizada em Caldas Novas, Goiás, em 14 de fevereiro de 2010).

Este “ambiente familiar” descrito pelo membro *Joeliton* era sentido no transcórper da viagem. Eu mesma, por estar há três meses habilitada, não possuir a menor experiência em pilotagem além dos cuidados do meu esposo que me acompanhava na motocaravana carioca, estava totalmente coberta de uma atmosfera de solidariedade, compreensão e cuidados extremos, sempre sendo conduzida a estar no meio do grupo com minha frente e minha retaguarda sempre protegida e amparada por outros motociclistas em situações que representavam perigo para mim, tais como longas ultrapassagens nas Rodovias Federais.

A solidariedade me cercava de todos os lados e diante do meu estado pleno de inexperiência em pilotagem, parte do grupo que andava mais próximo, coordenava cerca de noventa motociclistas que seguiam o motocomboio com acenos de cabeça e gestos combinados, solicitando uns aos outras paradas antecipadas, afim de que eu descansasse e

prosseguisse viagem com mais conforto e segurança.

E em cada parada, sempre em clima de descontração, algum motociclista se aproximava e dizia carinhosamente: “Aposto que você é a Karlinha. Tá me atrasando, hein!”, frase esta que virou meu mantra pessoal durante toda a viagem.

Interessante que embora muitos dos que se aproximavam para brincar fizessem parte do ciclo de relações diretas que criei no site, também algumas destas pessoas não tinham ainda estabelecido nenhuma relação direta comigo, mas me conheciam, o que corrobora a Teoria dos buracos estruturais de Burt, estando sempre alguém entre minha relação com os outros (os desconhecidos virtuais) como uma ponte de ligação, já que estes me reconheciam.

Os primeiros 828 km de viagem nos levaram a cidade de Ribeirão Preto, ponto de encontro para todas as motocaravanas, onde jantariamos e descansariamos por uma noite para pegar a estrada no dia seguinte e seguir os 450 km finais.

Observou-se que mesmo diante da exaustão do dia inteiro de viagem, as pessoas demonstravam vencer o cansaço e mantinham-se juntas o tempo inteiro. Suas expressões de felicidade eram visíveis aos olhos de quem observasse.

O grupo é muito bacana e acompanhar a família, filho motociclista, filha e esposa é mais gratificante, se esquece até o cansaço, ainda mais por acompanhar uma grande família junto a minha família. Não há muito que falar sobre os *Tornadeiros*, nada mais do que você não esteja vendo e acompanhando no site sobre esta turma. Todos, que se conhecem inicialmente no site, fortalecem esta amizade e companheirismo quando são expostos em nossos encontros uns aos outros e isso é indescritível. (A. *Flaming*, Tornadeiro de São Paulo, em entrevista realizada em Ribeirão Preto a caminho do 6°ENT, em 12 de fevereiro de 2010).

Eu entrei no grupo para acompanhar meu marido nas aventuras, pois a paixão dele é moto. Mas logo fiz muitos amigos e resolvi me cadastrar no site porque passei a ter toda uma afinidade com as pessoas com quem convivi em outros encontros. Vejo o quanto o Fabrício se diverte se informa e se ocupa com as interações no site. Sei o quanto é importante para ele este espaço como um espaço de contato com outros motociclistas, que como ele, são apaixonados por moto. O grupo é dinâmico, bacana e muito divertido e mais que isso, são muito companheiros o que nos tranquiliza em cada percurso que seguimos juntos. O cansaço nem é problema para nós, o que importa é ser parte da família *Tornadeiros*. (Vivi, Tornadete⁹ de São Paulo, em entrevista realizada em Ribeirão Preto a caminho do 6°ENT, em 12 de fevereiro de 2010).

Ao longo do jantar os “amigos virtuais” se revelavam. Os que não tiveram oportunidade de interagir durante o primeiro trecho da viagem se apresentavam pelos apelidos e logo eram reconhecidos pelos demais e retomavam muitas vezes assuntos deixados pendentes no site ou tão somente partilhavam a emoção do encontro e estreitavam as relações. Mas o que percebia é que nenhum discurso era inaugural, tudo representava uma

⁹ Tornadete é a nomenclatura usada pela rede *Tornadeiros* para caracterizar os membros do grupo que são garupa e não motociclistas.

continuidade.

A imagem que um observador fora do contexto do grupo testemunhava era uma mesa enorme de amigos de longa data em confraternização, pois todos partilhavam de uma intimidade e cumplicidade aparente, dificilmente compreensível para quem soubesse que muitos pela primeira vez pessoalmente ali se relacionavam.

Alguns dos fiduciários do site que compareceram ao evento eram constantemente invocados nas conversas, cumprindo o papel de referência do grupo, e desempenhando a função muitas vezes de mediador na quebra da timidez de alguns, que por algum momento se colocavam distante das interações ou quando as conversações saíam da experiência da viagem, passando por assuntos de manutenção de moto e voltando a origem de tudo: o site.

Eu conheci os *Tornadeiros* fuçando a internet. Eu não sou esse cara muito de mexer na internet não, não entendo de computador. Então, meu pai que sempre teve Tornado e eu adorava andar na moto dele, por causa disso fui fuçando a internet e um dia achei esse site. Me cadastrei de qualquer jeito, nem preenchi as coisa direito e logo na primeira semana vi os outro trocando muita coisa sobre moto e um tal de fórum de eventos. Daí eu pensei: opa!. Esse negócio de evento me interessa. Conhecer gente! E comecei a falar com o pessoal e caí na besteira de chamar o povo pra conhecer minha cidade. Eu achei assim... esses cara são tudo Zé Ruela. Eles não vão vir não. E aí, de repente, comecei a receber um monte de mensagem. ‘Vamos sim. Quando é que é?’ E, de repente, eu virei coordenador de um encontro. Como assim? Coordenador? Não sei nem como é que é esse negócio! Aí pensei... vou deixar quieto, vou sumir pra esses caras me esquecer. Daí eu sumi. Um mês depois eu fui no site e só via lá escrito, cadê o Jonão, ele agita as coisa e some. Ah... responsabilidade, né? Eu vou ter que encarar. Daí eu assumi e fui conversando com o *Barbosa* (*uns dos moderadores do site*) por MP e fui indo em restaurante, pousada, tudo pela região. Eu, sem conhecer ninguém, virei coordenador. Daí eu chamei a responsabilidade pra minha pessoa. Eu tinha medo de ser aqueles moto clube pesadão. Minha mãe disse: ‘menino sai fora dessa. Você é doido! Não vai. É muito perigoso. Mexe com isso, não’. Fui lá arrumei a pousada. De repente só chega aquele povo derrapando na cachoeira, cheio de mala. E eu não sabia como ia ser. E eu vi que era um bando de gente, tudo família. E hoje to aqui em Goiás com essa nova família. É inexplicável, como é que da internet, eu fiz novos e grandes amigos e achei muito interessante. Na minha cidade, o pessoal não entende o que aconteceu. Eu virei celebridade em Montes Verde. (*risos*) O espírito Tornadeiro eu conheci no momento em que eu vi os caras e pensei, estes caras são ponta firme! Na hora que eu olhei no olho do *Barbosa* ele me abraçou e disse: salve Jonão! E eu abracei ele, como se já conhecesse. Mas eu já conhecia, né? (*risos*) Realmente é uma família e eu fiquei de cara. Depois de passar todo o encontro, que foi tudo bom, eu sumi. Eu gosto de moto, gosto de ver as informações sobre moto, mexe na minha moto quando eu leio as coisas, mas eu não sou esse cara de computador não. Eu não gosto, não sei ficar escrevendo essas coisas ali. Não é comigo! O pessoal até me chama de sumidão por causa disso. Meu negócio é esse aqui, botar a moto na estrada e encontrar o povo. O negócio é tão interessante que quase um ano depois eu encontrei o *Gimenez* (*membro do site do residente no estado de SP*) em Sorocaba e o cara me encarando e disse vindo na minha direção: ‘Você não é o Jonão?’ E aí eu olhei na cara dele e reconheci que era um cara que tava no encontro em Montes Verdes e abracei ele e conversamos. Eu estava com meus colegas e quando ele saiu eu disse: ‘tá vendo?’ Isso é o espírito Tornadeiro. Eu vi o cara uma vez. Um negócio que nasceu na internet de uma brincadeira e deu no que deu. Agora mesmo na rodovia, tava atrasado no ponto de encontro e desesperado e de repente vi umas motos saindo e saí correndo e tava *Russo* (*membro do site do residente no estado do RJ, cujo grupo eu estava acompanhando*), você encostada sem combustível e o povo parando com a garrafinha pra te ajudar (*mão na cabeça e gargalhada*). Um monte de bandeira *Tornadeiros*! Nunca tinha visto o grupo que estava com você na vida, mas era Tornadeiro. E então seguimos juntos e descobri que meu colega de quarto tava até neste grupo! O *Russo*. Tudo começa no site, mas cresce aqui, no abraço... em ir em direção ao colega e olhar no olho dele e saber o nome dele e com quem você conversa na internet. (*Jonão*, Tornadeiro de MG, em entrevista realizada em Ribeirão Preto a caminho do 6ºENT, em 12 de fevereiro de 2010).

A relação desenvolvida por estes atores sociais no domínio do site foi responsável pela criação de um capital social relacional tão significativo capaz de inferir à vida destas pessoas a experiência de afetividade, amizade, companheirismo e reconhecimento, construindo laços fortes e duradouros, onde, comumente poderiam se desenvolver experiências efêmeras, tal como entrar no site, obter uma informação desejada e nunca mais retornar. Mas a própria postura dos fiduciários do site produz a inclusão dos demais membros nas trocas relacionais, mantendo estas trocas no nível horizontal, dando poder de participação igualitário aos que quiserem fazer parte do grupo, fortalecendo assim os laços sociais entre eles.

Isso tem relação direta com a busca pelo alinhamento¹⁰ do grupo. As negociações estabelecidas no espaço virtual por meio das interações coletivas entre os membros integrantes desta rede levam-nos a constituição de vinculação afetiva, visto que na cena cotidiana estes atores participam uns da vida dos outros.

Ribeirão Preto foi apenas uma primeira impressão, mas ao amanhecer e seguir o curso da viagem, os 450 km restantes vieram confirmar a percepção de integração do grupo, o companheirismo e amizade.

A saída de Ribeirão Preto, depois de organizadas todas as motocaravanas, foi um tanto quanto conturbada. O grupo parou para fotografar em dado lugar onde era proibido tráfego de motocicleta, neste instante foram abordados por policiais e encaminhados para o posto policial nas proximidades. Isso ocasionou certo tumulto na saída do lugar e após resolução da questão a saída foi marcada por uma pequena dispersão.

Eu e meu marido que estávamos fora da área proibida para estacionar arrumando os últimos detalhes para seguir viagem, por um sinal de trânsito fechado na hora em que seguíamos o grupo, fomos deixados para trás.

Naquele momento tudo ficou nebuloso, mas imediatamente, encontramos outros motociclistas numa situação similar, também dispersos do grupo junto ao carro de apoio que seguia o comboio nos esperando.

Seguimos até Caldas Novas e lá chegando o grupo nos aguardava, aflitos, preocupados, ainda que em contato por telefone e rádio por todo o restante da viagem, somente dando início a abertura oficial do evento após nossa chegada.

Depois que colocamos nossas motos no estacionamento, eu e meu esposo

¹⁰ Este trecho citado pelo entrevistado refere-se ao momento em que a pesquisadora parou na estrada sem gasolina por sua inexperiência quanto a autonomia da moto.

juntávamos ao lado da moto dele nossos pertences para nos dirigirmos ao quarto quando de repente vejo um casal se aproximando de minha moto, estacionada um pouco a frente da do meu esposo. O rapaz apontava a minha moto e dizia para a moça que o acompanhava: “esta moto é a da Karlinha, é a única XR-200 e ainda por cima rebaixada, ela é baixinha, né? A menina é corajosa. Tirou a habilitação há 3 meses e já fez esta viagem. Viu, Renata?” Eu sorri e me aproximei e então me apresentei. Eu não conhecia aquele casal, mas já era conhecida por eles. Recebi um abraço tão forte que me deixou intrigada, como se eles me conhecessem. E então, enquanto seguíamos juntos para a entrada do hotel *Loureiro* dava o seu relato.

Em 2008 eu comprei uma Lander e fui pra internet procurar alguém pra andar de moto comigo, porque minha namorada não anda de moto e éramos só eu e ela. Caí no site dos *Tornadeiros...* e achei que não ia rolar, porque minha moto não era Tornado, era de marca concorrente até. Vou tentar não me emocionar... (*suspira emotivo*) porque lembro muito bem. Achei que iam me rejeitar. Pra minha surpresa fui super bem recebido no site e logo já estava participando de um encontro local, organizado em Niterói. Depois disso continuei na internet com a galera até que resolvi ir pra um passeio maior,. Fui pra Tiradentes meio apreensivo, afinal não era tão perto de casa como Niterói. Ali eu senti um negócio muito forte. Eu fui pára-quadista do exército e já tive situações em que fosse colocado sobre perigo, e tinha nas camaradas um refúgio. E quando fui pra Tiradentes todo mundo já sabia quem eu era. Esse negócio de Apelido me fazia ter que perguntar pras pessoas nomes estranhos e depois descobrir seus nomes, mas além do clima descontraído e divertido, senti a segurança que sentia com meus brothers do exército, mas essa segurança era de base afetiva, não profissional, sentia o amparo afetivo por ser motociclista novato, sentia amizade, consideração. Não fiquei pra trás em um só momento e mesmo viajando com motos mais potentes, tipo o *Barbosa* com uma XT660 e outros mais, o *Luiz Walter*, eu conseguia acompanhá-los, porque eles estavam sempre ao meu lado me dando segurança na estrada, em todo o percurso. Eu sei que as pessoas que eu conhecia como amigos no site se tornaram meus amigos de verdade fora do site. Inclusive, eu vim pra cá de avião com minha namorada, pois um amigo do site trouxe minha moto prá mim. Meu escudeiro, *Russo*, que eu também só conhecia pelo mundo virtual e, encontrei pela primeira vez quando ele foi buscar minha moto. Isso é o que faz a gente viciar em ser Tornadeiro... trocar informações e conquistar amigos...quer coisa melhor? Isso não tem preço. (*Loureiro*, Tornadeiro do RJ, em entrevista dada em Caldas Novas, Goiás, em 13 de fevereiro de 2010.)

Os momentos que se seguiram foram de intensa descontração, todos seguiam a programação elaborada e negociada pelo site e se conheciam e reconheciam e cada parada, em cada passeio, em cada conversa e interação.

O capital social dos *Tornadeiros*, evidentemente demonstrado pelas relações de confiança, cooperação e amizade desenvolvidos pelo grupo foi comprovadamente mantido e fortalecido no encontro presencial e descrito por muitos membros como o “espírito Tornadeiro” capaz de fomentar o desejo de estar junto daqueles que partilhavam suas vidas ao longo do ano por vínculos afetivos inicialmente criados no espaço virtual.

O *Tornadeiros* foi criado a partir do Orkut, uma comunidade fechada. E eu participei disso. Em princípio, pelo Orkut, numa comunidade destinada a proprietários de XR 250, a gente se comunicava e trocava idéias sobre a Tornado (*referindo-se a moto*). Na época eram o *Alex* (*criador e administrador do site*), Bernardo, também de Niterói, o próprio Nelson e Luciano já trocavam também. De repente começou a aparecer gente com outras motos querendo trocar

idéia, buscando tirar dúvidas sobre diversos tipos de motos, querendo dar contribuições. Aí o Alex resolveu com o outro colega colocar a idéia pra frente de abrir um site pra abrir aquela comunidade do Orkut pra o Brasil inteiro, promovendo essa rede que hoje é o *Tornadeiros*. Eu lembro que, pra mim que era da comunidade XR250, foram meses de ansiedade pra ver o site no ar, já que eu acompanhava a idéia desde o início. Em agosto de 2005 abriram o site e eu, só sabendo pelo Orkut no dia 13 de outubro, fui me cadastrar e me admirei que vi já inúmeras pessoas se cadastrando e com um mês de existência, sem divulgação nenhuma que não pelo Orkut, dentro da comunidade, e no boca a boca, já tinha mais de 100 pessoas cadastradas na minha frente. E em menos de dois meses a galera começou a organizar encontros regionais o que fortaleceu mais os laços locais e logo conseguimos unir outros estados e organizamos o primeiro encontro nacional. Falo que organizamos, porque tudo aconteceu pela internet, cada um contribuía com suas opiniões e o encontro ia se concretizando. O que me ocorria no início, ao cogitar encontrar aquelas pessoas, era que o repertório de assuntos estaria esgotado, afinal todas as dúvidas sobre motos, informações, coisas que tínhamos em comum eram conversadas pelo site. Isso me gerou uma certa timidez quando parti para o encontro. Mas logo isso foi resolvido quando vi aquelas pessoas e a partir do primeiro abraço, vi que tínhamos mais em comum do que eu imaginava, tínhamos não somente as motos, as experiências, mas o espírito Tornadeiro, que nos reunia e alimentava cada instante de novas e novas experiências que agora viveríamos juntos. E assim estamos até hoje, recebendo cada vez mais pessoas por meio dessas experiências partilhadas, como você, Karlinha, que hoje não é só pesquisadora do grupo, mas parte da sua pesquisa. Afinal foram 1.200 km aproximadamente que você, uma motociclista sem experiência percorreu com o apoio da sua nova família, *Tornadeiros*, não é? Mais importante no site é a empatia que criamos um com o outro que constitui o espírito *Tornadeiros*. (*rodrigoequipe4*, Tornadeiro do RJ, em entrevista realizada em Caldas Novas, Goiás, no 6º ENT, em 14 de fevereiro de 2010).

A gente vive num mundo hoje em que procuramos viver coisas diferentes e isso me levou a vir aqui, pra buscar coisas diferentes. O espírito Tornadeiro é a superação de limites, dói o pé, o joelho, até o cabelo (*gargalhada*). Mas a gente vem na emoção de saber que vai ter a possibilidade de estar em comunhão com amigos de todo o Brasil que fazem parte da nossa vida no dia a dia pelo site, trocando informações, experiências. Partilho de várias idéias com muitos aqui e tenho diariamente a chance de trocar isso, como com o Nelson, por exemplo, nossos projetos semelhantes de viagens. Já recebi várias dicas aqui. E ter a chance de só aumentar isso encontrando pessoalmente com todos é uma oportunidade única, capaz de me fazer enfrentar 2.600km de estrada. Essa relação com o grupo proporciona não só a mim como às outras pessoas também, a ter outra postura diferente não só em relação à condição de motociclista, mas em relação à vida também, pois passamos a nos relacionar com pessoas completamente diferentes da gente, vivências diferentes, culturas diferentes, mas ainda assim, pensamentos muito parecidos, pois vivemos o mesmo universo, o universo de motociclistas *Tornadeiros*. (*Forroboy*, Tornadeiro de Pernambuco, em entrevista realizada em Caldas Novas, Goiás, no 6º ENT, em 14 de fevereiro de 2010).

Todos estes relatos reunidos têm em comum a idéia de que as interações no espaço virtual foram a ponte de ligação entre estes atores sociais e a partir do capital social originado na rede, foram sedimentados e efetivados os vínculos afetivos entre estes atores que partilham do mesmo afeto: a paixão por motos.

A partir deste estudo podemos confirmar a hipótese inicial desta investigação segundo a qual as relações de confiança e reciprocidade entre os membros de uma rede social online são fatores determinantes para impulsionar o contato face a face, promovendo a construção de vínculos sociais efetivos.

5 CONCLUSÕES

Neste estudo buscou-se utilizar a metodologia de análise de redes sociais na internet aliada à leitura qualitativa do objeto de estudo ao qual nos debruçamos – a rede social *Tornadeiros*- com o objetivo de responder a pergunta inicial desta pesquisa: quais os fatores preponderantes para que redes sociais virtuais materializem suas dinâmicas interativas no espaço offline construindo vínculos sociais duradouros?

Buscando resolver esta inquietação, iniciamos esta investigação refletindo sobre o conceito de redes sociais a partir de duas perspectivas: uma sociológica e outra comunicacional. Ao nos debruçarmos sobre estas visões, começamos a pensar na dimensão relacional da rede e nos elementos que a tornam um espaço de produção de sentidos e trocas sociais.

Estando as trocas entre os atores no centro da trama social, este estudo nos levou ao conceito de capital social. À luz de vários autores, compreendemos o capital social como um bem coletivo constituído por meio das relações de confiança, cooperação e coordenação em um meio social no qual todos os indivíduos obtêm acesso a recursos e favorecimento. As reflexões teóricas nos conduziram à análise empírica realizada na presente pesquisa, que apontou nas relações de confiança entre os atores sociais a principal característica para a formação deste capital social.

Logo, para que se desenvolva o capital social numa rede de interações, é imperativo que se construa a confiança entre os atores envolvidos nas trocas comunicativas. Esta última depende para sua consecução eficaz que haja disposição dos atores para firmar compromisso com a rede, diferenciando estes dos demais atores sociais pelo empenho que demonstram para manutenção das relações sociais.

A confiança seria então a variável-chave para que se estabeleçam relações de troca, reforçando os mecanismos de cooperação, produzindo o efeito de ganhos imediatos para a rede e a presunção, muitas vezes, de ganhos futuros para os atores mais comprometidos com esta, aqui identificados como fiadores.

À luz das teorias estudadas, dividimos o estudo de caso em dois momentos distintos, que resolvemos chamar de etnografia online e o de etnografia offline. A etnografia online consistiu na utilização da técnica de observação participante a partir do cadastro da pesquisadora como membro da rede social em estudo, em seguida de aplicação de um questionário virtual e posteriormente com a compilação do conteúdo do site desde sua origem até o ingresso da pesquisadora como membro, para que suas interações não comprometessem

a análise dos dados compilados.

Os elementos reunidos neste primeiro momento etnográfico permitiram a construção do grafo da rede *Tornadeiros* - com o auxílio do *software* Ucinet 6 for Windows - determinando, a partir do diálogo com as teorias que orientaram este estudo sobre as relações sociais tal como a Teoria da Dívida (MAUSS *apud* MARTINS 2004), a Teoria dos Laços Sociais (GRANOVETTER, 1973) e a Teoria dos Buracos Estruturais (BURT, 1992), os laços mais fortes desta rede e compreendê-los como os nodos fortalecedores das relações sociais, indicados como os fiduciários da rede social.

Concluimos que os indivíduos identificados como mais centrais na rede social são os responsáveis por maior integração, mobilização e referência para os demais, sendo reconhecidos como o elo entre os demais elementos da rede por investirem maior tempo nas relações sociais, intensificando o envolvimento de toda a rede.

Uma vez determinados estes indivíduos, os fiduciários, considerados os vértices mais fortes do sociograma da rede social *Tornadeiros*, realizado com o auxílio do *software* Ucinet 6 for Windows, separamos uma amostragem de 17 discursos presentes em um dos fóruns de interação da rede social e produzimos a análise dos interdiscursos à luz da escola teórica francesa de análise do discurso (AD), tomando emprestadas as considerações de Mangueneau sobre os elementos necessários a promoção da AD.

Uma vez realizada a análise dos interdiscursos, confrontamos esta análise com o grafo de interações da rede *Tornadeiros*, comprovando a validade das informações geradas computacionalmente, onde, alguns dos elementos apontados pelo grafo despontavam como elementos chave no processo de comunicação, logo, como os laços fortes da rede.

Concluimos, a partir deste momento da investigação que a maior interação entre microgrupos pode fortalecer a capacidade de mobilização da rede, promovendo o extrapolar do ambiente online, tal como constatado no segundo momento etnográfico- aqui tratado como etnografia online- visto a integração, organização e mobilização da rede para a promoção e realização de encontros presenciais.

Concomitante com este primeiro momento etnográfico, a pesquisadora preparava-se para a segunda etapa do trabalho empírico. Matriculou-se numa auto-escola com o objetivo de obter a Carteira Nacional de Habilitação na categoria A, para acompanhar o grupo quando este extrapolasse a virtualidade e realizasse um encontro presencial, como motociclista membro do grupo.

Este encontro presencial foi realizado três meses depois, no período do carnaval de 2010, e inaugurou a segunda etapa da empiria, a etnografia offline.

O 6ºENT (Encontro Nacional de *Tornadeiros*) é um encontro anualmente promovido e negociado pelos membros do site, que de acordo com o fundador da rede “objetiva materializar os vínculos de amizade criados ao longo do ano”. Neste encontro, a pesquisadora percorreu 1.278 quilômetros ao lado de motociclistas de todas as regiões do país, realizando observação participante e entrevistas presenciais ao longo da viagem.

Retomamos, pois, a análise dos discursos realizada na primeira fase etnográfica e as confrontamos com as entrevistas presenciais e os dados observados durante os quatro dias do encontro, confirmando as primeiras conclusões sobre os laços fortes da rede social e sua importância para o processo de manutenção e estreitamento das relações da rede. Além disso, observamos nas entrevistas presenciais a carga emotiva em que se ancoram os vínculos sociais criados pelas relações estabelecidas no ambiente virtual, confirmando a existência de laços sociais efetivos e duradouros.

Estas considerações confirmam a hipótese inicial deste trabalho de que as relações de confiança e reciprocidade estabelecidas entre os membros de uma rede social online são fatores preponderantes para impulsionar o contato face a face, promovendo a construção de laços sociais não efêmeros, tal como apontam os entrevistados sobre a relação que desenvolvem dentro e fora do ambiente virtual.

O que se deve ressaltar é que, dentre os fatores que compõem a estrutura do capital social o que está diretamente relacionado com as relações de confiança que se desenvolvem entre os atores sociais são os fatores temporais. Estes fatores, de acordo com Claridge (2004), refletem o tempo que se investe na manutenção e intensificação dos laços sociais. São responsáveis, deste modo, pela ascensão dos membros da rede a fiduciários, ou seja, os nodos fortes da rede social.

A partir do diálogo entre os instrumentos utilizados nesta investigação pudemos estudar a sociabilidade na rede social *Tornadeiros* buscando dialogar diversas áreas do conhecimento, tal como a Matemática, utilizando seus princípios básicos para desenvolver matrizes que compilassem os conteúdos digitais disponíveis na rede; a Sociologia, realizando um trabalho etnográfico em profundidade ao mergulhar num universo desconhecido, predominante masculino, como descrito no último capítulo, no subitem 5.1.1, na Figura 11 (p. 50), tornado-se motociclista; e a Comunicação Social observando a dinâmica relacional da rede e os processos comunicacionais emergentes.

Esta dissertação mostrou-se um trabalho interdisciplinar e não objetivou esgotar o tema de redes sociais na internet e sim espera que o compêndio de informações aqui levantadas através da metodologia utilizada para realização da investigação sirva de suporte

para a análise de outras redes sociais virtuais constituídas por dinâmica relacional.

Sugerimos a continuidade deste estudo, pensando nas possibilidades de investigar redes sociais virtuais como um gênero digital no campo das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, buscando compreender as relações sociais contemporâneas emergentes no contexto da tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2. São Paulo, 2009. *Anais do II Colóquio Binacional Brasil México de Ciências da Informação*, São Paulo, 2009.
- AQUINO, J. A. de. As teorias da ação social de Coleman e de Bourdieu. *Humanidades e Ciências Sociais*, UECE, v. 2, n. 2, p. 17-29, 2000.
- BAKER, W. 'Market Networks and Corporate Behaviour'. *American Journal of Sociology*, v. 96, p. 589-625, 1990.
- BATISTA, P. P. *Blogar por quê? Por que blogar?*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BERCHT, M. *Em Direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas*. 2001. Tese (Doutorado) - Instituto de Informática, UFRGS, , 2001.
- BOURDIEU, P. 'The forms of capital'. In: RICHARDSON, J. (Ed). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Westport, CT: Greenwood, 1986.
- _____. O Capital Social – Notas Provisórias (1980). In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 3.
- BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 16. , 2007, Curitiba, PR, Curitiba, *Anais do XVI Compós*. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf>. Acesso em: 03 maio 2009.
- BREWER, G. A. Building Social Capital: Civic Attitudes and Behavior of Public Servants. *Journal of Public Administration Research and Theory*, v.13, n.1, p. 5-16, 2003.
- BORGATTI, S. P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L. C. *Ucinet for windows: software for Social Network Analysis*. Harvard, MA: Analytic Technologies. 2002.
- BURT, R.S. *Structural holes: the social structures of competition*. England: Harvard University, 1992.
- CAILLÉ, A. Dádiva e associação. In: MARTINS, P. H. (Org.) *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- CAPRA, Frijotf. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix/Amaná-Key, 2001.

CLARIDGE, T. *Social capital and natural resource management*. Brisbane, Australia: University of Queensland, , 2004. Unpublished thesis

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *The American Journal of Sociology*, v. 94, p. S95-S120, 1988.

_____. *Foundations of social theory*. Boston. Harvard University, 1990.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOBB, L. R; FERRAZ, S. F. de S. *Arranjos produtivos locais na perspectiva da teoria do Capital social: estudo no APL Moveleiro de Marco/CE*. In: SIMPÓSIO MDE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO LOGÍSTICA. Fortaleza, 2010. *Anais do XIII Simpósio de Administração da Produção Logística e Operações Internacionais*, 2010.

GRANOVETTER, M. S. 'The strength of weak ties'. *The American Journal of Sociology*. v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LA TAILLE, Y. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: _____; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 13. ed. São Paulo: Summus, 1992 p. 11-22.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MATOS, H. *Capital social e comunicação: interface e articulações*. São Paulo: Summus, 2009.

MARTELETO, R. M. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

_____; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ci. Inf.* Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, 2004.

MARTINS, Paulo H. As redes sociais, o Sistema da Dádiva e o Paradoxo Sociológico. In: _____; FONTES, Breno (Org.) *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: Ed. UFPE. [2004?]. p. 21-48.

MENDES, R. Ansiedade nos motociclistas. *Análise Psicológica*, v.1, p. 43-47, 2005.

MORAES, Dênis. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 187-216.

- MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas de comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.17-38.
- NEWMAN, M. E. J.; PARK, Juyong. Why social networks are different from other types of networks. *Physical Review E*, v. 68, n. 3, 2003. Department of Physics and Center for the Study of Complex Systems, University of Michigan, Ann Arbor, Michigan 48109, USA.: American Physical Society, September.
- NORRIS, P. *Digital divide: civic engagement, information poverty, and the internet worldwide*. Cambridge: Cambridge University, 2001.
- PAIVA, Cláudio Cardoso de. Muito além do bem e do mal: um ensaio sobre o medo, a mídia e a cidade. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; NACIF, Rafael (Org.). *Redes urbanas: comunicação, arte e tecnologia*. Rio de Janeiro. Eduerj, 2007.
- PORTES, A. Social capital: its origins and applications in modern sociology. *Annual Review of Sociology*, v. 24, p. 1-25, 1998.
- _____; LANDOLT, P. The downside of social capital. *The American Prospect*, v. 26, p. 18-23, 1993.
- PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PUTNAM, R. D. Bowling alone: America's declining social capital. *Journal of Democracy*, v. 6, p. 64-78, 1995.
- RECUERO, Raquel. *Teoria das redes e redes sociais na internet: Orkut, Weblogs e Fotologs*. In: INTERCOM, 27. Porto Alegre, 2004. *Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Pesquisa em Comunicação*, Porto Alegre, 2004.
- REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- RHEINGOLD, H. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. *Encontros Bibli*, Santa Catarina, Especial, 1. sem., p. 75-91, 2006.
- WATTS, D. J.; STROGATZ, S. H. Collective dynamics of 'small-world networks'. *Nature*, v. 393, p. 440-442, 1998.
- WELLMAN, B. Designing the internet for a networked society: little boxes, glocalization, and networked individualism. *Communications of the ACM*, v. 45, n. 5, p. 91-96, 2002.

WELLMAN, B. An Electronic Group is Virtually a Social Network. In: KIESLER, Sarah (Org.) *Culture of Internet*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1997. p. 179-205.

Outras referências:

Jornal O Globo

<<http://www.tornadeiros.com.br>>.

<<http://www.xtzlander.com.br>>.

<<http://www.xreonline.com.br>>.

<<http://www.falcononline.com.br>>.

APÊNDICE A - Questionário Perfil do Site *Tornadeiros***Perfil do Site Tornadeiros**

*Obrigatório

1) Idade *

- 17 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- 46 a 55 anos
- acima de 56

2) Sexo *

- Masculino
- Feminino

3) Cidade *

Preencher o nome da cidade de origem

4) Estado *

AC ▼

5) Tipo de Motocicleta *

- XR 250 Tornado
- Tive Xr 250 Tornado, mas agora tenho outra
- Não tenho motocicleta
- Outro:

6) Como conheceu o site Tornadeiros.com *

- Indicação de Amigos
- Buscador (Google, Yahoo, MSN, etc.)
- Adesivos, camisetas, etc.
- Outras formas

8) Qual é o principal motivo de acessar o site? *

- Obter informações sobre motos
- Conversar com outros motociclistas
- Obter informações sobre motos e trocar experiências com outras pessoas
- Participar de motopasseios promovidos pelo site
- Todas as alternativas anteriores

9) Tem facilidade de encontrar o que procura no site? *

- Sim
- Não

10) O que mais te agrada no site? *

- A possibilidade de trocar informações com motociclistas de todo o país
- Informações sobre manutenção de motos
- Eventos promovidos por meio do site
- Todas as respostas anteriores
- Outro:

11) Os vínculos de amizades criados através do site foram mantidos? *

- Sim, somente na internet
- Sim, na internet e fora dela
- Não

12) Com relação a outros motociclistas que não fazem parte da comunidade Tornadeiros?
*

- Você já indicou o site para alguém
- Já compartilhou alguma informação que obteve no site com não-membros
- As duas alternativas anteriores
- Nenhuma das respostas anteriores

13) Você já participou de algum encontro presencial (passeios locais, trilhas, encontro regional, encontro nacional) organizado pelo Tornadeiros? *

- Sim
- Não, mas gostaria de participar
- Não, não tenho interesse.

Caso queira se identificar, digite o seu nick no espaço abaixo

Essas informações de uso restrito a esta pesquisa

Enviar

APÊNDICE B - Dinâmica discursiva no Fórum Oficina

I – Discursos selecionados para etapa inicial da análise do discurso. Os discursos abaixo compõe o conjunto de interdiscursos do Fórum Oficina, cujo tópico foi criado com o nome de “Qual é o melhor pneu?”. Os discursos abaixo compreendem o início da dinâmica interativa empreendida no ano de 2006.

Qual o Melhor pneu ?

romenuamp
Fraldinha

Enviada: Sex Mar 10, 2006 1:27 am

Estou na minha 1ª troca de pneus e tenho dúvidas.
Pensei em compra o original (Metzeler) mas o preço é alto de mais.
Tem outras marcas mais baratas, mas será que elas são confiáveis?????
Por favor, me ajudem a escolher !!!

Registrado em: Sexta-Feira, 14 de Outubro de 2005
Mensagens: 1

Anúncios Google
Pneu
Preço De Pneu
Prix Pneu Dunlop
Pneu NA Moto
Pneu Anti Furo

PERFIL BUSCAR MP MSN ICQ

Anúncios Google

O Indomado
Piloto Master

Enviada: Sex Mar 10, 2006 12:45 pm

Dependendo do uso que vc faz da moto, pode ser que não valha a pena economizar o \$\$\$ e ficar com menos segurança...

Para tirar o melhor proveito no asfalto, recomendo o [michelin sirac](#),

Outros vao recomendar o [Mitas](#) (muito bonito e duravel)

para terra, vou deixar para os experientes falarem...

Agora, os mais baratos, para quem nao faz muita graça com a moto, são os rinaldi,

Outras considerações sobre o assunto podem ser vistas em: [pneus](#)

Se quiser saber tudo sobre pneus, recomendo uma olhada [aqui](#)

Espero ter ajudado 😊

Registrado em: Terça-Feira, 11 de Outubro de 2005
Mensagens: 2280
Localização: Campo Grande - RJ

Anúncios Google

Fox RJ
Piloto Master

Enviada: Qui Mar 16, 2006 4:45 pm

Com 17.000km troquei o **pneu** traseiro pelo Mitas... gostei... Hoje... com 19.000km troquei o dianteiro...


Depois colo as Fotos do E-07..

Abração
FOX

Registrado em: Quinta-Feira, 24 de Novembro de 2005
Mensagens: 2211
Localização: Niterói/RJ

Anúncios Google
Pneu Online
Moto Pneu
Pneu Pirelli
Pneu 16
Pneu Maxxis Quad

João rodrigo beraldo Trava Trilhas



Registrado em: Quinta-Feira, 3 de Novembro de 2005
Mensagens: 211
Localização: Brasília DF


Enviada: Sáb Mar 18, 2006 3:44 pm

Fox_RJ escreveu:
Com 17.000km troquei o **pneu** traseiro pelo Mitas... gostei... Hoje... com 19.000km troquei o dianteiro...
Depois colo as Fotos do E-07..
Abração
FOX

Não demora que eu também estou indo atrás de pneus e tô curioso pra ver esse mitas.
Valeu!! 😊

PERFIL BUSCAR MP MSN

Fox RJ Piloto Master




Registrado em: Quinta-Feira, 24 de Novembro de 2005
Mensagens: 2211

Enviada: Sáb Mar 18, 2006 8:03 pm

Acabei de chegar do moto-passeio... tô morto...
Amanhã... domingo... tiro as fotos e posto...
Mas pode comprar que é show de bola
Desenho bonito... bota a Torni imponente...
Parece maior...
FOX

Fox RJ Piloto Master



Registrado em: Quinta-Feira, 24 de Novembro de 2005
Mensagens: 2211
Localização: Niterói/RJ

Enviada: Dom Mar 19, 2006 11:22 am


Conforme prometido.... seguem as fotos... do E-07 MITAS - Os tamanhos são iguais ao do original (diant.90/90/21 e tras. 120/80/1 😊)

O traseiro... tem mais ou menos 2.000km (custou R\$ 310 - caro mais vale a pena)

O dianteiro comprei na quinta... tem de uso o passeio de ontem (R\$ 190)

Espero ter ajudado...
Abração
FOX

Bernardo Piloto Master



Registrado em: Segunda-Feira, 21 de Novembro de 2005
Mensagens: 2191
Localização: Belo Horizonte-MG \ São Mateus-ES

Enviada: Dom Mar 19, 2006 4:01 pm

minha tornado 2002 ainda tem os pneus originais !!!
e estão em ótima qualidade!!!! (ficaram qguardados)
jah vi tornado com o **pneu** rinaldi .
pareceu ser muito bom

FERRI #72
O medo é tao grande, que a concorrência amarelou !

João rodrigo beraldo

Enviada: Dom Mar 19, 2006 7:57 pm

Trava Trilhas



Registrado em: Quinta-Feira, 3 de Novembro de 2005

Mensagens: 211
Localização: Brasília DF

Fox_RJ escreveu:

Conforme prometido.... seguem as fotos... do E-07 MITAS - Os tamanhos são iguais ao do original (diant.90/90/21 e tras. 120/80/1)

O traseiro... tem mais ou menos 2.000km (custou R\$ 310 - caro mais vale a pena)

O dianteiro comprei na quinta... tem de uso o passeio de ontem (R\$ 190)
Espero ter ajudado...Abração
FOX

Ficou muito bom !!! Gostei bastante!

Tenho uma dúvida... => o mitas que encontrei aqui em Brasília é do mesmo desenho que o E -07 mas de tamanho 140. Será que cabe na tornado? A moto vai ficar pouco amarrada né?! Até o consumo deve subir...

PERFIL BUSCAR MP MSN

Fox RJ

Piloto Master



Registrado em: Quinta-Feira, 24 de Novembro de 2005

Mensagens: 2211
Localização: Niterói/RJ

Enviada: Dom Mar 19, 2006 9:04 pm

Acho que o 140 nem cabe... já surgiu esta discussão por aqui... não me lembro onde.

Se tivesse que recomendar... diria 120 mesmo... e ele parece até maior... mas é 120

FOX

Fox RJ

Piloto Master



Registrado em: Quinta-Feira, 24 de Novembro de 2005

Mensagens: 2211
Localização: Niterói/RJ

Enviada: Dom Mar 19, 2006 9:04 pm

Acho que o 140 nem cabe... já surgiu esta discussão por aqui... não me lembro onde.

Se tivesse que recomendar... diria 120 mesmo... e ele parece até maior... mas é 120

FOX

TAVA LÁ: 1º ENT Tiradentes MG; 2º ENT Camboriu SC; 3º ENT Cabo Frio RJ; 4º ENT Eldorado SP; 5º ENT Cumuruxatiba BA; 6o ENT Rio Quente....

CADA POVO TEM OS POLÍTICOS QUE MERECE.... O QUE VOCÊ MERECE??? Voto NULO pra mudar

PERFIL BUSCAR MP EMAIL MSN

alex

Administrador



Enviada: Dom Mar 19, 2006 9:17 pm

140 corre o risco de bater na balança... mas manda testar pra ver se cabe. Se couber deve ficar irado!

SAMUCA

Bicicross



Registrado em: Segunda-Feira, 28 de Novembro de 2005

Mensagens: 725
Localização: Belo Horizonte - MG

Enviada: Ter Mar 21, 2006 2:56 pm

Tenho um colega que colocou um 140/80-18 na traseira.

Cara, parece que vai pegar mas **não pega**. Ficou um trator!

A única coisa que tem que ser retirada é o protetor da mola(aquela capinha).

Mas tbm não passa nem um palito de picolé entre a balança e o **pneu**....: XR 250 03/03 :... **CAPACETE DE PEDRA**

PERFIL BUSCAR MP EMAIL MSN

allanmay

Moderador



Registrado em: Quarta-Feira, 12 de Outubro de 2005



Enviada: Qui Mar 23, 2006 2:55 am

esse **pneu** de 140 deve ficar irado..


eu queria colocar um desses..

mas qual seria o benefício?!?!?

II – Os discursos abaixo compõe o conjunto de interdiscursos do Fórum Oficina, do tópico “Qual é o melhor pneu?”. Os discursos abaixo compreendem a ativação no ano de 2007 da memória cultural coletiva do site, constituindo fonte para complementar a análise do discurso.

| | |
|---|--|
| <p>Márvio Fraldinha</p> <p>Registrado em: Terça-Feira, 16 de Janeiro de 2007 Mensagens: 5 Localização: São Luís-MA</p> | <p>Enviada: Sex Jan 26, 2007 10:40 am</p> <p>Amigos, sou motoqueiro novato e comprei uma tornado 2006/2007 que está com 280km rodados. Ainda estou me adaptando à moto. Só ando na moral no asfalto sempre que a moto começa a correr o barulho do pneu no asfalto fica muito alto, as vezes até mais do que o barulho feito pelo motor. É normal?????? Tem algo com a calibragem do pneu????? Ela veio com pneus METZELER, é uma marca boa?????</p> <p>Comentem.</p> |
| <p>Fritz Piloto Master</p>  <p>Registrado em: Quarta-Feira, 5 de Abril de 2006 Mensagens: 2148 Localização: Blumenau - SC</p> | <p>Enviada: Sex Jan 26, 2007 11:56 am</p> <p>É normal sim! Acime de 100km/h faz uma barulhera, parece um jeep com pneu fronteira andando no asfalto!</p> <p>O metzeler é um ótimo pneu, gruda bem no asfalto e não deixa passar barato no barro... o unico problema q ele gasta muito rapido, praticamente derrete! heheh</p> <p>Campanha, "USE O PESQUISAR" Evite tópicos repetidos, PESQUISE antes de criar!!</p> |
| <p>Márvio Fraldinha</p> | <p>Enviada: Sex Jan 26, 2007 12:14 pm</p> <p>Valeu Fritz, obrigado. Rapá o fórum aqui é muito massa!!!!!! Boas dicas e uma galera disposta a ajudar. GOSTEI !!!!!!!</p> |
| <p>allanmay Moderador</p>  <p>Registrado em: Quarta-Feira, 12 de Outubro de 2005 Mensagens: 6410</p> | <p>Enviada: Ter Jan 30, 2007 10:53 am</p> <p>comprei esse mitas e-07.. achei muito bom, recomendo!!! na terra é um espetáculo, na trilha então.. haehaeh</p> <p>"PESQUISAR"</p> |
| <p>VENTANIA Bicicross</p> <p>Registrado em: Segunda, 3 de Abril de 2006 Mensagens: 644 Localização: SÃO PAULO - SP</p> <p>Inícios Google ou Mea Vida ou 118 80 18 ou XR Tornado ou Honda Biz ou Kenda K300</p> | <p>Enviada: Ter Jan 30, 2007 11:23 am</p> <p>Os originais são ótimos pneus, mais muito caros.</p> <p>Como os meus terão de ser trocados logo, tenho perguntado para vários motoboys sobre os MAGION VIPER.</p> <p>O dianteiro custa 70,00 e o trazeiro 88,00, aqui em sampa. Já perguntei, nas ruas, para mais de 20 motoboys que estavam usando os magion, se prestam no asfalto seco.....todos disseram que é muito bom. E no asfalto molhado, com chuva, disseram também, que não escorrega nada não.</p> <p>Sempre que pergunto, insisto em dizer.....não escorrega mesmo na chuva e as respostas sempre são mais ou menos, as mesmas.....não. Tres deles já me falaram, em rápida conversa de farol fechado, que andaram 200 km em dia de chuva e pneu nunca escorregou.</p> <p>Como os motoboys, são de esmerilhar, por causa que trabalham com horário programado, estou acreditando na conversa deles e como já disse num outro tópico, acho que vou de magion na hora da troca.</p> <p>É lógico que os Metzeler, Michelin, Pirelli, Mitas.....são melhores, mas para o dia a dia na cidade e uma estrada de terra com umas trilhinhas médias de vez em quando, acho que os MAGION vão dar conta.</p> |

digaum2003
Bicicross



Registrado em: Domingo, 29 de Janeiro de 2006
Mensagens: 648
Localização: Bauru - SP

Anúncios Google
[Pneu Online](#)
[Moto Pneu](#)
[Pneu Pirelli](#)
[Pneu Maxxis Quad](#)
[Tornado Yamaha](#)

Enviada: Seg Fev 12, 2007 12:03 pm

Bom pessoal, pra variar, mais um aqui com **pneu** comido... 7700Km e o metzeler já tá careca, nem 2 mm de sulco no meio dele...
Agora tudo indica que vou pegar um mitas E-08, porém o maior problema reside no fato de que não há representante da mitas aqui em Bauru, e nenhuma loja vende esse **pneu**...
Onde será que eu poderia encontrar esse **pneu** pra comprar?
Queria um lugar confiável, que pudesse me enviar o **pneu** por encomenda.
Alguém tem alguma dica?
E os preços, como estão?

Vlw galera

[]s

Fritz
Piloto Master



Registrado em: Quarta-Feira, 5 de Abril de 2006
Mensagens: 2148
Localização: Blumenau - SC


Enviada: Seg Fev 12, 2007 12:37 pm

<http://www.motobiu.com.br/secao.asp?cs=36>

Campanha, "USE O PESQUISAR"
Evite tópicos repetidos, PESQUISE antes de criar!!

PERFIL BUSCAR MP MIN MSN ICB

digaum2003
Bicicross




Registrado em: Domingo, 29 de Janeiro de 2006

Enviada: Seg Fev 12, 2007 12:53 pm

Valeu Fritz!!! Agora sim! 😊
Galera, foi mal, falha minha, há um mês atrás, quando entrei no site da mitasbrasil, não tinham revendas na minha cidade nem na região. Agora entrei lá novamente tem uma revenda (pequena) aqui em Bauru, e outra revenda (também pequena) em Jaú. que é pertinho daqui.
Vou ligar lá hoje quando sair do trampo e ver se tem o E-08 nas medidas da tornado 😊
Se tiver, melhor! Caso não tenha em nenhuma, aí vou precisar estudar a compra pelo site

Abraços e valeu a atenção Fritz!!

digaum2003
Bicicross



Registrado em: Domingo, 29 de Janeiro de 2006
Mensagens: 648
Localização: Bauru - SP

Enviada: Sáb Fev 17, 2007 12:35 am


Pessoal, pra quem usa mitas vai uma pergunta
Eu entrei em contato com o SAC deles e as medidas que vendem são: 110/80 18 ou 130/80 18
Como na torn é 120, acho que vou ficar com o 130.
O 110 custa 260 e o 130 já pula pra incríveis 330! 😞

Vocês usam qual?
Vlw

[]s

PERFIL BUSCAR MP

allanmay
Moderador




Registrado em: Quarta-

Enviada: Sáb Fev 17, 2007 6:44 am

agora fiquei na dúvida!!! vou ter que ver... haheah

Fritz
Piloto Master



Registrado em: Quarta-Feira, 5 de Abril de 2006
Mensagens: 2148
Localização: Blumenau - SC

Enviada: Sáb Feb 17, 2007 7:36 am
<http://jarva.com.br/mitasbrasil/trail.htm>


Ai fala das medidas e realmente digaam, o e-08 só tem essas.
Ja o e-07 tem 120/80-18! 😊

Campanha, "USE O PESQUISAR"
Evite tópicos repetidos, PESQUISE antes de criar!!

PERFIL BUSCAR MP WWW MSN ICQ

Rinaldi e Levorin

allan
Fraldinha



Registrado em: Segunda-Feira, 12 de Marco de 2007


Enviada: Seg Mar 12, 2007 4:51 pm

Cara estou com um Rinaldi 3.00 na dianteira e um Levorin na traseira 120/100....optei pelo Levorin na tras. pq ele tem 3 cravos no meio....e o Rinaldi só tem 2.

Allan Velcic - Rota Aventura
Bonito - MS

III – Os discursos abaixo compõe o conjunto de interdiscursos do Fórum Oficina, do tópico “Qual é o melhor pneu?”. Os discursos abaixo compreendem a ativação no ano de 2008 da memória cultural coletiva do site, constituindo fonte para complementar a análise do discurso.


LeoDutra
Roiá




Registrado em: Domingo, 25 de Mai de 2008
Mensagens: 67
Localização: Sobral/CE

Enviada: Ter Jul 15, 2008 2:23 am

Lá no site da Mitas tem **pneu** tipo cross e tipo enduro, **qual** é o **melhor** pra areia? Areia bem frouxa, daquelas que quando vc para quase não consegue sair.
+/- como o que esta na parte de baixo da foto.




Entrada da Pousada Portugal. Jijoca de Jericoacoara/CE



[PERFIL](#) [BUSCAR](#) [MP](#) [EMAIL](#) [MSN](#)

allanmay
Moderador



Registrado em: Quarta-Feira, 12 de Outubro de 2005
Mensagens: 6410
Localização: Curitiba - PR

Enviada: Ter Jul 15, 2008 8:57 am

segundo o Bernardo, o **melhor** pra areia é o PIRELLI LAGUNACROSS.. tem dois modelos lá..

"PESQUISAR"
não tenha medo, ele não morde!!!

[PERFIL](#) [BUSCAR](#) [MP](#) [EMAIL](#) [MSN](#)